

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA



DISSERTAÇÃO

SINGULARIDADES DO FUTEBOL DA CIDADE DE RIO GRANDE/RS
NA DÉCADA DE 1930

FERNANDO GODINHO LIMA

Orientador: Luiz Carlos Rigo

PELOTAS, RS

2014

FERNANDO GODINHO LIMA

**SINGULARIDADES DO FUTEBOL DA CIDADE DE RIO GRANDE/RS
NA DÉCADA DE 1930**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Pelotas, como requisito à obtenção do título de Mestre em Educação Física

Orientador: Luiz Carlos Rigo

Pelotas, 2014

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas

Catálogo na Publicação

L732s Lima, Fernando Godinho

Singularidades do futebol da cidade de Rio Grande/RS na década de 1930 / Fernando Godinho Lima ; Luiz Carlos Rigo, orientador. - Pelotas, 2014.

140 f. : il.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Escola Superior de Educação Física, Universidade Federal de Pelotas, 2014.

1. Futebol. 2. Memória. 3. Década de 1930. 4. Rio Grande/RS 796.33. I. Rigo, Luiz Carlos, orient. II. Título.

CDD : 796.33

Elaborada por Patrícia de Borba Pereira CRB: 10/1487

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Luiz Carlos Rigo (UFPel) (Orientador)

Prof. Dr. Alan Goularte Knuth (FURG)

Prof. Dra. Méri Rosane Santos da Silva (FURG)

RESUMO

LIMA, Fernando Godinho. **Singularidades do futebol da cidade de Rio Grande/RS na década de 1930**. 2014. 140f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação Física. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.

Os anos 1930 reservam uma quantidade significativa de acontecimentos marcantes para o futebol, tais como o processo de profissionalização, a constituição ou consolidação das rivalidades e as constantes brigas. Estas características singulares, adicionadas a um espaço de proliferação na sociedade brasileira faz desta década um período importante para o esporte. Em meio a este cenário, os clubes da cidade de Rio Grande/RS chegaram a suas maiores façanhas futebolísticas, os três campeonatos estaduais, nos anos de 1933, 1936 e 1939. A proposta deste estudo foi investigar e contextualizar a prática futebolística na cidade nesta época, problematizando os seus principais componentes (estádios, assistências aos jogos, excursões, etc.) e analisando as peculiaridades que envolviam os maiores clubes da cidade. Para alcançar esses objetivos, utilizamos o jornal “O Tempo” - periódico de circulação local no período pesquisado - como a principal fonte de dados. Foram analisados os exemplares entre 1º de janeiro de 1930 e 28 de janeiro de 1940. Com esta pesquisa, observamos que os riograndinos estavam inseridos no âmbito futebolístico em suas diversas singularidades. A proliferação do futebol pode ser notada pela grande repercussão nos jornais e nos inúmeros clubes/times espalhados pela cidade, as rivalidades e brigas entre os principais clubes locais e destes com os clubes da cidade de Pelotas são assuntos recorrentes durante toda a década pesquisada, já o profissionalismo, aparece de maneira mais discreta e encoberta, mas, também é um tema relevante no âmbito local. Por fim, identificamos que estas singularidades fizeram parte da estrutura, da organização e das conquistas do futebol local na década pesquisada, tornado-se um período relevante para o futebol riograndino.

Palavras-chave: futebol; memória; década de 1930; Rio Grande/RS

ABSTRACT

The 1930s reserve a significant amount of significant events for football, such as the professionalization process, constitution or consolidation of rivalries and constant fighting. These special features, added to a place of spread in Brazilian society do an exponent of this decade period for the sport. Among this scenario, the clubs of the city of Rio Grande / RS have reached its greatest footballing feats, three state championships in the years 1933, 1936 and 1939. Therefore, the purpose of this study was to investigate and contextualize the football practice in the city this season and questioning the main components (stadiums, assistance the games, excursions, etc...) and analyzing the peculiarities that involved the biggest clubs in the city. Order to achieve our objectives we used the newspaper "O Tempo" - periodic local circulation in the period surveyed - as the main data source. The samples between 1 January 1930 and 28 January 1940 were analyzed. Through this study, we found that riograndinos were inserted in the football context in its many singularities. The football proliferation may be seen by great repercussion in newspapers and numerous clubs / teams scattered around the city, rivalries and fights among the main local clubs and these clubs with the city of Pelotas are recurring subjects throughout the decade studied, on the other hand, the professionalism appears the most discreet and covert way, but is also a relevant issue at your local. Finally, we identified that these singularities have been part of the structure, organization and achievements of local football in the decade studied, becoming a relevant period for riograndino football.

Keywords: football; memory; 1930s; Rio Grande / RS

SUMÁRIO

1. INTROUÇÃO.....	09
1. 1. A Cidade de Rio Grande.....	10
1. 2. Construção da Pesquisa.....	17
1. 3. Objetivos.....	24
2. METODOLOGIA DA PESQUISA.....	25
2. 1. Jornais.....	25
2. 2. Coleta dos Dados.....	28
3. FUTEBOL RIOGRANDINO DA DÉCADA DE 1930.....	32
3. 1. Clubes – Times.....	33
3. 2. Estádios – Campos.....	42
3. 3. Competições Locais.....	50
3. 3. 1. Campeonato Local.....	50
3. 3. 2. Torneios.....	53
3. 3. 3. Taças.....	55
3. 3. 4. Jogos Festivos.....	56
4. OS DESLOCAMENTOS: Excursões e Mobilização dos Torcedores.....	60
4. 1. Interior.....	62
4. 2. Capital e Eixo RJ-SP.....	67
4. 3. A Importância dos Bondes para o Futebol.....	70
5. AS RIVALIDADES E A CONQUISTA CATURRITA DE 1933.....	77
5. 1. Rivalidade Local.....	78

5. 2. Rivalidade Regional.....	82
5. 3. 1933: O Primeiro Título Estadual Riograndino.....	86
6. BRIGAS E O TÍTULO TRICOLOR DE 1936.....	92
6. 1. As Brigas.....	94
6. 2. Vovô Campeão Estadual de 1936.....	100
7. O PROFISSIONALISMO E A ASCENSÃO DO GURI TEIMOSO.....	104
7. 1. Considerações sobre o Profissionalismo na Década de 1930.....	104
7. 2. Notas sobre o Profissionalismo Gaúcho e Riograndino.....	108
7. 3. O Caso do Campeonato Estadual.....	111
7. 4. O Triênio Colorado.....	114
7. 4. 1. 1937: Primeiro Ano da Ascensão do F. C. Rio-Grandense.....	115
7. 4. 2. 1938: Vice De Novo.....	116
7. 4. 3. 1939: F. C. Rio-Grandense Campeão Estadual.....	119
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	122
REFERENCIAL.....	126

1. INTRODUÇÃO

Rio Grande é uma cidade localizada no extremo sul do Brasil, na região que costeia a “margem sul do estuário que conduz o Oceano Atlântico¹”, a Lagoa dos Patos (fig. 01). Está distante, aproximadamente, trezentos e vinte quilômetros da capital do estado do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Em números atuais, segundo o site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 2013, possui 206.161 habitantes².

Figura 01 e 02: Mapas da localização de Rio Grande



Fonte: <http://brasilrepublica.com/riograndedosul>. Acessado em 10 de agosto de 2013.

¹ Site: <http://riograndeturismo.com.br>. Acessado em 12 de março de 2013

² Site: <http://ibge.gov.br>. Acessado em 23 de dezembro de 2013

1. 1. A Cidade de Rio Grande: a fundação do município, o porto e o início do século XX

A história da cidade nasce no século XVI quando surgiram os primeiros navegadores no Atlântico Sul. Eles idealizaram que o canal da Lagoa dos Patos, o qual interrompia extensas áreas arenosas, fosse um grande rio, o que deu origem ao nome da cidade e do próprio Estado do Rio Grande do Sul.

Como indício maior de sua relevância histórica, Rio Grande é a “cidade mais antiga do Estado do Rio Grande do Sul³”, fundada no dia dezanove de fevereiro de 1737, pelo comandante de uma expedição militar portuguesa, cujo objetivo era assegurar aos lusitanos as posses das terras do sul, o comandante em questão era Brigadeiro José da Silva Paes. Nesta época, a cidade passava por uma fase em que portugueses e espanhóis estavam em duras batalhas pelo território, que hoje pertence ao Rio Grande do Sul.

O município representava um ponto estratégico para a instalação de um reduto militar, motivo de muita cobiça.

A fundação da primeira vila da Província do Rio Grande do Sul abriu uma porta para o ingresso de tropas militares em qualquer ponto do Estado devido à facilidade oferecida pelo porto marítimo. Nascia a colonização do Rio Grande do Sul. Rio Grande se firmou no cenário da época. Mas, em 1763, a história mudou. Os espanhóis, insatisfeitos em não dominarem Rio Grande, cujo território achavam lhes pertencer, invadiram e dominaram o município. A guarda portuguesa não suportou a carga desferida pelos soldados espanhóis e fugiu [...] A ocupação da cidade de Rio Grande pelas forças do exército espanhol durou 13 anos, tempo em que foi dominada pela Coroa da Espanha. (ZERO HORA, Origens do Rio Grande, 04 de dezembro de 1996, p.2).

Para exemplificarmos o exposto acima, ilustramos o interesse espanhol pelo território riograndino, com uma carta utilizada para navegação na costa que abrange a cidade de Rio Grande.

Figura 03: Carta de navegação Espanhola, datada na segunda metade do século XVIII.

³ Site: <http://riograndeturismo.com.br>. Acessado em 7 de abril de 2013.

1885, organizaram comissões que propuseram a criação de molhes convergentes na barra⁴.

Em 1908, devido às dificuldades do engenheiro Cortheill em conseguir, nos EUA, o capital necessário à execução das obras, constituiu-se, em Paris, a "**Compagnie Française du Port du Rio Grande do Sul**", com capitais europeus, à qual foi transferido o contrato, através do decreto nº 7.021, de 09 de julho de 1908. Dois anos depois, iniciaram-se efetivamente os trabalhos de construção dos molhes e do novo porto (Jornal Agora, 12 de novembro de 2010. p. 7).

Em 1º de março de 1915, o novo porto de Rio Grande foi inaugurado com a chegada do navio-escola Benjamin Constant, da Armada Nacional, que transpôs a Barra. Atracou no cais em meio a solenidades festivas⁵.

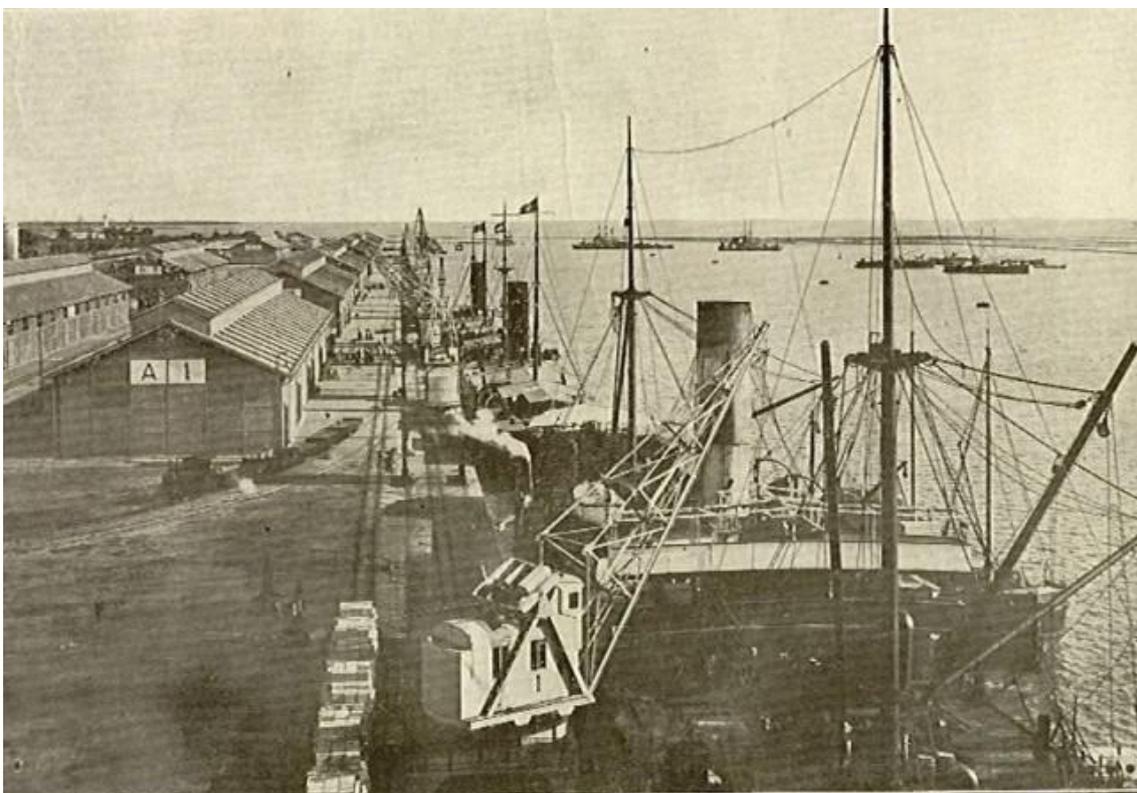
A concessão portuária foi passada ao estado do Rio Grande do Sul no ano de 1934. A União renovou o contrato pelo prazo estipulado de 60 anos, que incluía a manutenção de hidrovias do Estado. Em 1994, expirou o prazo do Contrato de Concessão Portuária ao Estado, que foi prorrogado até 31 de março de 1997, ano em que foi "assinado o Convênio nº 001/97 - PORTOS/97, que delegou ao Estado do Rio Grande do Sul a administração e a exploração dos portos de Rio Grande, Pelotas, Porto Alegre e Cachoeira do Sul por mais 50 anos" (Jornal Agora, 12 de novembro de 2010. p.7).

Após este período, a condição de único porto marítimo do estado, no qual passavam os imigrantes e o comércio internacional, aliada à riqueza pesqueira e agropecuária da região, atraíram os colonizadores europeus que, posteriormente, definiram as bases econômicas da cidade: atividades portuárias e pesqueiras, refinação de petróleo, indústria e comércio (Bezerra et. al. 2009).

Figuras 04, 05 e 06: Fotos do Novo Porto de Rio Grande

⁴ <http://portoriogrande.com.br>. Acessado em 23 de setembro de 2013.

⁵ Idem



Estado do Rio Grande do Sul -- Porto do Rio Grande -- Vista geral do novo porto



Fonte: Jornal Agora, 12 de novembro de 2010. p. 5 e 6.

Base socioeconômica do início do século XX

Por volta de 1870 o estado do Rio Grande do Sul passava por um momento singular, a industrialização chegava com força. A industrialização do estado contou com dois pólos de destaque: os pólos de Rio Grande – Pelotas (região sul) e Porto Alegre (região norte). Loner (2001) explica que estes dois pólos não tinham ligações comerciais entre si, cada um deles tratava de comercializar diretamente com o restante do mercado nacional, travando uma concorrência forte com as outras regiões do país. E a economia da região estava fortemente ligada às exportações, que se tornaram peça chave para o desenvolvimento socioeconômico de Rio Grande e Pelotas.

A região sul elevou o patamar de sua economia juntamente ao porto de Rio Grande. O desenvolvimento da região culminou com o crescimento da exportação de, principalmente, tecidos e charque. Mas, também, os ramos de industrialização de couros e conservas alimentícias movimentavam a economia da região.

O pólo sulista se manteve forte até meados de 1920 quando a produção de charque declinou devido à concorrência do charque platino. Com a queda das vendas do seu principal produto, a região sul foi superada pela região norte. Além disto, o ramo de empresas maiores e mais diversificadas e a melhor localização para o transporte terrestre (ferroviário) favoreceu Porto Alegre a se tornar o grande centro econômico do estado, sobrepujando o pólo sul (LONER, 2001). Bandeira (1994) explica que a posição geográfica, mais central que Porto Alegre tem em relação às cidades de Rio Grande e Pelotas, facilitaram o fortalecimento da cidade. Como o ponto chave da malha ferroviária do estado, Porto Alegre comercializava com diversas regiões e inclusive apanhava grande parte da produção da região sul.

Outra característica marcante desta época era a população urbana da cidade de Rio Grande. Conforme Loner (2001), na década de 1920 o município tinha 53.607 habitantes e, aproximadamente, 43.000 habitavam a zona urbana da cidade, ou seja, praticamente 90% da população riograndina era urbana. O que levou este percentual foi o grande número de indústrias localizadas na parte mais central da cidade que, conseqüentemente, colocava a população próxima ao centro. Esta característica de indústrias próximas umas das outras e em uma zona central da cidade acarretou na formação de uma forte classe operária, que anos mais tarde foi fundamental para os progressos trabalhistas dos riograndinos⁶.

Em linhas gerais, Rio Grande é uma “cidade marcada por um viés comercial e administrativo, em que a presença do porto marítimo era um elemento de destaque na vida da cidade” (Loner, 2001. p.92). Até o início dos anos 1930 se caracterizou pelas exportações direcionadas preferencialmente ao porto do município. Contava com um grande parque industrial para a movimentação de suas mercadorias, que era sua base socioeconômica.

Os anos de 1930 também marcaram historicamente a cidade e o país, pois, Conforme Loner (2001. p. 387)

A Revolução de 30 abriu uma perspectiva inédita no Estado em termos políticos. Pela primeira vez, as forças políticas regionais estavam unificadas, o que lhes possibilitou desequilibrar a tradicional estrutura e poder na República Velha com a Aliança Liberal e a Revolução de 30, iniciando uma série de transformações estruturais no Estado Brasileiro.

⁶ Para saber mais, ler Loner, 2001.

Com chegada de Getúlio Vargas à presidência em 1930 e o surgimento do Partido Republicano Liberal em 1932, o governo passou a centralizar as ações. O poder regional sucumbiu a um poder central, houve um alinhamento das decisões, que tinha Vargas como o grande mentor (Trindade, 1979)⁷.

No quesito econômico, a década de 1930 se caracterizou como o período de reorganização da região sul. Desde 1920 as cidades sulistas passavam por um declínio nas suas exportações e conseqüentemente em sua economia. A queda causou mais prejuízos à cidade de Pelotas que precisou se reorganizar. A cidade foi fortemente castigada e teve que se readaptar ao mercado, passando a desenvolver outros ramos comerciais. Além do charque, passou a exportar arroz e conservas. Já, Rio Grande, não sofreu tanto com o declínio de exportação, pois o porto da cidade e a sua localização na malha ferroviária do estado recuperaram rapidamente a economia (BANDEIRA, 1994). Mas, a cidade teve no porto o seu maior aliado. Rio Grande tinha grande participação na exportação dos ramos: têxtil; alimentício; vestuário, e industrial. “Nesses ramos, eram algumas indústrias que, praticamente, faziam a diferenciação, com os altos valores de sua produção” (Loner, 2001. p. 390).

Como as indústrias riograndinas estavam localizadas no centro da cidade, a população se concentrava, basicamente, na zona urbana. Números do início de 1940 representam o que foi os anos de 1930. Os mesmos apontavam que a população rural de Rio Grande apresentava uma parcela pífia, pois, de um total de 60.802 habitantes, 51.331 pessoas estavam na cidade ou nos subúrbios. Além disto,

Rio Grande possuía 56.316 brasileiros natos e 546 naturalizados, enquanto os estrangeiros eram em número de 3.932, representando 6,4% apenas da população. Quanto à cor, a cidade rio-grandina contava com 53.121 brancos, 6.902 pretos e 717 pardos, enquanto amarelos e cor não declarada somava cada um, 31 indivíduos. Reunindo pardos e negros, encontrava-se um total de 7.619 pessoas, 12,5% da população, o que constituía um percentual baixo, em comparação com aquele de 27,48% de negros e pardos encontrados para 1888, indicando, ou uma possível imigração para outros centros, ou o desaparecimento por inclusão em outros grupos (LONER, 2001. p. 391)

A cidade de Rio Grande dos anos 1930 se caracterizou por ter uma população que trabalhava e morava na zona urbana da cidade e por ter conseguido

⁷ Para saber mais, ler Trindade, 1979.

reorganizar a economia da cidade com as exportações provenientes ao porto. E, mesmo durante sua queda, Rio Grande tinha prestígio em suas exportações, sendo uma referência econômica para outras cidades, pois, passado o momento de declínio, o município se manteve muito por conta das comercializações feitas em décadas passadas, quando o poderio econômico da cidade era maior.

1. 2. Construção da Pesquisa

Nesta dissertação, idealizamos pesquisar as memórias do futebol de Rio Grande e, para isto, ponderamos as possibilidades de análise. Encontramos dados de pelo menos cento e treze anos de história de futebol, desde a fundação do Sport Club Rio Grande, na data de dezanove de julho de 1900. Este é um dos primeiros clubes de futebol da cidade e do país, tendo sua origem em meio a outros tantos que não prosperaram⁸. Assim, tal clube se tornou uma referência para a origem do futebol na cidade e para esta pesquisa.

Logo no início das investigações, nos deparamos com a necessidade de nos concentrarmos na análise de um período histórico e acentuado desta cidade. Seguindo com o intuito de pesquisar as memórias do passado futebolístico dos riograndinos, tivemos algumas dúvidas sobre qual tema abordar. Entre tantos momentos e acontecimentos marcantes, escolhemos o período que abarca os títulos mais importantes para o município, a década de 1930. Tal período se destaca, pois três dos clubes da cidade foram campeões estaduais: Sport Club São Paulo, em 1933, Sport Club Rio Grande, em 1936 e Football Club Rio-Grandense, em 1939⁹.

Estes feitos relacionados acima contribuíram para o futebol da cidade de Rio Grande galgar um novo patamar no futebol gaúcho. Além disto, outra questão que coloca este período como sendo de suma importância, é o fato dos clubes

⁸ A Confederação Brasileira de Futebol (CBF) considera que o S. C. Rio Grande é o clube de futebol mais antigo do Brasil, em atividade ininterrupta.

⁹ O S. C. Rio Grande, S. C. São Paulo e F. C. Rio-Grandense, são considerados os maiores clubes da cidade. Avaliação feita pela própria imprensa local, embasada na trajetória de conquistas e pelo grande número de torcedores.

riograndinos jamais conseguiram repetir as conquistas alcançadas na década em destaque.

Além de ser um marco histórico em relação às conquistas do futebol da cidade, a década de 1930 também é uma referência de grandes modificações no cenário futebolístico. Fatores como o profissionalismo (maior interesse em remunerar seus jogadores), a massificação do esporte (proliferação do esporte) e a acentuação das rivalidades (entre os clubes e entre os países), são marcas desta época¹⁰ (GUTERMAN, 2010; RIGO, 2004).

Após esta delimitação, indicamos que a proposta desta dissertação foi pesquisar a configuração do futebol riograndino durante a década de 1930, ou seja, analisar a estrutura, a organização e os processos que envolveram o futebol riograndino neste período. Para a pesquisa, nos valem do que Kunz (2003) indica, fizemos uma análise dos processos e das suas particularidades, ou seja, não nos detemos somente nas conquistas campais, os desdobramentos e contextos também foram analisados.

Para uma melhor compreensão da escolha deste assunto, revelo que a proximidade com o futebol vem desde os anos de 1990. Na minha infância o gosto pelos esportes apareceu, mas ele se destacou quando acompanhava meu pai nos jogos pela cidade e quando viajávamos até Porto Alegre para acompanhar o Inter. Em Rio Grande torço pelo São Paulo.

Nasci e cresci acompanhando todos os jogos de futebol possíveis seja pelo rádio, televisão, internet ou no estádio. Depois de algum tempo, analisando o resultado de tudo isto, considero que adquiri grande apreço e discernimento pelo esporte, sendo que me tornei um torcedor assíduo.

Sobre a profissão, com o passar dos anos, com todo esse envolvimento com o futebol, a vontade de trabalhar na área esportiva culminou com a entrada no curso de Educação Física. Já, a aproximação com o tema da pesquisa, vem do passado futebolístico da cidade de Rio Grande, que apresenta um rico histórico. Assim, por ser um profundo admirador do esporte e por ter grande anseio de entender os

¹⁰ Tais temas serão mais bem analisados no decorrer da pesquisa.

contornos do passado e das memórias dos clubes de futebol da cidade optei por dissertar sobre o este tema.

Indo além da minha aproximação com os esportes, o fato de “Rio Grande [...] apresentar traços culturais fortíssimos de clubes antigos que, por via de fatos e conquistas, traçaram uma história esportiva-cultural muito forte” (SILVEIRA e FRANÇA, 2009, p.2), demonstra a relação íntima da cidade com os esportes. Os mesmos autores expõem que os riograndinos demonstram, através da fundação de clubes esportivos e pelo grande número de torcedores nos estádios ou praças esportivas, uma grande admiração por diversas modalidades esportivas.

Como podemos observar na apresentação, a cidade de Rio Grande pode ser considerada como uma das principais do estado, no quesito história, contribuindo com inúmeros acontecimentos expressivos e marcantes¹¹. Não menos importantes, existem também os relacionados aos esportes como: o mais antigo clube de futebol em atividade ininterrupta do país, o Sport Club Rio Grande, fundado em 19 de julho de 1900; e é evocado como introdutor do basquete no estado do Rio Grande do Sul, o Clube de Regatas Rio Grande, fundado em 22 de agosto de 1897¹².

Destacamos que a relação da cidade com o futebol é intensa, pois é um esporte que se salienta na história do município. Algumas características de Rio Grande foram marcantes para o surgimento e o crescimento do futebol, no município e região.

No início do século XX, Rio Grande era um polo de trocas econômicas e socioculturais. Vários navios que aportaram na cidade, além das cargas e dos tripulantes, trouxeram bolas de futebol, uniformes, estatutos de clubes esportivos, regamentos impressos do futebol e jornais europeus que comentavam e incentivavam a prática do novo esporte. Junto com esses componentes do futebol moderno chegaram também os primeiros futebolistas, que haviam praticado o futebol no velho continente. Nesse sentido, sem menosprezar a importância que tiveram indivíduos como

¹¹ Além daqueles citados na apresentação, apresentamos mais alguns feitos como: a mais antiga Biblioteca do Estado – Biblioteca Rio-grandense (1846); A mais antiga igreja do sul do Brasil – Catedral de São Pedro (1755); A primeira Banda Marcial Colegial do Brasil - "Colégio Lemos Júnior" (1956); Prédio-monumento da Alfândega, mandado construir por D. Pedro II (1874); Primeira Câmara de Comércio do Estado (26/09/1844) e a 4ª mais antiga do Brasil; Primeira Câmara de Vereadores do Rio Grande do Sul (16/12/1751); Primeira sede da Capitania do Rio Grande de São Pedro (13/08/1760). **Fonte:** Prefeitura da cidade. Site: <http://riogrande.rs.gov.br>, Acessado em 10 de outubro de 2013.

¹² Fonte: <http://riogrande.rs.gov.br>. Acessado em 10 de outubro de 2013.

Minnemman, a condição de cidade portuária foi fundamental para Rio Grande se tornar um pólo pioneiro do futebol brasileiro. Nesse processo pioneiro, os migrantes europeus e os seus descendentes desempenharam um papel fundamental, como pode ser percebido pela presença destacada que possuem os alemães e os ingleses entre os nomes que constam na lista oficial dos fundadores do S. C. Rio Grande (RIGO, 2013, p. 41).

A chegada do futebol no Brasil se deu através de imigrantes europeus que traziam um esporte em que a elite predominava. Durante as primeiras décadas do século vinte a prática do futebol se disseminou, chegando às classes mais populares (SEVCENKO, 1992). A sua acessibilidade tornou o futebol um modelo de novo estilo de vida urbano, um homem mais dedicado aos esportes, o “estilo esportivo”¹³.

Ainda sobre os anos 1930, Rigo (2004) afirma que no início da década o esporte “já havia extrapolado as amarras ideológicas e estruturais que o condicionavam a ser apenas um costume distintivo das elites, como fora no início do século” (p. 121). O futebol era jogado em campos improvisados e por pessoas que não pertenciam a mais alta classe social, fato que causou grande estranhamento, pois quem exaltava o esporte como nobre, elegante e saudável, passou a criticá-lo e desqualificá-lo (RIGO, 2004). Assim, depois de sua inserção nas diversas classes sociais, o esporte passou a ser mais vigiado e disciplinado¹⁴. Como podemos observar o processo de popularização foi conturbado.

Em meio a essa popularização, as copas do mundo e a seleção brasileira também tinham papel importante nas configurações do futebol. Além disto, a Era Vargas, compreendida entre os anos de 1930 e 1945, também foi determinante no crescimento do esporte no Brasil. Getúlio, seguindo os passos do fascismo adotado no continente europeu, tinha no esporte uma fonte de mobilizar o povo. Naquele tempo, o melhor esporte para se fazer isto era o futebol (GUTERMAN, 2010).

Sobre a organização e gerenciamento do esporte brasileiro, Negreiros (1995) afirma que “este período se mostra ímpar com relação aos esportes no país, em função das inúmeras preocupações por parte do Estado – como de sujeitos diretamente ligados ou não – em especial para o futebol, o esporte mais popular da

¹³ Para saber mais, ler Svecenko, 1992.

¹⁴ Idem.

época” (p.175). Ainda sobre o regime adotado por Getúlio Vargas, no Estado Novo, a meta era acabar com o regionalismo existente no país, concentrando o poder no chefe de Estado. Neste sentido, Negreiros (1995) afirma que “os dirigentes do governo brasileiro sentiam falta de uma organização adequada, para uma correta prática das modalidades esportivas” (p. 176). Então, resolveu influenciar na estrutura do esporte nacional.

Durante a década de 30 do século XX, na esfera político - esportiva, o Brasil passava por um momento singular em sua história, pois Getúlio via no esporte uma forma de destaque dos mais fortes, dos superiores e esta era exatamente a imagem que Vargas queria passar do Brasil para o resto do mundo. Esta nova conjuntura era fortalecida com a adoção desta nova política populista, cujo “fenômeno abriu a era da política de massas, que desafiaria a democracia liberal em todo o mundo – o Brasil não seria exceção” (GUTERMAN, 2010. p. 70)

As Copas do Mundo de Futebol que perpassaram a década de 1930 davam uma ideia de alguns desdobramentos do futebol.

Na copa de 1934, a Itália era liderada por Mussolini e o fascismo teve grande influência nas ações do ditador naquele país. Algumas decisões mexiam com o futebol e com a identidade nacional do país. Como indica Guterman (2010. p. 71)

Mussolini centralizou a institucionalização do futebol, mandou construir estádios em todo o país e tentou usar o esporte como elo nacional, criando uma seleção que seria imbatível nos anos – ganharia duas copas do mundo e uma olimpíada. A equipe italiana não era apenas um punhado de jogadores. Eram “gladiadores”, de quem dependia a honra da Itália como nação. A onipresença desse esporte era a chave do fascismo para criar a sensação de unidade necessária para os projetos de regime e para ideia da formação de “novo homem”.

Getúlio Vargas compartilhava dos ideais estabelecidos pelo fazer político através do populismo. Como lembra Loner (2001), “propostas e correntes, anteriormente apenas intuídas, como o integralismo e o nazi-fascismo agora se apresentavam, disputando ideologicamente a hegemonia na sociedade” (p. 388). E, durante a era Vargas, o governo brasileiro compreendeu os esportes como determinantes na sua função social, para superação das diferenças do povo. Por

esses motivos, passava-se por um período de forte investimento nos esportes e, conseqüentemente, no futebol.

Antes da copa de 1934 e das ações adotadas por Mussolini naquele campeonato, a realização da primeira copa do mundo de futebol, no Uruguai, em 1930, também mexeu com as estruturas do futebol. Foi um evento que se originou das divergências sobre o funcionamento das competições chanceladas pelo Comitê Olímpico Internacional (COI) e pela Federação Internacional de Futebol (FIFA), entidades que davam as diretrizes do futebol internacional. Em uma clara e manifesta intenção de transformar o futebol em um esporte profissional, a FIFA decide por organizar o torneio, sem o consentimento do COI, que por sua vez queria manter o esporte no amadorismo. A copa de 1930 pode ser considerada um ponto de partida para este processo de profissionalização do futebol (GUTERMAN, 2010).

Já, em 1938, a seleção que representava o Brasil era “uma seleção assumidamente miscigenada, e pela primeira vez representativa do que havia de melhor no futebol já profissionalizado no país” (WISNIK, 2008. p. 183-184)¹⁵. Após duas participações abaixo do esperado, com derrotas para seleções de pouca expressão no cenário do futebol, em 1938, o Brasil teve vitórias sobre Polônia, Tchecoslováquia, Suécia e uma derrota para a Itália. Esta nova configuração miscigenada da seleção lhe deu um maior poderio futebolístico, tanto que o Brasil foi eliminado nas semifinais pela Campeã, a seleção italiana. “A copa deu matéria suficiente para a construção de uma imagem renovada e afirmativa do papel destinado ao futebol brasileiro no mundo” (WISNIK, 2008. p.193).

A configuração desses processos de proliferação, miscigenação e profissionalização do futebol dos anos 1930, refletiu diretamente no futebol praticado em todo território nacional. E, em meio aos desdobramentos expostos, analisamos o futebol da cidade de Rio Grande.

Para analisarmos as memórias do futebol riograndino da década de 1930, fizemos uma análise documental em um periódico diário da cidade. Todas as notícias relacionadas a esta temática e que pertencem à delimitação temporal da pesquisa foram analisadas. Usamos os exemplares do jornal “O Tempo” como fonte

¹⁵ Para saber mais, ler Freyre, 1989.

principal e norteadora de dados. O periódico está disponível para pesquisa na biblioteca pública Rio-Grandense, em Rio Grande.

Com o levantamento dos dados, construímos cinco capítulos para serem analisados. O primeiro deles, a introdução, faz um diálogo entre as informações do contexto geral do futebol, da cidade, da década pesquisada e traz noções de como foi o desenvolvimento da investigação. No segundo capítulo, abordamos algumas particularidades da pesquisa, onde discutimos a metodologia empregada, os desdobramentos da pesquisa, as análises em jornais e outras questões metodológicas.

A partir do terceiro capítulo tratamos os dados empíricos para a construção dos três pontos que fazem parte da análise empírica. Para tanto, situamos o leitor no contexto da pesquisa, através de uma amostragem dos times/clubes, campos/estádios e competições. No quarto capítulo abordamos os deslocamentos dos times e torcedores locais, ou seja, as excursões pelas cidades e estados e a mobilização dos torcedores para acompanhar seus clubes.

Os capítulos cinco, seis e sete são reservados às conquistas estaduais do futebol riograndino e suas particularidades. Em 1933 as rivalidades locais e regionais, em 1936, as brigas e os conflitos envolvendo os clubes riograndinos e, em 1939, os primeiros passos do profissionalismo são contextualizados juntamente com as campanhas vitoriosas no Campeonato Gaúcho.

Antes de passarmos para a discussão ponderamos que falar, ler e escrever sobre futebol é uma tarefa complexa, pois o esporte está rodeado de significados e isso se exalta quando falamos dele no Brasil. Indo ao encontro disto, Máximo (1999) explica que o futebol está entranhado na cultura do povo brasileiro. As crianças, os jovens e os adultos em geral, minimamente, praticam ou conhecem este esporte, portanto, as pesquisas e os pesquisadores geralmente estão carregados de influências esportivas, que de uma forma ou outra, interferem e estabelecem aquilo que deve ser analisado, e, neste trabalho, não foi diferente.

1. 3. Objetivos

1) Investigar e contextualizar a prática futebolística na cidade de Rio Grande na década de 1930;

2) Problematizar alguns componentes constituintes do futebol em Rio Grande na década de 1930;

3) Analisar as peculiaridades das principais competições futebolísticas que envolviam os maiores clubes da cidade, na década de 1930;

4) Contextualizar a participação dos clubes locais nos anos que ocorreram os títulos estaduais.

2. METODOLOGIA DA PESQUISA

Dividimos este item em duas partes. A primeira delas trata da utilização do jornal em pesquisas documentais e das suas características específicas, e, na segunda parte, apresentamos os procedimentos metodológicos utilizados para a análise dos dados, ou seja, os embasamentos teóricos e metodológicos norteadores da pesquisa e o passo a passo da investigação no jornal “O Tempo”.

Ressaltamos que os exemplares do jornal escolhido não são as únicas fontes utilizadas na pesquisa documental, mas foram a principal ferramenta norteadora para coletar os dados. Fotos, blogs e documentos diversos também foram utilizados na pesquisa. Neste momento, nos valemos do que Rolnik (2006) indica para a compilação do referencial de uma pesquisa. Esta autora explica que devemos absorver assuntos quaisquer, tudo o que possa servir para criar sentido é bem-vindo, ou seja, tanto as referências teóricas quanto as empíricas têm a sua importância destacada no processo investigativo.

2. 1. Jornais

Na época pesquisada, destacavam-se dois meios de comunicação no âmbito esportivo, o jornal e o rádio (Colleman, 1989). O jornal possui um caráter diferenciado do rádio, pois, este último tem a capacidade de transmitir as informações em tempo real. Ao jornal compete trabalhar com o pré-acontecimento e/ou o pós-acontecimento. Por possuir esta característica específica, o jornal opta não apenas por informar o fato, ele procura analisá-lo e comentá-lo.

Abordar o mesmo assunto por um ângulo ainda inexplorado é o desafio posto a escritores, editores, colunistas, cronistas, enfim, a todos aqueles dedicados a preencher as seções de um jornal. Talvez esse motivo tenha levado esses profissionais, ao longo dos anos, a optar por uma escrita cada vez mais opinativa, mais investigativa, ou, ainda mais exploratória no sentido de aventar prováveis explicações para determinados acontecimentos (FREITAS, 2009, p. 33).

O fato do jornal não trabalhar com o evento em tempo real, coloca-o na obrigação de extrapolar o que foi dito pelo meio de comunicação que transmite “ao vivo”. Ele tem a tarefa de gerar informação de algo que possa atrair o leitor, chamando a atenção para aquilo que não tenha sido transmitido ou que já acontecera.

Durante a pesquisa, observamos que a redação e as inquietações do jornal da época se equivalem com as dos dias atuais. As pautas levantadas, as especulações, as crônicas, as críticas, os elogios, as coberturas esportivas seguem uma mesma linha editorial. Algumas características marcantes deste meio de comunicação como os comentários especulativos antes dos jogos, as maiores manchetes em dias de clássicos e a repercussão após as partidas vêm se adaptando durante o passar dos anos, mas a sua constituição e método de análise, pré e/ou pós-fato, são um diferencial dos jornais. Obviamente que observamos isto sem entrar no mérito das condições de trabalho nas duas épocas.

Sobre a sua importância para sociedade, podemos enfatizar que o jornal é um meio expressivo de conhecimento e uma grande forma de reconstruir fatos passados. Bosi (1994) salienta que, os meios de informação impressos são importantes fontes para pesquisas históricas. Além disto, os jornais são considerados uma das fontes mais significativas de informação, pois a capacidade de expor informações de diversos segmentos da sociedade põe o jornal nas mais variadas esferas do conhecimento (CARVALHO, 2007). Neste aspecto, as suplementações são usadas para aumentar o leque de informações do próprio jornal e também para dar certa confiabilidade aos conhecimentos passados.

Em um mundo repleto de informação, o jornal diário parece ter encontrado a fórmula, por meio dos suplementos, para organizar todas elas e repassá-las ao leitor. Como se vê, o jornal precisa se dirigir a públicos específicos, por meio de cadernos e suplementos, que, ao segmentarem sua audiência, ampliam os públicos (CARVALHO, 2007, p. 14).

No caso do jornal pesquisado, esta suplementação é feita através de colunas específicas. A coluna “Desportos”, analisada nesta investigação, era uma das segmentações das notícias jornalísticas.

A respeito do aparecimento das colunas esportivas nos jornais, isto está vinculado ao fato que, com o passar dos anos, o esporte foi, progressivamente, mais valorizado. As notícias dedicadas ao seu respeito potencializavam os ganhos das empresas jornalísticas. A população passou a consumir produtos ligados aos esportes e suas manifestações (MELO 2012).

A ascensão do jornalismo esportivo aconteceu em meados do século vinte. Colleman (1989) coloca que as décadas de 1920 e 1930 representaram um marco na história das competições esportivas, pois o aumento do número de pessoas nos eventos gerou o progresso do jornalismo dedicado a este segmento.

Nesta pesquisa, estamos analisando os dados referentes ao passado futebolístico do esporte mais destacado pelo jornal e pela sociedade da época, como indicam as páginas do jornal "O Tempo". Portanto, as informações encontradas tinham espaço certo no jornal, destacamos isto, pela grande assiduidade de notícias e por ser o único esporte a ter comentaristas exclusivos.

Na perspectiva da atuação no âmbito esportivo, a mídia se apropria de várias esferas deste contexto.

O jornalismo especializado/esportivo se ocupa de diferentes temas e suas pautas em geral se constituem na cobertura dos mais variados eventos esportivos que vão desde competições mundiais como as Olimpíadas e Copas do Mundo a campeonatos, treinos e outros. Falam sobre as organizações que os promovem (comitês, federações esportivas, clubes, Associações, grupos, etc..) (SOARES E MICHEL, 2009. p. 3).

Colleman (1989) explica que o jornalismo esportivo teve um aumento de abrangência com o decorrer dos anos, mas ele teve seu grande crescimento depois da mídia ter entrado com mais veemência nos eventos esportivos, através de coberturas olímpicas e de campeonatos mundiais. Esse envolvimento citado aproxima a sociedade dos esportes. No caso do Brasil se destacam as transmissões de Copas do Mundo de Futebol. Para Betti (1997), a aproximação é tanta que chega a influenciar a população na prática de um esporte que está mais na mídia, do que outro que não aparece tanto.

É importante frisar que, como nos dias de hoje, as pautas geradas pelos jornais da época respeitavam os interesses das empresas jornalísticas e de seus gestores.

Para cada matéria publicada em um jornal, existe algum motivo para tal escolha, a qual é fruto de determinada motivação. Ou seja, as informações coletadas não caracterizam a totalidade dos fatos, elas são apenas uma forma de análise. No caso desta pesquisa, consideramos que os jornais não esgotam as possibilidades de existirem outros times, campos ou campeonatos pela cidade.

2. 2. Coleta dos Dados

Pesquisas sobre a história ou as memórias são de fundamental importância para compreendermos aquilo que foi vivido no passado (SCHWARZSTEIN em FERREIRA et. al., 2000). Por este motivo, procuramos entender a história dos acontecimentos da década pesquisada, com alguns embasamentos no entendimento de história e acontecimento de Michel Foucault, buscando inspiração em alguns pressupostos deste autor.

Mãe das ciências do homem. É assim que Foucault encara a história e seus saberes, dando a ela uma importância singular (FOUCAULT, 2003). Segundo este mesmo autor, ela precede da sua própria relação com o sujeito, ou seja, estão estritamente ligados, dependendo um do outro para acontecerem, eles se atraem no momento em que falar de história é falar de sujeitos e vice-versa. As histórias das práticas demonstrarão as subjetividades (FOUCAULT, 2003).

Os acontecimentos que marcam a passagem vitoriosa do futebol de Rio Grande se destacam em um dos sentidos que Foucault dá para eles. Tal autor indica que, a diferença ou novidade, ou seja, algo que chama atenção para si é uma das vertentes dos acontecimentos (FOUCAULT, 1996). Assim, indicamos a década pesquisada como um período diferencial na historiografia da cidade.

Sobre a historiografia do futebol, seguimos a indicação feita por Goellner (2005), em que concebemos a história, “não como uma possibilidade de recuperar ou revelar o que está no passado, mas de reconstituir esse passado a partir das fontes que nos permitimos buscar e do olhar que sobre elas lançamos” (GOELLNER, 2005, p.259).

No manuseio das fontes, levamos em consideração Certeau (1982), quando ele salienta que:

Em história tudo começa com o gesto de separar, de reunir, de transformar em “documentos” certos objetos distribuídos de outra maneira. Esta nova distribuição cultural é o primeiro trabalho. Na realidade, ela (a história) consiste em produzir tais documentos mudando ao mesmo tempo seu lugar e o seu estatuto. [...] desfigurar as coisas para constituir-las como peças que preencham lacunas de um conjunto, proposto a priori. [...] Longe de aceitar os dados, ele os constitui. O material é criado por ações combinadas, que o recortam no universo do uso, que vão procurá-lo também fora das fronteiras do uso e que o destinam a um emprego coerente (p. 36-37).

A partir dessa perspectiva de estudos históricos decidimos procurar uma fonte de dados norteadora para esta pesquisa e, logo, chegamos às publicações de jornais. A capacidade, dos jornais, de “produzir” ou “reproduzir” os fatos, coloca-os como “um dos mais relevantes veículos de manutenção e ‘construção’ da memória. Rememorar qualquer evento que ligue o presente ao passado tornou-se um dos motes do fazer jornalismo” (SOARES; HELAL; SANTORO, 2004. p. 63).

Dentre os jornais da cidade escolhemos o periódico “O Tempo”. A opção de uso se deu pelo fato de, na época, existir apenas três jornais em circulação na cidade, Além deste, existiam também o “Echo do Sul” e o “Rio Grande”. O primeiro foi descartado por ter sido extinto no ano de 1934, não podendo contemplar todo período analisado por esta pesquisa¹⁶. Já o segundo estava em piores condições de análise e, possivelmente, viriam a prejudicar a coleta de dados. Assim, utilizamos exclusivamente o jornal “O Tempo”, para fazer a coleta do período entre os anos de 1930 e 1939¹⁷.

O periódico estava inserido na sociedade riograndina desde 1º de dezembro de 1906. O jornal tratava a cidade como um pólo industrial de grande importância, pois havia o comércio portuário como a principal engrenagem para o crescimento econômico do município e estado (TORRES, 2012). O mesmo autor ressalta que o jornal, de propriedade do jornalista riograndino Alípio Cadaval, era um periódico democrata, literário e noticioso. Bem conceituado na sua época, o periódico “O

¹⁶ Há dúvidas sobre seu último exemplar, mas, segundo informações da própria Biblioteca Rio-Grandense este foi seu último ano.

¹⁷ Os exemplares deste jornal podem ser encontrados no acervo da Biblioteca Rio-grandense, localizado na cidade de Rio Grande.

Tempo” trouxe informações para seus leitores até o ano de 1960. Seus exemplares podem ser encontrados na biblioteca Rio-Grandense de Rio Grande.

O periódico escolhido tinha grande penetração na população riograndina, que via no jornal uma forma de informação sobre as notícias da cidade¹⁸. Nas suas páginas encontrávamos temas relacionados à política, educação, esportes, economia, utilidades, crônicas, entre outras segmentações do jornalismo.

Durante os anos pesquisados “O Tempo” publicava em média, entre doze e dezesseis páginas. E, dependendo do dia da semana, o jornal era mais extenso. As publicações da coluna “Desportos” eram tratadas com destaque pelo jornal. Suspeitamos disto pelo fato delas estarem localizadas principalmente na capa e na contracapa, ou seja, espaços nobres.

Durante a coleta dos dados, podemos conferir que o jornal analisado tinha certa preferência em relação a publicar sobre o futebol. Loner (2001) corrobora com o exposto quando explica que entre as “entidades esportivas, embora houvesse outras modalidades, como esportes náuticos, hipismo, tênis, golfe, tiro, tênis de mesa e ciclismo, freqüentados principalmente pelas elites ou por etnias, o esporte mais disseminado era o futebol” (p. 411).

Com a impossibilidade de xerocarmos os exemplares do jornal, as informações referentes à pesquisa foram anotadas em um caderno. Precisamos de 40 visitas à biblioteca para coletar os dados. Em cada dia eram necessárias três horas de trabalho.

Nas consultas ao jornal “O Tempo”, analisamos todas as notícias veiculadas no jornal, que envolviam o futebol, entre os anos de 1930 e 1939. Não nos detemos a analisar algum assunto preestabelecido, ou seja, os achados foram agrupados e, posteriormente, analisados.

Além dos exemplares do periódico, utilizamos outras fontes escritas como sites e os acervos dos clubes da cidade, livros, enciclopédias, documentos e fontes avulsas. Portanto, identificamos os pontos frágeis da investigação, analisando

¹⁸ Segundo informações dos funcionários da Biblioteca Rio-Grandense, O Tempo era um jornal com muita procura na cidade e tinha grande prestígio entre seus leitores.

criticamente aquele material colhido nos jornais e nos cercamos de indicações de como proceder para contemplar o objetivo do estudo (SCHWARZSTEIN em FERREIRA et. al., 2000).

Utilizando das noções de Rolnik (2006) destacamos que trabalhamos com diversas fontes de dados. Imagens dos acervos dos clubes, sites oficiais e blogs que remetem aos clubes pesquisados foram utilizados na pesquisa. Servindo-nos do que esta autora indica, ressaltamos que todas as aberturas são válidas, desde que as saídas sejam múltiplas, neste sentido se incluem fontes não só escritas e nem só teóricas.

3. FUTEBOL RIOGRANDINO DA DÉCADA DE 1930

Foot-ball, desporto-rei ou bolapé, estas são algumas das maneiras que os jornais se referiam ao futebol na década de 1930. Durante a nossa pesquisa no Jornal “O Tempo”, identificamos que havia em Rio Grande um futebol estruturado e disseminado pela cidade, com inúmeras competições durante o ano. E, a torcida da época era variada. Nos jogos que se tinha arrecadação, venda de ingressos, homens pagavam o valor integral, já “as senhoras, senhoritas, crianças e militares pagavam meio ingresso” (JORNAL O TEMPO 08 de abril de 1932. p. 4).

Como os jornais cobriram diversas jornadas esportivas dos clubes da cidade, eles se tornaram grandes fontes de informações. Além do acompanhamento dos jogos em Rio Grande, os jornalistas, comentaristas e analistas viajavam com os clubes para fazer a cobertura dos jogos em outras localidades.

Ainda sobre a relação dos jornais com os clubes de futebol, observamos que era uma constante a liberação de ingresso, que permitia aos jornais acompanhar a temporada futebolística. Em 1931, o S. C. Rio Grande foi o primeiro clube a liberar os jornalistas do periódico utilizado na pesquisa para irem às partidas da temporada. O clube também convidava os representantes do jornal para as festas de abertura da temporada (JORNAL O TEMPO, 5 de março de 1931).

Dois anos mais tarde, em 1933, o S. C. São Paulo e o F. C. Rio-Grandense, também passaram a disponibilizar ingressos para cobertura da temporada. Já, a partir de 1935, a própria ARGD¹⁹ (Associação Rio-grandense de Desportos) passou a distribuir os ingressos para a imprensa esportiva.

As coberturas feitas pelo jornal deixam a entender que o mesmo procurava estar inserido na realidade do futebol local. Como podemos observar na matéria, em

¹⁹ Associação que regulamentava os times, os jogadores e campeonatos da cidade. Ela era composta por dirigentes, associados e representantes dos clubes.

que o jornal faz um panorama geral dos clubes que começariam o campeonato local²⁰.

O S. C. São Paulo manteve o mesmo plantel do ano anterior, virá com a mesma força; O S. C. Rio Grande após o empate com o S. C. Pelotas, campeão pelotense, elevou sua moral para esta temporada; O F. C. Rio-Grandense vai agregar jogadores da cidade e interior para tentar desbancar os seus rivais; O G. A. M. General Osório está muito bem treinado e será um osso duro de roer; O F. C. Americano jogará com o ardor que lhe é peculiar e complicará os times maiores (JORNAL O TEMPO, 16 de abril de 1932, p.12).

3. 1. Clubes – Times

Utilizamos a palavra clube para identificar a agremiação em sua totalidade (jogadores, dirigentes, campo, sede social, torcedores etc.) e time para identificar os jogadores do clube, seguindo definições do dicionário Michaelis²¹.

As constituições dos clubes da cidade variam. Porém, seguiram uma lógica similar a que vigorou em outras regiões do país. Como explica Guterman (2010), em um primeiro momento, o futebol aparece no Brasil como um esporte elitista. Em raras aparições ele era praticado pelas camadas mais populares. “Negros e operários só teriam vez ou nos campos de várzea ou quando passaram a ser decisivos para que os times de brancos ganhassem títulos” (GUTERMAN, 2010, p. 10)²².

²⁰ Organizado pela ARGD, o Campeonato Local, começou a ser disputado em 1914. Até o momento, o último campeonato municipal da cidade foi disputado em 2009, contando com a participação do S. C. São Paulo, S. C. Rio Grande e F. C. Rio-Grandense.

²¹ Time: **1 Esporte**. O conjunto de jogadores de qualquer modalidade de esporte; equipe, quadro. **2 Popular** Grupo, trinca, turma de amigos ou de pessoas de atividade ou classe semelhantes. **Enterrar o time**: contribuir para a derrota dele.

Clube: **1** Sociedade recreativa. **2** Grêmio. **3** Associação política. **4** Local em que se reúnem essas agremiações.

²² Para saber mais, ler Rodrigues Filho, 1964.

Os mais destacados clubes riograndinos (S. C. Rio Grande, S. C. São Paulo e F. C. Rio-Grandense) possuem cada uma delas uma significativa tradição que remete a suas respectivas fundações²³.

O S. C. Rio Grande, Vovô, Veterano ou Tricolor do Litoral [fundado em 19 de julho de 1900] tem nas suas origens integrantes alemães, italianos, brasileiros e portugueses. Entre eles podemos conferir uma maior ênfase ao nome de Johannes Christian Moritz Minnermann. Este alemão liderava um grupo de jovens que decidiu fundar um clube para jogar futebol. Clube este que, em 28 de julho de 1975, recebeu da Confederação Brasileira de Desportos (CBD), o título de clube mais antigo do Brasil. Sabemos que existiram outros clubes de futebol anteriores ao S. C. Rio Grande em outras cidades e estados²⁴, mas por ser um clube voltado para prática do futebol e que se manteve em atividade desde a sua fundação ele recebeu esta indicação da CBD, tornando-se o “Vovô” do futebol brasileiro. Mais tarde, em homenagem a esta indicação, a Confederação Brasileira de Futebol (CBF), dedicou o dia da sua fundação como “o dia do futebol²⁵”.

O S. C. São Paulo, Leão do Parque ou Caturrita [fundado em 04 de outubro de 1908] é originário de descendentes italianos, poloneses e portugueses. Os jovens fundadores eram de uma classe social inferior, em relação ao S. C. Rio Grande. Foi o grupo composto por filhos de funcionários da Viação Férrea do Rio Grande do Sul (VFRGS), impedido de praticar o esporte pelos detentores das únicas bolas da cidade, que fundaram o clube. Com a impossibilidade de jogar, os jovens espreitavam atrás dos muros os jogos do S. C. Rio Grande com a finalidade de

²³ Estes clubes são referidos como os mais destacados, pois possuíam a grande maioria dos torcedores da cidade, tinham em sua história as maiores conquistas futebolísticas e também porque mobilizavam as notícias sobre o futebol da época.

²⁴ Há indícios de clubes que praticavam futebol em cidades do estado de São Paulo anteriores ao S. C. Rio Grande. Para saber mais, ler Guterman, 2010.

²⁵ Dados colhidos no dia 15 de abril de 2013, após conversa informal com funcionários do acervo do S. C. Rio Grande. E também do livro: S. C. Rio Grande - centenário do futebol brasileiro (Ramos, 2000).

conseguir uma bola. E foi na primavera de 1908 em chute mal dado, que ultrapassou os muros do campo que se instituiu um marco da fundação do S. C. São Paulo²⁶.

Já o F. C. Rio-Grandense, Guri teimoso, Escarlate, Colorado Marítimo ou Colorado [fundando em 11 de julho de 1909] teve seu início por intermédio de alunos do Colégio Rio-Grandense, antigo estabelecimento de ensino da cidade. Diferentemente dos outros dois, o F. C. Rio-Grandense é predominantemente de brasileiros. Eles tinham como intuito praticar o futebol sem as restrições impostas pelo esporte, que era tratado como de elite. Essa marcante diferença foi identificada anos mais tarde, sendo o primeiro clube de Rio Grande a aceitar negros em seu plantel de jogadores, fato lembrado até os dias atuais e motivo de orgulho para o clube²⁷.

Figura 07: Foto de alguns dos fundadores do S. C. Rio Grande. Além do time de 1900, estão nela alguns dos idealizadores do clube.



Fonte: Acervo S. C. Rio Grande.

²⁶ Dados encontrados no site oficial do S. C. São Paulo: <http://saopaulors.com.br>. E também no livro: Um Século de Futebol Popular – A história do Sport Club São Paulo. (César, 2013)

²⁷ Dados colhidos na visita ao estádio Torquato Pontes, em 13 de abril de 2013, após conversas com funcionários do clube.

Figura 08: Jogadores de um dos primeiros times do S. C. São Paulo, em 1910.



Fonte: Acervo S. C. São Paulo.

Figura 09: Equipe do F. C. Rio-Grandense, que conquistou o Campeonato Gaúcho de 1939. Equipe campeã: Brandão – Armando e Cazuza - Martinez - Pacheco e Mariano - Oscar - Carruíra – Heitor - Chinês e Plá. Técnico: Aires Torres.



Fonte: Acervo F. C. Rio-Grandense.

Sobre a década delimitada para esta pesquisa, 1930, a sociedade riograndina passava um período de transformações sociais e econômicas e, conforme assina Beatriz Loner (2001, p. 472): “as associações esportivas e carnavalescas foram os dois principais tipos de entidades desenvolvidas pelas classes populares dessa época.” Esse contexto de proliferação de associações esportivas recreativas e clubes futebolísticos não era uma exclusividade de Rio Grande, e estava presente em muitas outras cidades brasileira. Ao se referir ao futebol fabril na cidade de São Paulo, Fátima Antunes lembra que:

A participação estava aberta aos trabalhadores que desejassem integrar as equipes de suas respectivas seções. Além de divertimento, os torneios internos também serviam como testes para a admissão de novos jogadores [...]. Mas, acima de tudo, eles representavam uma das poucas oportunidades de lazer para muitos trabalhadores (ANTUNES, 1992, p. 176).

De modo geral, é possível afirmar que nos anos 30 do século XX, em muitas cidades brasileiras o futebol constituía-se como uma importante prática de lazer das classes populares (ANTUNES, 1992, WISNIK, 2008). Assim, em Rio Grande os clubes de futebol tiveram significativa relevância esportiva e cultural. Vários outros clubes e times além dos três maiores, como é o caso, por exemplo, do Esporte Clube União Fabril [1910], Football Club Americano [1922]; Football Club General Osório [1918], faziam esta aproximação com as camadas populares da sociedade riograndina.

O Esporte Clube União Fabril [1910], fazia aproximação com os trabalhadores fabris (fig. 12), assim como o Football Club Americano [1922], time que tem origem do Football Club Padeiral, que na sua maioria era composto por padeiros da cidade (fig. 11), eram clubes formados por trabalhadores da cidade, ou seja, pertencentes à classe operária. Usamos a palavra “eram”, pois estes dois clubes não existem mais.

Figuras 10 e 11: Evolução do emblema do F. C. Padeiral para o F. C. Americano



Fonte: <http://cacellain.com.br/blog/>. Acessado em 24 de setembro de 2013

Figura 12: Parede da sede social do Esporte Clube União Fabril, a mesma figura do emblema do time



Fonte: <http://cacellain.com.br/blog/>. Acessado em 24 de setembro de 2013.

Já o Football Club General Osório [1918], que mais tarde, em 1931, passou a se chamar Grêmio Atlético Militar General Osório, tinha forte apoio dos militares. O clube era administrado pelo 9º Batalhão do Exército (fig. 13). Conforme noticiado pelo jornal “O Tempo”, a fusão entre estes dois clubes se deu no dia 09 de maio de 1931.

Figuras 13 e 14: Escudos do F. C. General Osório e do G. A. M. General Osório



Fonte: <http://cacellain.com.br/blog/>. Acessado em 24 de setembro de 2013.

Sobre a existência de clubes de futebol com uma forte influência militar, Beatriz Loner (2001) salienta que, na década 1930, a relação entre futebol e os militantes era intensa. A prática do futebol auxiliava no preparo físico dos soldados, tornando-se assim um aliado dos quartéis.

Ao comentar sobre o caso de clubes de futebol de militares na cidade de Pelotas (RS), Rigo (2004), destaca que em uma época cujas condições trabalhistas não eram as mais adequadas, a carreira militar era um caminho para os jovens. Assim, as cidades que tinham quartéis gerais traziam homens para suas frentes de batalha e conseqüentemente jogadores para seus times já que, em sua maioria,

os times de futebol eram compostos pelos próprios militares. Eles eram, além de soldados, jogadores de futebol (RIGO, 2004)²⁸.

Na cidade de Rio Grande, também existiam diversos times e clubes amadores, (classificação utilizada pelo próprio Jornal O tempo) das mais variadas localidades, vilas, bairros e ilhas. Através da consulta ao jornal pesquisado, foi possível identificar que na década de 1930, entre os anos de 1930 e 1939, havia diversos clubes na cidade. Não conseguimos informações precisas sobre datas de fundação, nem que características tinham todos eles, mas através das passagens encontradas no periódico fizemos algumas associações.

Apareceram nas notícias publicadas no jornal “O Tempo”, os seguintes clubes:

- 1) do centro da cidade: Santos Dumont Football Club; Grêmio Sportivo 24 de Maio; Sport Club Rio Negro; Fortaleza Futebol Clube [1927]; Futebol Clube Botafogo; Trafego Football Club; Sport Club Bolapé; Sport Club São Pedro; Sport Club Boca Juniors; Costeira Football Club;
- 2) de trabalhadores dos correios e telégrafos: Postal Football Club;
- 3) de dirigentes dos clubes: Tamoyo Football Club (time formado pelos dirigentes do F. C. Rio-Grandense);
- 4) formado por trabalhadores de fábricas da cidade: Miranda e Fernandez Football Club e Sport Club Andarahy;
- 5) da localidade do Povo Novo, distante aproximadamente 45 quilômetros do centro da cidade: Sociedade Sportiva Esperança [1913]. Ainda em atividade no campeonato amador da cidade.

²⁸ Dentre os clubes com características militares, destacamos o Grêmio Atlético 9º Regimento [1926], que está em atividade e disputando a Divisão de Acesso do Campeonato Gaúcho. O clube do bairro Fragata, em Pelotas, foi campeão estadual em 1935, ano comemorativo ao centenário da Revolução Farroupilha, este fato rendeu ao time o apelido de “Campeão por 100 anos” e, posteriormente, a mudança de nome para Grêmio Atlético Farroupilha. Na década de 1930, ele era formado por militares que serviam no 9º Regimento de Infantaria do Exército Brasileiro. Fonte: <http://gafarroupilha.com.br>.

6) da vila da Quinta, distante aproximadamente 25 quilômetros do centro da cidade: Grêmio Esportivo Nacional [1938]. Ainda em atividade no campeonato amador e veterano da cidade.

7) do bairro Senandes, que fica a 15 quilômetros do centro da cidade: Senandes Football Club;

8) ligados ao porto da cidade: Direção do Porto Futebol Clube e Grêmio Sportivo União Marítima;

9) de bancários: Banrisul Atlético Clube; Banmércio Football Club;

10) outros que não encontramos referência, nem o nome completo: Vila Verde; 03 de Outubro; Palestra Itália; Farroupilha.

Além de todos estes clubes citados acima, existiam também as ligas internas dos clubes. Elas tinham nome, emblema e data de fundação. Entre os anos pesquisados encontramos duas listas com times. A Liga do S. C. Rio Grande era composta por: União Democrata, Flamengo, Veteranos, Gêgê, Zalony, Parahyba, Alfandega e Vasco da Gama (JORNAL O TEMPO, 18 de julho de 1932). Já a Liga Interna do F. C. Rio-Grandense era formada por: Imperial, Aceguá, Fecha a Rosca, Itararé, Guarda Velha, Bulbosa, Western, Faral, Petróleo, Vasco da Gama, Solteiros e Casados (JORNAL O TEMPO, 10 de agosto de 1934). Além dos dois, o F. C. União Fabril também criou uma liga para seus trabalhadores, mas era mais uma tarde esportiva para os funcionários, não se caracterizando formação de times de futebol.

No cômputo geral, existiam também os combinados locais e times estudantis. O primeiro era a reunião de jogadores amadores da cidade para jogar partidas amistosas com os clubes profissionais. Já o segundo, eram times formados por colégios ou agremiações estudantis. Destacamos estes jogos pelas suas constantes aparições no jornal. Com isto, constatamos o que Wisnik (2008) aponta, o futebol estava em alta na sociedade brasileira na década de 1930 e as notícias relacionadas ao esporte tinham espaço certo nos meios de comunicação.

Outro indicador que podemos encaixar nesta época, são os jogos entre times formados por trabalhadores que estavam de passagem pela cidade e os clubes

locais. Como ressalta Rigo (2004) o S. C. Rio Grande tem como parte de sua tradição fazer amistosos com os marujos dos navios atracados na cidade, talvez possa ser uma forma de reconhecimento à história do clube, que chegou ao município através do porto. Além do S. C. Rio Grande, outros clubes da cidade também tinham esta característica. Casos que exemplificam isto não faltaram na década de 1930. O contratorpedeiro Maranhão, com bandeira brasileira, atracou no dia 03 de julho de 1930 e no dia seguinte marcou amistoso com o F. C. Rio-Grandense. Outra partida, no dia 27 de outubro de 1933, marcava o confronto do S. C. Rio Grande com os Veteranos e Marujos da Divisão Naval. Já o Karlsruhe, famoso cruzador alemão, chegou no dia 05 de setembro de 1932 e no mesmo dia jogou partida amistosa com o S. C. Rio Grande. Estes amistosos eram encarados com muito apreço pelos jornais, população e times da cidade, despertando grande mobilização de espectadores. Vale destacar que, os jogos eram extremamente cordiais e, em todos os episódios citados, os times locais venceram, mas com muito empenho (O TEMPO, 04 de julho de 1930; 29 de outubro de 1933; 06 de setembro de 1932).

Fora S. C. Rio Grande, S. C. São Paulo e F. C. Rio-Grandense, outros diversos clubes menores da cidade ganhavam certo espaço no jornal, pois proporcionavam diversas tardes esportivas e mobilizavam grande número de torcedores nas suas localidades.

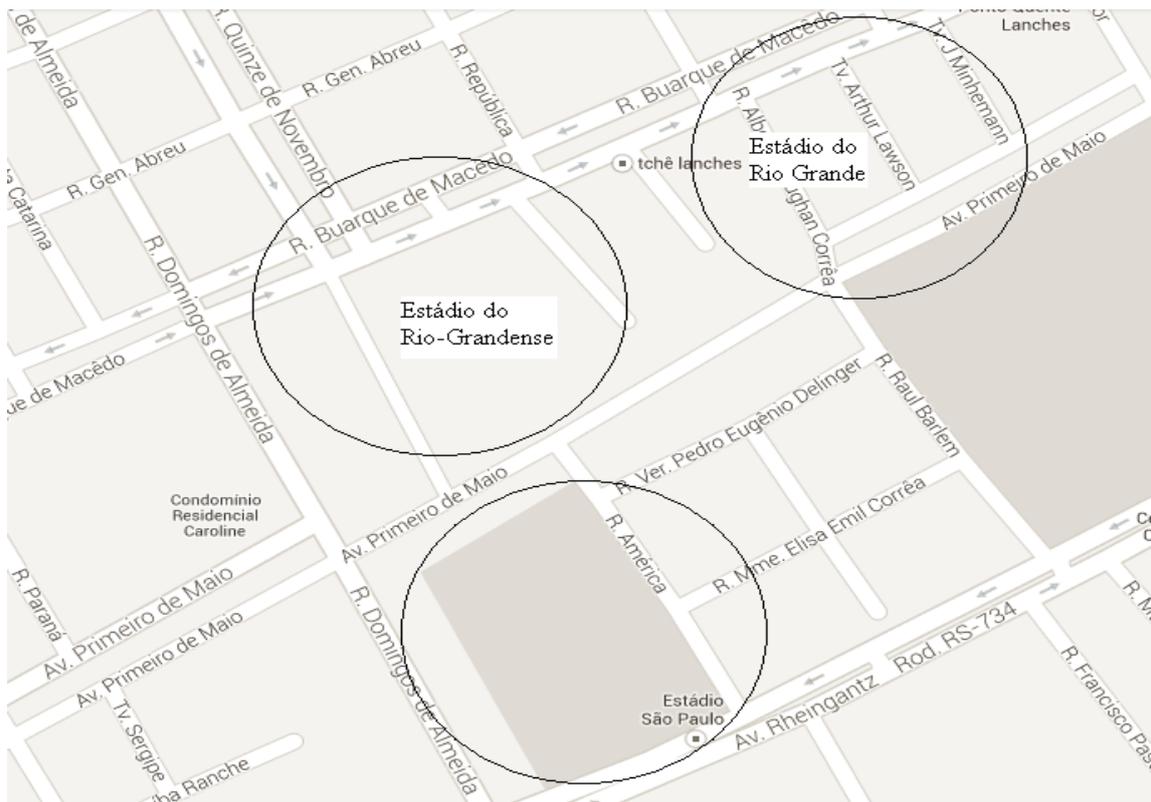
3. 2. Estádios - Campos

Os estádios geravam interesses diversos. Além do óbvio, lugar para prática de esportes, os estádios eram vistos como espaços de alcance para grandes públicos. Como na década de 1930 o futebol estava em uma configuração mais popularizada as arquibancadas eram espaços comuns para a população. Sabendo disso, diversas autoridades e governantes usavam este espaço para proferir discursos. Casos como os comícios feitos por Getúlio Vargas no estádio do Pacaembu, em São Paulo e de São Januário, no Rio de Janeiro, são emblemáticos, pois conseguiram atrair um grande público (GUTERMAN, 2010).

O jornal “O Tempo” chamava de estádio ou campo os locais das partidas de futebol da cidade. Não nos convencemos de que existia grande diferença entre as praças esportivas dos times amadores da época, seja estrutural ou organizacional, portanto, analisaremos aqui todos os locais de jogos destes times como os campos. Observando os dados coletados no jornal, percebemos que os campos da cidade traziam consigo um significado para seus torcedores. Neles, existia uma veneração pelas instalações, estrutura, localização, retrospecto de vitórias, entre outros aspectos.

Encontramos diversos times amadores em muitos bairros e ilhas da cidade. Entendemos que a maioria deles possuía ao menos um campo para prática do futebol, seja em terrenos próprios ou cedidos. Sob os amadores, recaía o sentimento de representatividade do seu bairro ou ilha. Os torcedores tratavam os seus campos como uma extensão de suas casas, já que, em sua maioria, pertenciam exclusivamente às localidades que eles representavam. Já os clubes mais tradicionais da cidade (S. C. Rio Grande, S. C. São Paulo e F. C. Rio-Grandense), apresentavam estádios, pois possuíam, além do campo de jogo, uma estrutura para acomodar seus torcedores e sedes sociais. Um grande diferencial em relação aos amadores é a não concentração da torcida por um bairro ou ilha, a torcida estava espalhados pela cidade, assim, abrangia diversas localidades do município.

Figura 15: Localização, aproximada, dos maiores estádios da cidade nos anos 1930.



Fonte: <https://maps.google.com.br>. Acessado em 10 de julho de 2013.

Um fato marcante nestes estádios é que os três eram próximos uns dos outros, os muros demarcatórios ficavam a poucos metros (fig.15). Este fato tornava esta localização da cidade um referencial para os futebolistas riograndinos. As conquistas estaduais dos três clubes da cidade foram nestes estádios.

O S. C. Rio Grande tem como marca de sua história o Estádio das Oliveiras, construído em 1911. Ele ficava localizado na Avenida Buarque de Macedo (fig. 15). Este estádio já não existe mais. Hoje em dia o time atua no Estádio Arthur Lawson, que foi inaugurado no dia 31 de agosto de 1985. Atualmente são disputados jogos da divisão de acesso do Campeonato Gaúcho²⁹.

Torquato Pontes, este era o nome do estádio em que o F. C. Rio-Grandense realizava seus jogos. Estava localizado na Avenida Buarque de Macedo (fig. 15). Atualmente o time joga em um estádio que leva o mesmo nome só que não mais

²⁹ Material encontrado no acervo do Memorial Christian Moritz Minnemann, localizado na sede do S. C. Rio Grande

naquela avenida e, sim, na Avenida Itália, sendo construído em 1985. A motivação que levou a mudança de localização, do centro da cidade para uma zona mais afastada foi a ambição de construir o maior estádio de futebol de Rio Grande. De fato isto aconteceu, o novo Torquato Pontes tem capacidade aproximada de 10.000 espectadores e ainda sedia partidas de clubes amadores da cidade³⁰.

O S. C. São Paulo tinha como sua casa o Estádio Waldemar Fetter, que mais tarde trocou o nome e passou a ser chamado de Aldo Dapuzzo. O estádio está localizado na Avenida Presidente Vargas (fig. 15) e foi construído em 1908. Ele se manteve no mesmo lugar, tornando-se assim, um dos mais antigos do futebol da região sul do país. Nos dias atuais o S. C. São Paulo disputa o Campeonato Gaúcho neste estádio³¹.

Figura 16: Time bi-campeão da cidade, em 1962. Ao fundo podemos observar as arquibancadas do Estádio das Oliveiras completamente lotadas para mais um jogo do S. C. Rio Grande.



Fonte: Acervo S. C. Rio Grande.

³⁰ Dados colhidos da visita ao acervo histórico do F. C. Rio-Grandense.

³¹ Dados colhidos da visita ao acervo histórico do S. C. São Paulo.

Figura 17: Time de aspirantes do S. C. Rio Grande, no seu estádio, em ano desconhecido.



Fonte: Acervo S. C. Rio Grande.

Figura 18: Jogadores que representaram o ataque do F. C. Rio-Grandense entre os anos de 1930 e 1940. Ao fundo, podemos ver alguns detalhes do estádio Torquato Pontes.



Fonte: Acervo F. C. Rio-Grandense.

Figura 19: Jogadores do F. C. Rio-Grandense fazendo festa no velho Torquato Pontes e ostentando as faixas de campeões invictos da cidade, em 1953.



Fonte: Acervo F. C. Rio-Grandense.

Figura 20: Foto de 1953. Foto do time do F. C. Rio-Grandense, no estádio do S. C. São Paulo. Ao fundo podemos ver grande concentração de torcedores.



Fonte: <http://reliquiasdofutebol.blogspot.com.br>. Acessado em 17 de novembro de 2013.

Figura 21: Seleção de jogadores de Rio Grande. O público lotou o estádio Waldemar Fetter no jogo frente à seleção do Uruguai, em 1973.



Fonte: Acervo S. C. São Paulo.

Figura 22: Aldo Dapuzzo, jogos. S. C. São Paulo e C. R. Flamengo dia 23/03/1980. Foto do time Caturrita.



Fonte: Acervo S. C. São Paulo.

Todas as imagens postadas acima são dos estádios onde ocorreram os jogos da década analisada. Algumas das imagens são de décadas mais recentes, mas, estes estádios sofreram poucas mudanças estruturais, portanto, podemos fazer uma relação com os estádios na década de 1930.

Nas fotos, podemos observar algumas características marcantes dos locais dos jogos. No caso dos estádios do S. C. Rio Grande, S. C. São Paulo e do F. C. Rio-Grandense, eles tinham aproximadamente 5.000, 5.000 e 6.000 lugares para seus torcedores e, nos dias de jogos decisivos, se tinha lotação máxima (fig. 15), (fig. 18), (fig. 21) e (fig. 22). Os estádios do Vovô e do Colorado tinham alambrados de pequeno porte, fato que colocava os torcedores próximos aos jogadores. O que fazia uma diferenciação era a sustentação que separa a torcida do campo, pois, o estádio das Oliveiras tinha disposição vertical (fig. 15 e 16), já, o Torquato Pontes, tinha a instalação dos alambrados em formatos circulares (fig. 17 e 18). O estádio Caturrita tinha apenas arquibancada em uma das laterais do campo (fig. 19). Estas diferenciações estruturais são lembradas até hoje, como mostra a matéria publicada pelo Jornal Agora.

Ali, na Buarque de Macedo, onde hoje se amontoam apartamentos, era o Torquato Pontes, um estadinho cercado de uma mureta cheia de buracos em círculos redondões e uma tela em volta dele. Do lado de cá, um pavilhão de madeira. Do lado de lá, arquibancadas de madeira. No terreno da esquerda, o vizinho vovô, Sport Clube Rio Grande. No terreno da esquerda, como diziam os locutores, os próprios da municipalidade. Ali, pela mão de meu pai, eu comecei a viver o futebol (JORNAL AGORA, 27 de novembro de 2013. p. 7).

Os outros três times da elite futebolística da cidade, G. A. M. General Osório, F. C. União Fabril e F. C. Americano também tinham campos próprios para realizar seus jogos, mas predominavam nesses campos jogos relativos ao campeonato Municipal/Local, e alguns jogos amistosos.

A estrutura dos estádios da época, juntamente com o interesse da população riograndina, que lotava em jogos importantes, abrilhantavam ainda mais os locais das partidas. Observamos nas fotos colocadas acima que os estádios cheios davam a estima da população em relação ao futebol da cidade.

3. 3. Competições Locais

Durante a década pesquisada (1930), o futebol brasileiro passava por um processo de popularização que se expressava pelas competições intermunicipais e interestaduais que ocorriam em diversos estados brasileiros (BECKER, 2012). Os clubes riograndinos estavam inseridos nesta lógica futebolística. Assim, neste subtítulo, analisamos as competições que se envolveram os clubes de Rio Grande. Nos anos 1930, passaram pelo jornal: o tradicional Campeonato Local, os torneios de início e fim de temporada, os torneios de verão e internos dos clubes, as festas de aniversário, as datas comemorativas, os festivais e as taças.

3. 3. 1. Campeonato Local

Os melhores clubes de futebol da cidade eram reunidos na busca pela conquista do campeonato municipal. Era a disputa com a maior visibilidade e apreço. Máximo (1999) destaca que os campeonatos locais eram valorizados pelos clubes e estavam espalhados por diversos lugares do país. Nas páginas do jornal pesquisado encontramos informações de campeonatos municipais em cidades como: Pelotas, Bagé, Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Montevideu e Buenos Aires.

Na cidade de Rio Grande, os primeiros registros são datados de 1914. Do seu início até 1980, somente em anos eventuais ele não foi disputado. Depois disto, a sua realização foi ficando cada vez mais esporádica e, aos poucos, foi deixando de existir, sendo que sua última disputa foi em 2009³².

Durante os dez anos pesquisados, a fórmula de disputa era turno (entre os meses de abril, maio e junho) e retorno (nos meses de julho, agosto e setembro)³³,

³² Há dúvidas sobre o início do campeonato Local. No acervo do S. C. Rio Grande o clube se considera campeão municipal de 1914. Este indício nos deu subsídios para entender o início das disputas citadinas neste ano, independente de quem organizou o campeonato.

³³ Turno era quando os times jogavam entre si e o time que tivesse o maior número de pontos seria o campeão. Já o retorno eram os mesmos times jogando entre si, só que com o mando de campo invertido ao turno, e quem ficasse com mais pontos seria o campeão. Até 1936 o clube que somasse mais pontos era declarado campeão. Em 1937 passa a ser diferente, o final dos dois turnos o vencedor do turno enfrentava o campeão do retorno para definir quem seria o campeão municipal, caso o mesmo time tivesse ganhado os dois turnos seria declarado campeão.

alongando-se por um semestre. Passaram pela sua organização a ARD ou ARGD (Associação Rio-grandense de Desportos), e posteriormente a ARGF (Associação Rio-grandense de Futebol). A primeira e a segunda se relacionam diretamente, pois, houve apenas uma mudança na nomenclatura da associação, os representantes e a estrutura se mantiveram idênticas. Estas duas entidades, juntamente com a LRGD (Liga Rio-grandense de Desportos) comandavam o calendário dos jogos, os julgamentos dos times, atletas e dirigentes, a composição do quadro de árbitros e as demais decisões extra-campo.

Ainda sobre o Campeonato Local, no quesito arbitragem existia uma representação por parte de cada clube, em que cada um deles deveria nomear três pessoas para serem árbitros das partidas em que seus times não estivessem participando. Por exemplo, no caso de um jogo entre São Paulo e Rio Grande, um representante de Rio-Grandense, Americano, General Osório ou União Fabril arbitrava a partida. Os árbitros, na maioria das vezes, eram atletas, ex-atletas ou simpatizantes do futebol (JORNAL O TEMPO, 3 de abril de 1932). Este modelo de arbitragem se refletia em constantes reclamações nos jogos. Havia também diversas partidas inacabadas por conta de divergências dos jogadores ou dirigentes com as marcações de penalidades máximas, impedimentos ou violência nas partidas³⁴.

Seis clubes fizeram parte deste campeonato na disposição temporal desta pesquisa: S. C. São Paulo, S. C. Rio Grande, F. C. Rio-Grandense, E. C. União Fabril, G. A. M. General Osório e F. C. Americano. Os únicos clubes que estiveram em todas as edições do Campeonato Local foram: S. C. Rio Grande, S. C. São Paulo e F. C. Rio-Grandense.

Tabela 01: Campeões e vice-campeões do Campeonato Local entre os anos de 1930 e 1939

³⁴ No quesito violência, os casos eram constantes, tanto que dedicamos um espaço para esta discussão em um capítulo mais a frente.

	Campeão	Vice-Campeão
1930	S. C. São Paulo	F. C. Americano
1931	S. C. São Paulo	F. C. Americano
1932	S. C. São Paulo	F. C. Rio-Grandense
1933	S. C. São Paulo	S. C. Rio Grande
1934	S. C. Rio Grande	S. C. São Paulo
1935	S. C. São Paulo	S. C. Rio Grande
1936	S. C. Rio Grande	S. C. São Paulo
1937	F. C. Rio-Grandense	S. C. Rio Grande
1938	F. C. Rio-Grandense	S. C. São Paulo
1939	F. C. Rio-Grandense	S. C. Rio Grande

Fonte: JORNAL O TEMPO, 1º de janeiro de 1930 até 31 de dezembro de 1939

Os clubes que despontavam na época, ou seja, que ganhavam a maioria dos títulos era o trio formado por Sport Club Rio Grande, Sport Club São Paulo e Football Club Rio-Grandense. Com a tabela acima percebemos que o S. C. São Paulo foi o grande vitorioso da década, sendo campeão por cinco oportunidades e vice-campeão por mais três, ou seja, em apenas dois anos o clube não esteve entre os dois primeiros colocados no campeonato. Os títulos estão situados, basicamente, no início da década, anos anteriores ao título estadual de 1933.

No meio da década percebemos o S. C. Rio Grande como uma grande força, pelo fato de estar envolvido em diversas decisões do Campeonato Local. Entre os anos de 1933 e 1937 o clube alcançou dois títulos citadinos e três vice-campeonatos. Estas conquistas ocorrem nos anos anteriores e posteriores ao título estadual de 1936, demonstrando a força do clube neste período.

Sobre o F. C. Rio-grandense, destacaram-se os anos finais da década. Depois de um vice-campeonato em 1932, o clube surgiu a partir de 1937 como a grande força do futebol riograndino, com três títulos consecutivos (1937, 1938, 1939), que são coroados com a conquista estadual de 1939.

Ao analisarmos as conquistas locais e estaduais percebemos uma demarcação territorial, pois para chegar até as finais estaduais os clubes locais deveriam ser campeões em Rio Grande. Nesta pesquisa constatamos que além de serem campeões da cidade, os clubes vinham de uma sequencia de bons resultados riograndinos, ou seja, as conquistas estaduais estavam atreladas aos desempenhos que os times estavam alcançando nos campeonatos municipais.

Durante a década pesquisada não encontramos os clubes de menor expressão da cidade como vencedores do Campeonato Local³⁵, mas, devemos destacar a força destes clubes nos primeiros anos da década de 1930, pois existia uma proximidade entre o futebol apresentado por eles e pelos três maiores clubes da cidade. Além disto, os dois vice-peonatos do F. C. Americano, em 1930 e 1931 corroboram com esta aproximação.

Fora o campeonato municipal, os clubes e times da cidade colocavam inúmeras copas e taças em jogo. Estas disputas tinham a motivação de manter a prática do futebol durante os meses que não se tinha o certame municipal.

3. 3. 2. Torneios

O “Initium³⁶” dava o pontapé inicial às disputas entre os clubes que pleiteavam o campeonato municipal, pois logo após este torneio começava oficialmente a temporada. Os jogos ocorriam com tempo único e reduzido e, um fato peculiar era a contagem de escanteios, que serviria de critério de desempate para jogos que acabassem com o placar igual, o time que tivesse o maior número de escanteios a

³⁵ O único campeão riograndino, fora os três maiores clubes da cidade, foi o Grêmio Atlético Militar General Osório, em 1925.

³⁶ Essa era a expressão dada ao torneio que abria a temporada dos times da cidade.

seu favor seria declarado o vencedor (JORNAL O TEMPO, 1º de abril de 1932 e 28 de março de 1938). Além de Rio Grande, diversas outras cidades realizavam este torneio³⁷, que se tornou uma marca no início das temporadas esportivas no Rio Grande do Sul. Extrapolando as delimitações do estado gaúcho, o torneio era promovido em outros estados, como no caso do Rio de Janeiro, que teve seu primeiro torneio em 1916 e durou até 1977. A longa duração demonstra a relevância deste torneio no meio do futebol (COSTA et. al. 2007).

Os Torneios de Encerramento, que indicava o término da temporada e os Torneios de Verão, são competições menos corriqueiras. No primeiro, os times que disputavam o Campeonato Local se enfrentavam em uma tarde. Eram jogos realizados em uma única tarde, com tempo reduzido de apenas 20 minutos. A disputa era de todos contra todos em pontos corridos, onde quem conseguisse o maior número de pontos seria o ganhador (JORNAL O TEMPO, 13 de dezembro de 1930 e 06 de dezembro de 1931). Já, os Torneios de Verão foram aparecer pela primeira vez no ano de 1935. Os clubes S. C. São Paulo e S. C. Rio Grande promoveram inscrições para aqueles times que queiram jogar durante o período de verão, época em que pouco se jogava na cidade. A importância deste torneio pode ser conferida pelo fato de alguns times da cidade surgirem nesta novidade, como os casos do: Palestra Itália, Alfândega, Vila Verde e Farroupilha (JORNAL O TEMPO, 08 e 14 de dezembro de 1935).

Os torneios internos dos clubes de futebol também movimentavam as tardes da cidade. Eles eram a relação dos trabalhadores e simpatizantes com o clube, como forma de promoções para o time principal. Antunes (1992. p. 41) lembra que,

os trabalhadores que não haviam conquistado uma posição na equipe de futebol poderiam contar, ainda, com uma segunda chance. Todos os anos, organizavam-se campeonatos internos [...] Apesar da propalada confraternização dos trabalhadores, esses torneios tinham como objetivo revelar novos jogadores para a equipe principal do clube. Sua característica mais marcante era a acirrada competição entre aqueles que pretendiam desenvolver uma carreira.

Destacamos o crescimento deste tipo de competição ao longo da década, pois durante este período, o F. C. Rio-Grandense, um dos clubes que promoviam

³⁷ Cidades como Pelotas e Porto Alegre, também iniciavam suas temporadas futebolísticas com este torneio (Jornal o Tempo, 28 de março de 1938).

este torneio tinha seis times no início das disputas e, ao final da década, encontramos doze. Essa duplicação corrobora com a tendência de popularização e crescimento do esporte na cidade.

Os torneios “Initium”, encerramento, de verão e internos eram uma marca do futebol riograndino da década de 1930. Tanto que as notícias relacionadas a estas competições ganhavam boas proporções nas páginas do jornal. Assim como as taças disputadas na cidade.

3. 3. 3. Taças

Estabelecimentos comerciais, agremiações e empresas também costumavam proporcionar jogos festivos, que eram chamadas de taças. A maioria das taças encontradas nesta pesquisa levava o nome dos seus promotores e tinham o interesse da divulgação das suas marcas. Como destacado anteriormente por Loner (2001), Wisnik (2008) e Becker (2012), o futebol estava em um processo de proliferação e, ganhava maior visibilidade. Assim, estabelecimentos comerciais usavam o futebol para divulgar suas marcas. Entre as taças com apelo comercial, algumas delas tinham maior destaque.

Taça “Gioacchiano Rossini”³⁸ era o nome dado a uma tradicional disputa local, que possuía uma relevância significativa entre os clubes da cidade. Em 1930, por exemplo, quando o F. C. Americano venceu o São Paulo, atual Campeão Local, os torcedores fizeram uma carreata pelas ruas da cidade e os dirigentes ofereceram um jantar e diversos agrados aos jogadores pela conquista (JORNAL O TEMPO, 30 de setembro e 2 de outubro de 1930).

Outra disputa, com interesse comercial era a Taça Brahma, que em 1939 contou com a presença de S. C. Rio Grande e o S. C. São Paulo. Este embate, de dois dos clubes mais tradicionais da cidade não era comum, já que existia grande rivalidade entre os clubes eles evitavam se enfrentar fora dos jogos do Campeonato

³⁸ A taça era oferecida pelos simpatizantes da Banda Marcial Gioachiano Rossini, tradicional e respeitada banda da cidade de Rio Grande.

Local. A disputa repercutiu pela cidade, atraindo grande público ao jogo. Nesta tarde esportiva, o S. C. São Paulo venceu por 3 a 1 e levou diversos brindes, troféus e medalhas oferecidos por esta marca de cerveja (JORNAL O TEMPO, 13 de março de 1939). A taça “Café Viana³⁹” contava com entrega de diversos brindes aos vencedores e ao público presente na partida (JORNAL O TEMPO, 17 de fevereiro de 1932). Na disputa em 1932, o F. C. Vasco da Gama levou a melhor sobre o F. C. Americano, causando estranhamento para os torcedores, já que o F. C. Americano participava do campeonato local. O jornal destacou que a conquista só foi alcançada pelo poder de empolgação do time vencedor.

Além deste apelo comercial, existiam também as taças comemorativas, como no caso da Taça Estrela do Oriente, que era oferecida nos primeiros meses do ano. Ela era dedicada ao cordão carnavalesco Estrela do Oriente. Já a Taça “Victor”, que era oferecida pela ARGD, reunia os três clubes mais destacados da cidade para disputas em uma única tarde. Era tratada pelo jornal como a grande competição, pois reunia somente os melhores da cidade (JORNAL O TEMPO, 14 de agosto de 1932).

Umás disputas com mais, outras com menos prestígio, assim eram os campeonatos, copas e taças. A cobertura do jornal era maior nas competições e partidas que envolviam os times profissionais, nos jogos entre times amadores o jornal costumava anunciar somente o dia, o local e o horário da partida, sem cobertura no dia seguinte, sobre o resultado do jogo, etc.

3. 3. 4. Jogos Festivos

Pelos dados colhidos na pesquisa percebemos que os jogos festivos tinham grande tradição. Quando não eram preenchidas com amistosos, as datas disponíveis no calendário das competições oficiais (Campeonato Local, Campeonato

³⁹ Estabelecimento comercial com grande prestígio na cidade, pois, era um dos pontos mais apreciados pela população. Durante a pesquisa encontramos diversas indicações de solenidades nesta cafeteria.

Regional e Campeonato Estadual) eram reservadas para as festividades, como aniversários e datas comemorativas.

Seguindo a mesma lógica do lazer e divertimento, os jogos festivos além de colocar as equipes em disputa, colocavam-nas em confraternização através de partidas de futebol (COSTA. e. al. 2007). Dificilmente ocorriam problemas ou casos de violência nestas disputas.

Uma festa de aniversário marcante foi a de 25 anos da fundação do S. C. Pelotas. Nesta festa o S. C. Rio Grande foi chamado para fazer uma partida amistosa em uma tarde de futebol e brindes na cidade vizinha. O time de Rio Grande foi chamado pelo fato de ter sido o primeiro adversário do clube pelotense em sua história⁴⁰. Em nota publicada no jornal, o S. C. Pelotas, além de fazer o convite do jogo-festa, agradece o clube riograndino por este momento histórico que completa um quarto de século. O clube pelotense se mostra muito grato ao clube riograndino⁴¹ (JORNAL O TEMPO, 1º de outubro de 1933).

As datas comemorativas dos clubes locais eram marcadas por grandes festas, que recheavam as tardes esportivas e envolviam grande número de torcedores até os locais dos jogos. Dentre os times da cidade se destacava a S. E. Esperança, do Povo Novo, pois costumava encabeçar grandes tardes para os futebolistas daquela localidade. O clube fundado em 19 de outubro de 1913, que é considerado um dos primeiros clubes amadores do país, tem grande destaque entre os times amadores riograndinos.

O futebol amador rio-grandino estará em festa no dia 19 deste mês com o aniversário de fundação do Esporte Clube Esperança. O clube de Povo Novo, campeão estadual em 1953 e 54, completa 92 anos de existência, com extensa programação festiva que se inicia nesta segunda-feira e se encerra no próximo domingo [...] A história do Esperança registra nos anos 50 e 60, títulos de campeão citadino e regionais, além de vitórias em disputas amistosas sobre os clubes profissionais rio-grandinos, Rio Grande, Rio Grandense e São Paulo. Com isso, vários atletas do clube, na época, receberam convites para defender equipes profissionais de Rio Grande e Pelotas. [...] Desde 2002, o clube é presidido por Ronaldo Neves Lima e grupo de amigos, que têm a responsabilidade de manter viva a história de

⁴⁰ Ramos (2000) lembra que as excursões feitas pelo S. C. Rio Grande por diversas cidades do estado serviam para disseminar o futebol. O que era uma tendência do time riograndino. Em um jogo festivo em 1908 ajudou na criação do S. C. Pelotas.

⁴¹ S. C. Pelotas, fundado em 11 de outubro de 1908.

glórias de um dos maiores clubes amadores da Zona Sul do Rio Grande do Sul (DIÁRIO POPULAR, 16 de outubro de 2005. p.12).

Durante a década pesquisada, enfatizamos dois jogos deste time, um contra o Grêmio Acadêmico e outro contra os Diretores do Porto F. C. Foram duas partidas memoráveis para a população do Povo Novo que não costumava ver times do centro da cidade jogando por lá. O clube da localidade venceu um e perdeu outro jogo. Após a partida foi oferecida uma grande festa aos jogadores e público, com um grande banquete aos visitantes (JORNAL O TEMPO, 27 de novembro de 1935).

Em alguns anos da década de 1930, no dia 13 de maio, era disputado um torneio comemorativo, não encontramos no jornal qual o motivo para tal festividade, mas é certo dizer que tinha grande repercussão pela cidade. Acreditamos que tal festividade se dava pela comemoração do dia da Abolição da Escravatura, que foi neste dia no ano de 1888. Inúmeros times amadores jogavam nesta data, mas, em raras exceções, aparecem times que disputavam o campeonato local (JORNAL O TEMPO, 13 de maio de 1934, 1935 e 1938).

Outra festa muito apreciada pelos riograndinos era o “Dia do Desporto”. Neste dia os clubes locais eram homenageados pela entidade organizadora do futebol local, a ARGD. Os principais times da cidade, aqueles que faziam parte do campeonato local, jogavam partidas amistosas. Era uma apresentação do futebol para a população, tanto que os torcedores não pagavam entrada para assistir os jogos. O clima era festivo, mas os times se empenhavam para vencer as disputas. Neste dia a cordialidade prevalecia, em uma clara demonstração de espírito festivo a favor do esporte. Os clubes encaravam este dia como uma forma de destacar os praticantes e o futebol da cidade. Segundo dados encontrados nesta pesquisa, outras cidades como Porto Alegre e Pelotas também faziam a disputa do “Dia do Desporto”.

Todas estas competições apresentadas e analisadas acrescentavam e englobavam o âmbito futebolístico da cidade. Sobre o aspecto da competitividade, percebemos que os principais clubes da cidade tinham interesses variáveis, preferindo certas competições, já os amadores tratavam todas as competições com grande entusiasmo. Para facilitar o entendimento expomos uma tabela abaixo.

Tabela 02: Relação das competições, os times, a expectativa e a duração

	Times	Expectativa (5–10)	Duração
C. Local	São Paulo, Rio Grande, Rio-Grandense, Americano, União Fabril e General Osório	10	Seis meses
Torneios	“Initium” e Enceramento (os mesmos do C. Local)	09	Uma tarde ou Temporadas
	Verão e Internos (amadores)	10	
Jogos Festivos	São Paulo, Rio Grande e Rio-Grandense	08	Uma tarde
	Times Amadores	10	
Taças	São Paulo, Rio Grande e Rio-Grandense	07	Uma tarde
	Times Amadores	10	

4. OS DESLOCAMENTOS: Excursões e a Mobilização dos Torcedores

Os clubes riograndinos tinham grande interesse pelas excursões, observamos isto pelo número de jogos com esta finalidade. Usando a sua etimologia, podemos destacar a palavra excursão como um deslocamento de um ponto a outro. No caso dos times de futebol, estas poderiam ser entre cidades, estados ou países.

Conforme Damo e Ferreira (2013),

o termo excursão ficou consagrado na memória dos futebolistas como designativo de um deslocamento para fora do país. Todavia, era freqüente que fosse usado também para a circulação dentro do território nacional e não há qualquer ressalva a este respeito, pois as fronteiras são sabidamente relacionais, de modo que um deslocamento do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense pelo interior do Rio Grande do Sul poderia vir a ser descrito como uma excursão, uma vez que se deslocava para fora de sua cidade de origem (p. 380).

Estes mesmos autores destacam que, em alguns casos, as excursões dependiam de uma autorização ou aval de alguma entidade, seja regional, nacional ou internacional para acontecer, pois os clubes representavam estas entidades e deveriam comunicá-las sobre qualquer alteração em seu calendário de jogos. Na maioria das vezes, isto não existia com os times riograndinos, já que, geralmente se tratava de jogos com outros times do interior do estado e o deslocamento não dificultava o calendário já estabelecido pelas entidades organizadoras dos campeonatos.

Como as excursões foram frequentes durante a década pesquisada, elas ocupavam parte destacada do calendário ou agenda dos clubes locais. Por não haver nenhum campeonato que colocasse os times das diferentes cidades ou estados jogando entre si, as excursões criavam grande expectativa⁴².

⁴² A única competição que colocava times de diferentes cidades em disputa era o Campeonato Estadual. Mas, deste só participavam os campeões das cidades, assim, a maioria dos clubes não participavam de disputas intermunicipais.

Os clubes viam as excursões também como uma fonte de receita. Na maioria das vezes, os clubes faziam mais de um jogo nas cidades em que visitavam e, por vezes, os jogos eram com adversários diferentes e em três ou quatro dias seguidos. As excursões ajudavam a consagrar os clubes fora de suas cidades de origem⁴³. Por exemplo, os times do eixo Rio - São Paulo recebiam convites para excursionar pela Europa⁴⁴, enquanto os times de Rio Grande jogavam com times do interior do estado (DAMO e FERREIRA, 2013).

Notamos que, quando os times riograndinos jogavam com times da capital do estado, clubes cariocas ou paulistas havia uma grande repercussão e expectativa na cidade. Já, quando os clubes riograndinos viajavam para cidades como Jaguarão ou Santa Vitória do Palmar a lógica se invertia, os clubes em destaque eram os riograndinos (JORNAL O TEMPO, 1º de janeiro de 1930).

As excursões daquela época dependiam de trens e navios. Durante esta pesquisa encontramos os deslocamentos pelo estado prioritariamente por trens, já nos jogos com times de outros estados, por meio de navios. Estes amistosos eram encarados com apreço pelos jornais e pela população, despertando grande mobilização na cidade. Elas estiveram presentes nos jornais pesquisados, desde o primeiro dia do ano de 1930, com uma viagem do F. C. Rio-Grandense à cidade de Jaguarão (JORNAL O TEMPO, 1º de janeiro de 1930), até o último dia de coleta, na terceira partida da final do Campeonato Estadual entre o F. C. Rio-Grandense e o Grêmio Futebol Santanense, de Santana do Livramento, disputada em campo neutro, na cidade de Pelotas (JORNAL O TEMPO, 25 de janeiro de 1940).

Entre as viagens pelo interior do estado, realizado pelo clube de Rio Grande, Pelotas e Bagé eram os destinos mais frequentes. As excursões para Jaguarão e Santa Vitória do Palmar também são tratadas nas páginas do jornal, mas estas têm outra finalidade, elas são para difundir o esporte nestas cidades.

⁴³ Em uma passagem do jornal encontramos uma crônica, na coluna Desportos, que dava conta da excursão do Botafogo de Futebol e Regatas – tido como o melhor time do Brasil do início dos anos 1930 – pelos quatro cantos do país, a fim de estender sua marca por onde passasse. (Jornal O Tempo, 6 de janeiro de 1933)

⁴⁴ Durante a pesquisa encontramos no jornal O Tempo cartas convites para que os clubes: São Paulo Futebol Clube; Botafogo de Futebol e Regatas; Club de Regatas Vasco da Gama excursionassem por países como Espanha, França e Portugal, a fim de medir forças com os times da Europa.

4. 1. Interior do Estado

Pelotas

Assim como Rio Grande, Pelotas fica no extremo sul do Rio Grande do Sul. E, o futebol apresentado pelos pelotenses já era bem desenvolvido na época, sendo uma das maiores forças do estado⁴⁵.

As excursões entre Rio Grande e Pelotas tinham espaço certo na temporada futebolística das duas cidades. Levando em consideração os jogos acompanhados pelo jornal, eram disputadas mais de uma dezena de partidas por ano. E, em todos os anos pesquisados, sempre houve disputas entre os clubes dessas duas cidades. Ano após ano, com as partidas amistosas e os embates pelos campeonatos regionais esta disputa foi se acirrando. Era nítido, pelo encontrado nas páginas do jornal, que se tratava da maior rivalidade intermunicipal dos times riograndinos. Eram: amistosos, festivais, torneios ou campeonatos regionais. Como falaremos mais adiante sobre esta rivalidade, colocamos neste capítulo duas tabelas, estampadas na coluna “Desportos” do Jornal, que dão certa noção de como eram estes jogos.

Tabela 03: Final do campeonato regional de 1933.

	S. C. Pelotas	S. C. São Paulo
Faltas	15	09
Mãos	10	04
Escanteios	02	02
Pênaltis	01	01
Placar	02	03

Fonte: JORNAL O TEMPO, 31 de novembro de 1933.

⁴⁵ Observamos isto devido às conquistas futebolísticas dos clubes desta cidade. Até o ano inicial da pesquisa (1930) Pelotas tinha dois títulos estaduais, em 1919 com o G. E. Brasil e 1930 com o S. C. Pelotas.

Tabela 04: Final do campeonato regional de 1936

	S. C. Rio Grande	9° R. da Infantaria
Faltas	17	09
Escanteios	11	01
Impedimentos	04	01
Mãos	06	03
Gols	02	01
Defesas	01	07

Fonte: JORNAL O TEMPO, 15 de dezembro de 1936.

Estas tabelas exemplificam os dados estatísticos de dois jogos entre clubes dessas duas cidades e, comparando - os, com outras partidas, que não envolviam clubes dessas duas cidades times de Rio Grande e Pelotas, podemos identificar algumas diferenças.

Quanto ao número de faltas, o primeiro jogo teve 24 faltas (tab. 01) e o segundo 26 (tab. 02). Números bem superiores ao que ocorreram na partida entre F. C. Rio-Grandense e Sport Club Internacional, por exemplo, em que houve 10 faltas. (JORNAL O TEMPO, 11 de novembro de 1933). Já no resultados dos jogos, predominam placar com pouca diferença de gols, independente de quem fosse o vencedor, um indicador do equilíbrio que envolvia as disputas entre Pelotas e Rio Grande.

Tabela 05: Jogos entre times de Rio Grande e Pelotas (1930 – 1939)

Rio Grande x Pelotas	Vitórias	Derrotas	Empates
Entre os anos de 30 e 33	15	12	10
Entre os anos de 34 e 36	11	10	04
Entre os anos de 37 e 39	14	08	02

Fonte: JORNAL O TEMPO, 1º de janeiro de 1930 até 31 de dezembro de 1939.

Em toda década, observamos uma equiparidade nos confrontos, apesar de haver nessa década um maior número de vitória dos clubes de Rio Grande. Entre 1930 e 1933, o S. C. São Paulo, Campeão Estadual em 1933, e do S. C. Pelotas, Campeão em 1930, se destacaram dos demais. No meio da década o destaque ficou com o S. C. Rio Grande (Campeão Estadual de 1936) e o 9º Regimento da Infantaria, (Campeão Estadual em 1935). Já no último triênio, quem se sobressai é o F. C. Rio-Grandense, duas vezes vice-campeão estadual (1937 e 1938) e campeão estadual em 1939.

Bagé

Outra cidade do interior que tinha um futebol bastante competitivo e que fazia jogos equilibrados com os times riograndinos na década de 1930 era Bagé⁴⁶. Em 1931, por exemplo, O Grêmio Esportivo Bagé veio até Rio Grande jogar amistosamente com o S. C. Rio Grande e depois com o S. C. São Paulo. Na primeira partida os visitantes venceram pelo placar de um a zero, já no segundo jogo os riograndinos saíram vitoriosos pelo placar de três a dois (JORNAL O TEMPO, 3, 6, 9 e 13 de setembro de 1931).

Se fizermos uma análise da década de 1930 a partir dos resultados dos jogos, é possível identificar que no início havia um equilíbrio entre as duas cidades, mas a partir da segunda metade da década percebe-se uma superioridade dos times de

⁴⁶ Tal desenvolvimento pode ser notado pelo fato de dois clubes da cidade conseguirem títulos expressivos como os campeonatos estaduais. Em 1920 (Guarany F. C.) e 1925 (G. E. Bagé).

Rio Grande. Mesmo assim, as partidas envolvendo riograndinos e bageenses quase sempre resultavam em jogos bastante equilibrados e com placares apertados.

Tabela 06: Jogos entre times de Rio Grande e Bagé (1930 – 1939)

Rio Grande x Bagé	Vitorias	Derrota	Empate
		s	s
Entre os anos de 30 e 33	04	05	03
Entre os anos de 34 e 36	06	04	02
Entre os anos de 37 e 39	07	03	02

Fonte: JORNAL O TEMPO, 1º de janeiro de 1930 até 31 de dezembro de 1939.

No primeiro período (de 1930 a 1933), os bageenses superam os riograndinos nos confrontos em uma vitória, provavelmente um reflexo da competitividade que vigorou no futebol daquela cidade na década de 1920, quando os clubes alcançaram dois títulos de Campeão Estadual, em 1920 e em 1925, e dois vice-campeonatos, em 1926 e em 1929. Posteriormente, a partir de 1934, como indica a tabela acima, há uma supremacia de vitória dos clubes de Rio Grande. No terceiro período (1937 a 1939) o F. C. Rio-Grandense se destaca novamente, este clube conseguiu a maior parcela das vitórias nos confrontos entre as cidades. E, segundo o jornal pesquisado, chegou à marca de 20 partidas invictas, em jogos oficiais e amistosos.

Jaguarão e Santa Vitoria do Palmar

Logo após a sua fundação, em 1900, o S. C. Rio Grande começou a fazer excursões para outras cidades para promover a pratica do futebol. Posteriormente, inclusive na década de 1930, os times de Rio Grande seguiram essa tradição. Encontramos nas páginas do Jornal O Tempo de primeiro de Janeiro de 1930 a notícia que o F. C. Rio-Grandense excursionou para Jaguarão, a fim de enfrentar um

combinado local e o S. C. Cruzeiro do Sul. Seguindo esse costume o S. C. São Paulo foi até Santa Vitória do Palmar, jogar contra o E. C. Vitoriense no dia 16 de setembro de 1930 e, no ano seguinte, o F. C. Americano também se deslocou para essa cidade para jogar contra um combinado local e outro time de cidade, que não foi localizado pelo jornal (JORNAL O TEMPO, 16 de setembro de 1930; 27 de janeiro de 1931).

Em todas as partidas destacadas acima os riograndinos saíram vencedores. Essas vitórias alcançadas jogando fora de sua cidade, inclusive pelo F. C. Americano, são alguns indicadores da superioridade do futebol de Rio Grande perante esses outros municípios menores.

Tabela 07: Jogos entre times de Rio Grande e Santa Vitória do Palmar ou Jaguarão (1930 – 1939)

Rio Grande x Santa Vitória e Jaguarão	Vitórias	Derrotas	Empates
Entre os anos de 30 e 33	05	00	00
Entre os anos de 34 e 36	02	00	00
Entre os anos de 37 e 39	01	00	02

Fonte: O TEMPO, 1º de janeiro de 1930 até 31 de dezembro de 1939.

O jornal comenta que as excursões dos riograndinos atraíam um grande número de torcedores dessas outras localidades aos estádios. Além disto, através das informações contidas no periódico pesquisado, percebemos que, com o passar dos anos os placares elásticos das primeiras partidas começaram a apertar, tanto que constatamos empates em confrontos no final da década. Este fato destaca mais a evolução do futebol destas duas cidades do que o declínio do futebol riograndino, pois o futebol de Rio Grande continuava a crescer nos anos finais da década.

4. 2. Capital e Eixo RJ-SP

Porto Alegre

Os trezentos e vinte quilômetros que separam Rio Grande e a capital do estado faziam com que os jogos entre as duas cidades se tornassem menos comuns. Em 1930 o jornal destaca a vinda do Concórdia F. C. a Rio Grande para jogar enfrentar o General Osório, o São Paulo, o Americano e o Rio Grande. No ano seguinte, em 1931 o Concórdia F. C. voltou a Rio Grande para enfrentar o S. C. São Paulo, que era o atual campeão local, o S. C. Rio Grande e o F. C. Rio-Grandense, sendo que a primeira partida, contra o campeão local, o resultado foi favorável ao time riograndino, mostrando certo equilíbrio entre o futebol da cidade e o da capital (JORNAL O TEMPO, 13, 14, 16, 18 e 19 de agosto de 1931).

Em 1933, o Sport Club Internacional vem a Rio Grande para enfrentar o F. C. Rio-Grandense, que venceu o colorado local pelo placar de dois a um (JORNAL O TEMPO, 10 e 11 de novembro de 1933). Esta vitória vem no mesmo ano em que o S. C. São Paulo sagra-se campeão estadual, mostrando que há uma ascensão do futebol riograndino no âmbito estadual. Outras equipes da capital também vieram até Rio Grande, como o Esporte Clube Cruzeiro, em 1934; em 1937 o Grêmio Football Porto-Alegrense; e o Grêmio Sportivo Força e Luz em 1938 (JORNAL O TEMPO, 13, 17 e 18 de novembro de 1934; 13 de junho de 1937; 24 e 27 de setembro de 1938).

Tabela 08: Jogos entre times de Rio Grande e Porto Alegre (1930 – 1939)

Rio Grande x Capital	Vitorias	Derrotas	Empates
Entre os anos de 30 e 33	02	05	01
Entre os anos de 34 e 36	03	04	01
Entre os anos de 37 e 39	02	04	01

Fonte: O TEMPO, 1º de janeiro de 1930 até 31 de dezembro de 1939.

Estes confrontos, em sua grande maioria, são de excursões de times da capital até Rio Grande e dos jogos finais do Campeonato Estadual de 1933 e 1936. Em apenas dois jogos, em 1933, o S. C. Rio Grande se aventurou por Porto Alegre.

As duas vitórias dos primeiros quatro anos são marcantes para o futebol riograndino. Uma delas representa a primeira conquista do estadual da cidade, por parte do S. C. São Paulo em 1933, que venceu o Grêmio F. B. P. A., em Porto Alegre. A outra vitória foi em uma passagem do S. C. Internacional, jogando contra o F. C. Rio-Grandense também em 1933. Entre 1934 e 1936, as conquistas passam pelo S. C. Rio Grande, que venceu o S. C. Internacional nas duas partidas da final do estadual, jogando em Porto Alegre, (3x2 e 2x0). Já no último triênio, os jogos entre as cidades foram apenas em excursões dos times da capital até Rio Grande. Os dois times mais fortes da capital, Grêmio F. B. P. A. e S. C. Internacional, venceram seus jogos, já os outros dois; G. S. Força e Luz e o G. S. Renner, perderam.

Notamos que, mesmo com as conquistas estaduais, os jornais elogiavam demasiadamente os times da capital do estado. Porto Alegre era vista como a grande força futebolística da época, tanto que conseguia fazer bons jogos contra times do eixo Rio - São Paulo. Assim, podemos constatar que durante os anos 1930 os clubes locais tinham um futebol equivalente ao das grandes forças do estado e do país.

Eixo Rio – São Paulo

Como o próprio jornal da época destacava o eixo Rio – São Paulo era considerado a região em que o futebol brasileiro estava mais avançado. A seleção nacional de futebol era composta basicamente por jogadores destes dois estados.

Os longínquos quilômetros que separam estes estados da cidade de Rio Grande faziam com que os jogos fossem mais difíceis de acontecer. Mesmo assim houve excursões de clubes desses estados para o Rio Grande do Sul. Alguns em Rio Grande, como foi o caso do Botafogo F. R. em 1931, que enfrentou o S. C. Rio Grande em um jogo sem vencedor, pois o clube carioca abandonou a partida após ser marcada uma penalidade máxima a favor do clube local. O abandono causou um

grande mal estar nos torcedores que foram assistir um dos mais famosos times do país (JORNAL O TEMPO, 23 de junho de 1931).

Em 1935 em excursão pelo RS o Santos F. C. enfrentou o F. C. Rio-Grandense. Esse jogo chamou a atenção da cidade, principalmente pelo fato das arquibancadas do estádio Torquato Pontes estarem lotadas já ao meio dia, apesar da partida iniciar apenas às 16 horas. No jogo foi marcado também por uma grande apresentação dos dois times e o clube paulista saiu vencedor pelo placar de quatro a três, resultado visto com bons olhos pelos futebolistas riograndinos (JORNAL O TEMPO, 11, 12, 13, 14, 15, 23 e 28 de maio de 1935).

Em uma de suas capas, o jornal “O Tempo” estampou a seguinte informação: “Domingo – 28/06, Selecionado Carioca X S. C. Rio Grande – raríssima oportunidade de admirar “cracks” autenticos” (JORNAL O TEMPO, 25 de junho de 1936). Esta foi a chamada para a população prestigiar o grande evento esportivo que Rio Grande viria. Em uma tarde irrepreensível o time local conseguiu segurar o selecionado carioca com um empate em um a um, fato que rendeu uma placa de bronze para o S. C. Rio Grande, oferecida pelo prefeito da cidade. O feito ganhou notícia no estado, vindo a surgir um convite para o S. C. Rio Grande jogar contra um selecionado Gaúcho em Porto Alegre.

Tabela 09: Jogos entre times de Rio Grande e Rio de Janeiro ou São Paulo (1930 – 1939)

Rio Grande x Eixo RJ-SP	Vitorias	Derrotas	Empates
Entre os anos de 30 e 33	00	01	01
Entre os anos de 34 e 36	00	02	01
Entre os anos de 37 e 39	00	02	00

Fonte: O TEMPO, 1º de janeiro de 1930 até 31 de dezembro de 1939.

A tabela mostra que não houve muitos jogos contra os clubes do eixo Rio-São Paulo na década de 1930, geralmente foram excursões à capital que esticaram até Rio Grande e região. Como podemos notar, não houve registro de vitórias de times riograndinos contra as equipes do eixo Rio – São Paulo. O jogo que esteve mais próximo do êxito dos riograndinos foi entre S. C. Rio Grande e Botafogo F. R., em 1933, que não teve vencedor devido ao abandono do campo por parte do time carioca. E, o empate conquistado pelo S. C. Rio Grande contra um selecionado de jogadores cariocas e paulistas em 1936, um indicador da qualidade do time riograndino, que neste mesmo ano venceria o Campeonato Estadual.

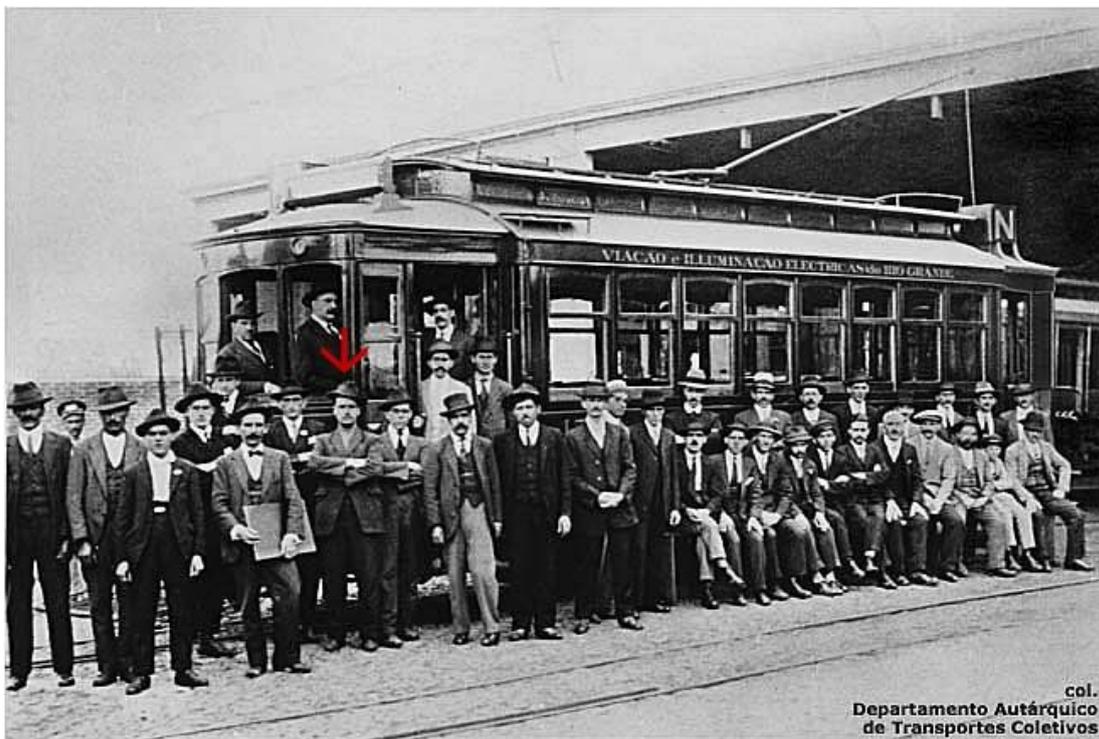
Por fim, cabe ressaltar que as excursões perpassaram toda a década de 1930, o que mostra a relevância que elas tinham para o futebol riograndino naquela época.

4. 3. A Importância dos Bondes para o Futebol

Sobre os torcedores, Damo e Ferreira (2013) afirmam que, “a produção de identidades no espectro do clubismo é um processo mais complexo, pois equivale à construção da própria comunidade de sentimento ou, preferindo-se, de pertencimento” (p. 384). Essa sensação de pertencer ao clube fez com que os estádios riograndinos estivessem lotados em várias ocasiões da década pesquisada.

Em relação ao deslocamento dentro da cidade, a logística de circulação dos bondes garantia o deslocamento de torcedores, jogadores e dirigentes. Alguns jogos da época chegaram a levar aos estádios aproximadamente 5.000 pessoas. Nesses dias os bondes de algumas linhas esgotavam suas capacidades. Os que faziam a Linha do Parque, linha que passava nos três estádios, por exemplo, circulavam de 15 em 15 minutos (JORNAL O TEMPO, 12 de junho de 1933).

Figura 23 e 24: Bondes que circulavam na cidade na década de 1930



Fonte: Biblioteca Rio-Grandense

Damo e Ferreira (2013) enfatizam que,

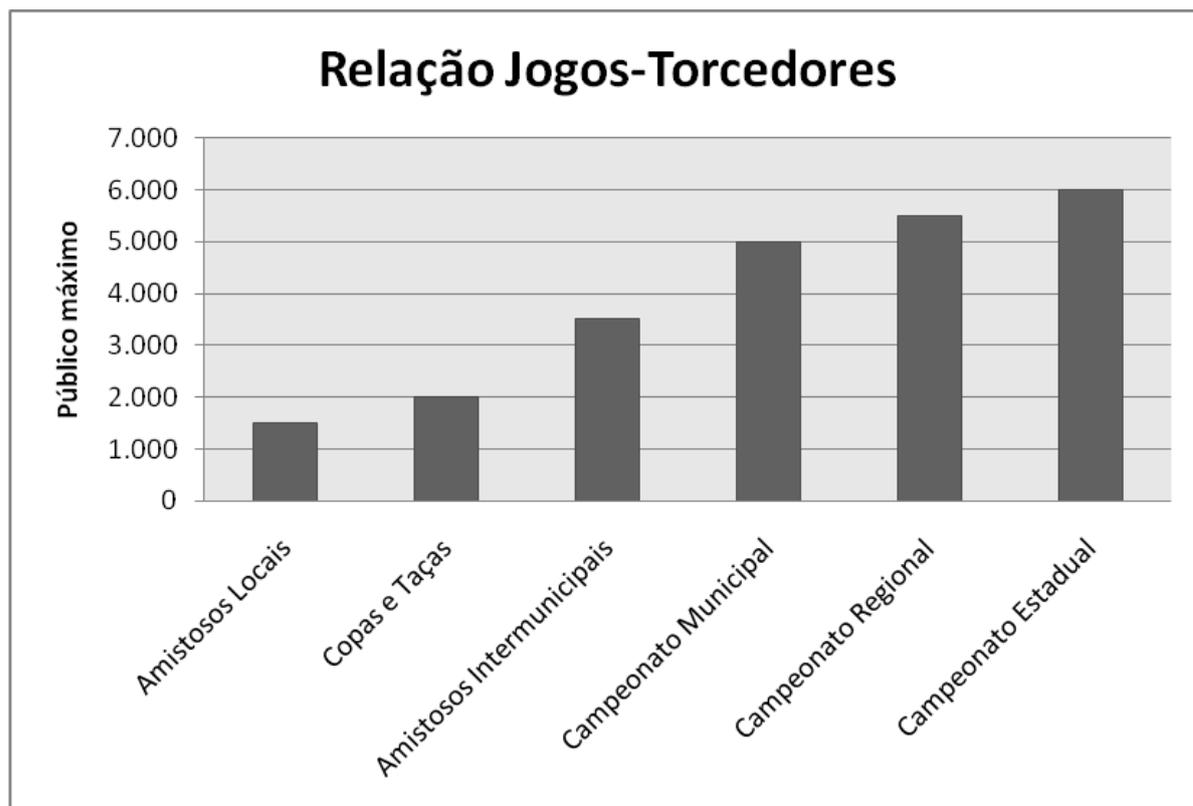
nos primórdios, todos os clubes, mesmo os que atualmente fazem parte da elite, eram formados por um grupo reduzido de associados e/ou simpatizantes. Nos primeiros estágios do futebol em nossas cidades, esses agrupamentos se multiplicaram exponencialmente e, em certo momento, alguns – e apenas uns poucos – despontaram na preferência do público, logrando estabelecer um agregado de simpatizantes (p.385).

Os jogos do Campeonato Local atraíam um bom público, mas as jornadas regionais e estaduais seduziam ainda mais os torcedores. Podemos observar isto em alguns dos jogos pelo Campeonato Regional⁴⁷: S. C. São Paulo x G. E. Bagé - 5.000 pessoas (JORNAL O TEMPO, 7 de novembro de 1933); S. C. Rio Grande x 9º Regimento de Infantaria - 6.000 pessoas (JORNAL O TEMPO, 15 de dezembro de 1936); F. C. Rio-Grandense x S. C. Pelotas - 6.000 pessoas (JORNAL O TEMPO, 22 de outubro de 1939). Estes números indicam o grande interesse que o futebol já possuía na época, principalmente se considerarmos que na década de 1930 a população da cidade girava em torno de 60.000 pessoas.

Figura 25: O gráfico ilustra a maior presença de público nos estádios, nas diferentes competições que os clubes da cidade participavam. O período estudado é correspondente ao dia 1º de janeiro de 1930 até 30 de janeiro de 1939 e as informações foram obtidas juntamente ao jornal local “O Tempo”.⁴⁸

⁴⁷ Campeonato Regional era a disputa entre os campeões das cidades de Rio Grande e Santa Vitoria do Palmar, que, posteriormente, o vencedor viria a enfrentar o campeão de Pelotas, se tornando assim o campeão da região Litoral. Mais tarde este time jogaria o Campeonato Estadual contra os campeões das outras regionais do estado. (Jornal O Tempo, 5 de julho de 1939)

⁴⁸ Campeonato Estadual era disputado entre os campeões regionais. O campeonato contava com as equipes campeãs das regionais – Centro (Porto Alegre, São Leopoldo, Rio Pardo, Santa Cruz); Nordeste (Bento Gonçalves, Novo Hamburgo, Hamburgo Velho, Caxias do Sul, Cachoeira do Sul); Fronteira (Uruguaiana e Livramento), Litoral (Rio Grande, Pelotas e Santa Vitoria do Palmar) Sul (Bagé e Jaguarão). (Jornal O Tempo, 5 de julho de 1939)



Fonte: JORNAL O TEMPO, 1º de janeiro de 1930 até 31 de dezembro de 1939.

Como mostra o gráfico acima, os amistosos entre os clubes da cidade não atraíam muito público aos estádios, as disputas que tinha um dos três maiores clubes da cidade elevavam um pouco o número de expectadores. Os jogos entre F. C. Americano, G. A. M. General Osório e E. C. União Fabril, assim como os jogos amistosos entre outros times amadores da cidade, não costumavam aglutinar um grande público. Esses jogos também eram poucos noticiados pelo jornal. As copas e os torneios entre times locais seguiam essa mesma lógica. Os clássicos, Rio-Rio⁴⁹ e Rio-Rita⁵⁰ nas taças também não atraíam grandes públicos. Já os amistosos intermunicipais dependiam de quem era o clube visitante, pois alguns chamavam um bom número de pessoas aos estádios. Um dos jogos mais assistidos pela população riograndina foi o embate entre S. C. Rio Grande e o Botafogo de Futebol e Regatas. Este jogo em específico levou aproximadamente 3.500 torcedores ao campo. O amistoso rendeu até uma placa no estádio (JORNAL O TEMPO, 7 de julho de 1931).

⁴⁹ Jogos entre F. C. Rio-Grandense e S. C. Rio Grande

⁵⁰ Jogos entre S. C. São Paulo e S. C. Rio Grande ou F. C. Rio-Grandense

Figura 26: Placa em homenagem ao jogo entre S. C. Rio Grande e Botafogo F. R.



Fonte: Acervo do S. C. Rio Grande.

Os jogos do Campeonato Local eram disputados em sua grande maioria nos estádios do S. C. Rio Grande (Oliveiras), do S. C. São Paulo (Waldemar Fetter) e do F. C. Rio-Grandense (Torquato Pontes), os três muito próximos. No período estudado (década de 1930), vários jogos dessa competição contaram com um grande público. Como foram, por exemplo, os jogos do ano de 1933 entre o S. C. Rio Grande e S. C. São Paulo, no Estádio das Oliveiras, que teve aproximadamente 5.000 torcedores (JORNAL O TEMPO, 5 de setembro de 1933); a partida entre S. C. Rio Grande e F. C. Rio-Grandense, também nas Oliveiras, que contou com 4.000 pessoas presentes (JORNAL O TEMPO, 27 de junho de 1933) e o jogo entre o S. C. São Paulo e o S. C. Rio Grande, no Waldemar Fetter, com 5.000 expectadores (JORNAL O TEMPO, 13 de junho de 1933).

O Campeonato Regional registrou algumas movimentações destacadas aos estádios da cidade. Uma das partidas em Rio Grande, com grande presença de expectadores foi o jogo entre S. C. Rio Grande e G. A. 9º Regimento da Infantaria,

em 1936, com 5.000 torcedores (JORNAL O TEMPO, 15 de dezembro de 1936). Outra foi a partida disputada em Pelotas, no Estádio do Clube Atlético Bancário, no jogo entre S. C. Pelotas e F. C. Rio-Grandense, em 1939, que levou 6.000 pessoas, segundo o jornal, um dos grandes públicos registrados na cidade de Pelotas (JORNAL O TEMPO, 10 de outubro de 1939).

Sobre os jogos em Pelotas, realçamos que os trens que excursionavam em dias de jogos contavam com um pacote, em que se comprava passagem e entrada para o jogo. Esta facilidade é destacada pelo jornal como uma inteligente maneira de levar o torcedor riograndino a acompanhar os times locais na cidade vizinha.

As duas primeiras aparições dos times riograndinos em finais do Campeonato Estadual foram em 1933 e 1936 e foram disputadas em Porto Alegre em um único jogo. Já na terceira disputa, em 1939, eram três partidas, sendo uma no campo de cada um dos finalistas e, a última, se necessário, em campo neutro. Na segunda partida da final estadual entre F. C. Rio-Grandense e Grêmio Foot-Ball Santanense, disputada no Torquato Pontes, contou com a presença de mais de 5.000 expectadores. O jornal estimou que fossem 6.000 pessoas, registrando o maior número de torcedores na década pesquisada (JORNAL O TEMPO, 23 de janeiro de 1940). Mas, na terceira partida da final, que ocorreu na cidade de Pelotas, o jogo contou com cerca de 1.800 pessoas.

A diferença de público entre as duas partidas mostram que apesar da proximidade com Pelotas, os torcedores tinham dificuldades para acompanhar o time para outras cidades. O jornal cita como empecilhos para esse jogo especificamente, a dificuldade de encontrar espaço nos vagões dos trens e o preço relativamente alto dos pacotes ofertados. Um pacote para ir até Pelotas custava em média quatro vezes mais do que um ingresso para os jogos em Rio Grande. Enquanto uma partida local custava 3\$000 mil-réis, os pacotes para a cidade vizinha custava 12\$000 mil-réis. Levando em consideração que o salário mínimo de 1940⁵¹ era 160\$000 mil-réis, o valor pago por uma viagem até Pelotas indicava um gasto de quase dez por cento do salário mínimo.

⁵¹ Dados retirados do site: <http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=37717>. Acessado em 28 de outubro de 2013. Demonstramos o valor do ano de 1940, pois este é o primeiro ano que entra em vigor o salário mínimo.

As chamadas feitas pelo jornal variavam de acordo com o jogo. Existia uma proporção entre o espaço no periódico e os torcedores nos estádios. Os jogos e competições mais destacadas eram as mesmas que apresentavam maiores públicos.

Muito mais do que a diferenças de públicos entre as competições ou entre os jogos, a grande presença aos estádios é um indicador que mostra a importância do futebol e também dos clubes riograndinos para a cidade, na época. Isso fica mais evidente quando observamos que na década de 1930 a população da cidade de Rio Grande girava em torno de sessenta mil habitantes. Assim, os jogos que levavam cinco mil torcedores aos estádios representavam 8% da população da cidade.

5. AS RIVALIDADES E A CONQUISTA CATURRITA EM 1933

Em 1932, um cronista, não identificado pelo jornal, reclama do “declínio do esporte Bretão da cidade”. A crônica cita a incapacidade do o S. C. São Paulo, pentacampeão municipal, levar o título regional e alega que, com o berço do futebol, a cidade de Rio Grande deveria demonstrar um futebol melhor. Ao final da crônica são cobradas “explicações das autoridades do assunto”, perguntando: “o que falta para os clubes locais?” (O TEMPO, 6 de abril de 1932. p. 5).

Indagações como a anterior começaram a se tornar cada vez mais frequentes. Os bi-campeonato das cidades vizinhas, Pelotas (1919 e 1930) e Bagé (1920, 1925), mexiam com a mídia local, que estava apreensiva para saber quando seria a vez de um clube de Rio Grande ser campeão estadual. Um ano mais tarde a esta publicação (1933), o S. C. São Paulo sagrou-se campeão estadual.

As rivalidades locais e regionais contribuíram na configuração do cenário futebolístico da cidade. Kowalski (2001) lembra que, não existe um grande jogo ou uma grande vitória se não tiver um grande adversário. As conquistas de um clube desafiam os seus rivais a buscar o mesmo resultado.

A constituição das rivalidades clubísticas passa pelos torcedores. Silva (2001) caracteriza o torcer como a criação de vínculo que sustenta a relação clube/torcedor. Este mesmo autor explica que este sentimento é uma construção cultural, constituído por experiências, que geralmente são influenciados por parentes e amigos.

Segundo Ribeiro (2007), a escolha de um time para torcer, institui uma relação de parceria em que o torcedor passa a acompanhar mais de perto a rotina do seu clube. Rodrigues Filho (1964) enfatiza que o futebol não seria o mesmo se os sujeitos não se identificassem com os clubes, com as bandeiras ou com as camisas.

Souza Neto (2010) ressalta que toda esta sensação de pertencimento gera outra máxima do futebol, a provocação entre torcedores rivais. O mesmo autor indica também que um clube só existe à medida que existe seu contrário, seus adversários.

Entre os adversários logo emergirão os principais rivais, que possuem um papel fundamental, pois o rival é aquele “cuja afirmação me nega me afirmando” (WINSNIK, 2008, p. 58).

Assim como Wisnik (2008), Damo (2002) é outro autor que ressalta a importância das rivalidades no universo do futebol, salientando que as rivalidades cidadinas representam aquilo que podemos conferir como a forma mais acirrada de disputa entre times de futebol.

5. 1. Rivalidade Local

Damo (2002) comenta que, a maior parte das grandes rivalidades locais emergiu no período em que se valorizavam as competições locais (campeonatos municipais, torneiro, taças, etc.). Assim, na década de 1930, S. C. São Paulo, S. C. Rio Grande e F. C. Rio-Grandense foram os propulsores de uma rivalidade no futebol riograndino que se estende até os dias atuais.

Ao se referir as rivalidades no futebol brasileiro Wisnik (2008), traz os exemplos de algumas rivalidades duais, como as que acontecem entre “Grêmio e Internacional em Porto Alegre, Atlético e Cruzeiro em Belo Horizonte, e Bahia e Vitória em Salvador”, e comenta que, “para além dos perfis sociológicos” elas representam “uma necessidade antropológica: a de se dividir em “clãs totêmicos” (WISNIK, 2008, p.51).

Especificamente no caso da cidade de Rio Grande teremos a singularidade de, na década de 1930, ter predominado no futebol local uma rivalidade entre três clubes, que apresentavam estrutura clubística (estádios), número de torcedores e resultados futebolísticos bastante similares.

Em Rio Grande, diferente das cidades em que predominou rivalidades futebolísticas duais, as disputas pelos títulos municipais, envolviam três clubes. Dos

67 Campeonatos Municipais disputados, o S. C. São Paulo venceu 31; o F. C. Rio-Grandense 19; e o do S. C. Rio Grande 16⁵².

Damo (2002) explica que a construção das rivalidades está relacionada com o acirramento e o equilíbrio das disputas. Nos dez anos que abarcam essa pesquisa, o número de conquista foi o seguinte: S. C. São Paulo 5; F. C. Rio-Grandense 3 e S. C. Rio Grande 2. A distribuição de títulos nos anos 1930 seguiu a lógica da totalidade dos campeonatos, em que o S. C. São Paulo foi o maior vencedor, seguido por F. C. Rio-Grandense e S. C. Rio Grande.

A rivalidade entre São Paulo, Rio Grande e Rio-Grandense contribuiu para que houvesse poucos amistosos entre eles. As brigas foram um fato negativo que se mostrou bastante presente na década pesquisada⁵³.

Apesar da intensa rivalidade existente, a mesma não excluía o reconhecimento de um clube para com seus rivais. Exemplificamos isto com as conquistas do Campeonato Estadual, pois nos dias seguintes aos jogos os outros dois rivais demonstravam publicamente, através de notas no jornal, o contentamento com as façanhas alcançadas (JORNAL O TEMPO, 24 de novembro de 1933; 26 de janeiro de 1937; 25 de janeiro de 1940).

Os jogos com a seleção de Rio Grande, formado, basicamente por jogadores dos três principais clubes da cidade, era uma oportunidade para amenizar a tensão entre os clubes e jogadores riograndinos. Outro momento de união entre os clubes riograndinos era quando eles tinham interesse comum em trazer times do eixo Rio – São Paulo para jogar amistosos em Rio Grande. Em diversos momentos constatamos convites enviados a estes clubes (JORNAL O TEMPO, 01 de dezembro de 1935).

Os clássicos foram constantes durante toda pesquisa. Nestes jogos as notícias tomavam maiores proporções e os estádios ficavam lotados, o que demonstra a relevância destas partidas perante a sociedade riograndina. Assim,

⁵² O número de títulos foi constatado nos sites oficiais de cada um dos clubes. O clube que quebrou a hegemonia de títulos das três maiores forças locais foi o G. A. M. General Osório, Campeão Local em 1925.

⁵³ Esse tem será mais bem abordado posteriormente.

para termos uma noção de como era esta disputa, fizemos um quadro demonstrativo dos clássicos Rio-Rio e Rio-Rita da década de 1930. Neste quadro estão computadas todas as partidas realizadas pelos três times, referentes às taças, aos torneios e ao Campeonato Local.

Tabela 10: Clássico Rio-Rio (1930 – 1939). Demonstrativo de vitórias e empates.

	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39
Rio Grande	-	-	-	02	03	-	-	-	-	-
Empate	-	01	01	01	-	-	-	01	-	01
Rio-Grandense	-	01	01	-	-	-	-	02	03	01

Fonte: JORNAL O TEMPO, 1º de janeiro de 1930 até 31 de dezembro de 1939.

Os confrontos entre S. C. Rio Grande e F. C. Rio-Grandense mostra que no início e no fim da década o segundo leva vantagem, já nos anos intermediários o primeiro tem mais êxitos. Em números gerais, o F. C. Rio-Grandense aparece com mais vitórias, oito contra apenas cinco do seu rival. Vale o destaque para o período que começa em 1937, ano em que o Guri Teimoso (Rio-Grandense) se destaca no futebol riograndino, com três conquistas locais seguidas, (1937, 1937, 1939) culminado com a o título de Campeão Estadual em 1939.

Tabela 11: Clássico Rio-Rita (1930 – 1939). Demonstrativo de vitórias e empates.

	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39
Rio Grande	-	-	-	-	02	-	01	-	-	-
Empate	-	-	01	02	-	-	-	-	01	-
São Paulo	-	02	01	02	-	01	-	01	-	01

Fonte: JORNAL O TEMPO, 1º de janeiro de 1930 até 31 de dezembro de 1939.

A tabela acima mostra a predominância do São Paulo no clássico Rio-Rita ao longo da década de 1930. Ao todo o Leão do Parque saiu-se vitorioso em oito jogos, enquanto o S. C. Rio Grande venceu apenas três.

Tabela 12: Clássico Rio-Rita (1930 – 1939). Demonstrativo de vitórias e empates.

	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39
Rio-Grandense	-	01	01	-	-	-	-	01	02	01
Empate	-	-	-	01	-	01	-	-	-	-
São Paulo	-	02	02	02	02	-	-	-	-	-

Fonte: JORNAL O TEMPO, 1º de janeiro de 1930 até 31 de dezembro de 1939.

Este é o clássico mais equilibrado. Além disso, nota-se que a superioridade no clássico coincide com o momento que cada um dos clubes conquistava o maior número de campeonatos municipais e seu respectivo título estadual: São Paulo na primeira metade da década e Rio-Grandense na segunda.

Observando os números das três tabelas identificamos uma superioridade do S. C. São Paulo nos clássicos riograndinos, na década de 1930. No total, o clube teve dezesseis vitórias e nove derrotas e seis empates. Além disso, valendo-nos de Damo (2002), podemos considerar que na década de 1930 o futebol riograndino

vivia um momento de ebulição e intensificação das rivalidades locais que contribuíram para o fortalecimento do futebol na cidade.

Figura 27: Clássicos Rio-Rita de 1937. Arquibancadas lotadas para prestigiar o jogo.



Fonte: Acervo S. C. São Paulo.

5. 2. Rivalidade Regional

Os jogos dos clubes de Rio Grande contra os principais clubes da cidade de Pelotas (Grêmio Esportivo Brasil, Sport Club Pelotas e 9° Regimento de Infantaria, atual G. A. Farroupilha) traziam expectativa e repercutiam nos jornais da região. Esses jogos eram amistosos preparatórios, que ocorriam nos primeiros meses do ano, confraternizações no meio da temporada e a disputa do campeonato regional nos últimos meses do ano.

Os jogos do Campeonato Regional, entre os campeões de cada uma das cidades, que decidia quem seria o “campeão da zona sul” do estado, fechavam a temporada futebolística anual nas duas cidades.

Assim como nos clássicos locais, as disputas regionais também eram tensas e marcadas por brigas. Por vezes, o uso de armas brancas marcava os jogos. Como ocorreu, por exemplo, em um jogo em 1930, quando o periódico relata que um grupo de jogadores do G. E. Brasil foi agredido por torcedores do S. C. São Paulo. Os riograndinos usaram facas na briga. A violência foi tanta que o jogo não terminou (JORNAL O TEMPO, 15 de maio de 1930).

Já nos jogos amistosos predominava um clima de maior cordialidade entre os clubes das cidades vizinhas. Em apenas uma ocasião encontramos uma referência de estranhamento entre jogadores. Isso ocorreu em 1932, quando o S. C. Rio Grande publicou uma carta de repúdio a uma matéria publicada em um jornal de Pelotas, em que um diretor desse clube acusa o clube riograndino de conduta violenta (JORNAL O TEMPO, 20 de março de 1932).

A seguir apresentamos três tabelas que mostram o resultado dos confrontos entre cada um dos clubes de Rio Grande com os três maiores clubes de Pelotas, (G. E. Brasil, S. C. Pelotas, 9º Regimento de Infantaria), na década de 1930.

Tabela 13: S. C. São Paulo versus rivais de Pelotas (1930-1939). Demonstrativo das vitórias e dos empates.

	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39
São Paulo	01	-	01	03	-	01	01	01	02	01
Empate	-	-	02	01	-	-	01	-	-	01
Times Pelotas	-	01	03	01	02	01	01	01	02	-

Fonte: JORNAL O TEMPO, 1º de janeiro de 1930 até 31 de dezembro de 1939.

A tabela mostra um equilíbrio nos confrontos do S. C. São Paulo com os clubes de Pelotas. No total foram onze vitórias, cinco empates e doze derrotas. Outra observação a ser feita refere-se à assiduidade desses confrontos, em todos os anos pesquisados encontramos ao menos um jogo do S. C. São Paulo contra um dos clubes da cidade vizinha. Vale o destaque para os anos de 1932 e 1933 quando ocorreram seis e cinco.

Tabela 14: S. C. Rio Grande versus rivais de Pelotas (1930-1939). Demonstrativo das vitórias e dos empates.

	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39
Rio Grande	-	01	01	02	01	01	03	01	-	03
Empate	-	-	01	04	-	02	-	-	-	-
Times Pelotas	-	-	01	01	01	01	02	-	03	-

Fonte: JORNAL O TEMPO, 1º de janeiro de 1930 até 31 de dezembro de 1939.

Como mostra a tabela, o clube riograndino apresenta uma boa vantagem nos confrontos com os clubes de Pelotas: treze vitórias contra nove derrotas e sete empates. Esses resultados indicam que apesar de o S. C. Rio Grande ter conquistado menos títulos que seus rivais locais (S. C. São Paulo e F. C. Rio-grandense) na década de 1930, nos confrontos com os clubes pelotense ele manteve um escore de bons resultados.

Tabela 15: F. C. Rio-Grandense versus rivais de Pelotas (1930-1939). Demonstrativo das vitórias e dos empates.

	30	31	32	33	34	35	36	37	38	39
Rio-Grandense	-	02	01	03	02	01	01	02	03	01
Empate	-	01	01	-	-	01	-	-	-	01
Times Pelotas	01	02	01	01	01	-	01	-	01	01

Fonte: JORNAL O TEMPO, 1º de janeiro de 1930 até 31 de dezembro de 1939.

Assim como o S. C. São Paulo, o F. C. Rio-Grandense também enfrentou clubes pelotenses todos os anos na década de 1930. O clube riograndino aparece com dezesseis vitórias, nove derrotas e quatro empates, o melhor retrospecto entre os três clubes riograndinos. Percebe-se, também, que as vitórias aumentam a partir de 1937, o que indica que o sucesso alcançado pelo Rio-Grandense no final da década de 1930, não se restringia ao futebol local.

As três tabelas juntas somam um total de 86 partidas disputadas na década de 1930, 28 do S. C. São Paulo, 29 do S. C. Rio Grande e 29 do F. C. Rio-Grandense, um número que serve para ilustrar como foi se construindo uma clássica rivalidade futebolística intermunicipal entre Rio Grande e Pelotas. Outro ponto de relevância é que os riograndinos tiveram um maior número de êxitos em jogos contra clubes de Pelotas, foram 40 vitórias e 30 derrotas. No cômputo geral, S. C. Rio Grande (13 vitórias e 9 derrotas) e F. C. Rio-Grandense (16 vitórias e 9 derrotas) ajudaram os locais neste quesito. Já o S. C. São Paulo (11 vitórias e 12 derrotas) foi o único entre os três que teve mais derrotas do que vitórias.

Figura 28: Clássico entre S. C. Rio Grande e 9º Regimento da Infantaria em 1938, na cidade de Pelotas.



Fonte: Acervo do S. C. Rio Grande

5. 3. 1933: O Primeiro Título Estadual Riograndino

Após seis conquistas do Campeonato Local, o ano do título estadual Caturrita começou com a vitória no Troneio de Encerramento da temporada 1932. Tal torneio teve na final a disputa entre S. C. São Paulo e S. C. Rio Grande, que empataram em 2 a 2, sendo que o primeiro saiu-se campeão por ter um número maior de escanteios a seu favor, fator de desempate (JORNAL O TEMPO, 11 de janeiro de 1933).

Em março o clube disputou um amistoso preparatório para o Campeonato Local de 1933 com o G. E. Brasil, que era o atual vice-campeão da cidade de Pelotas. A partida foi realizada no antigo estádio do S. C. São Paulo, o Waldemar Fetter, e o placar foi de 2 a 1, para o clube da casa (JORNAL O TEMPO, 21 de março de 1933). Além deste jogo, ao longo do ano o S. C. São Paulo fez ao menos mais dois amistosos importantes, um em Pelotas contra o S. C. Pelotas, com o placar de 2 a 0 para os mandantes do jogo, e outro em Rio Grande com o empate de

3 a 3 contra o G. E. Brasil (JORNAL O TEMPO, 17 de maio de 1933; 22 de agosto de 1933)

No início da temporada o jornal fez uma relação dos plantéis dos clubes locais e comenta que o Leão do Parque vinha com o mesmo time vencedor de anos anteriores (JORNAL O TEMPO, 16 de abril de 1933). Esse comentário se confirmou após o S. C. São Paulo vencer todas as partidas e conquistar o Campeonato Municipal de 1933.

Após a conquista no âmbito local o clube riograndino enfrentou o campeão de Santa Vitoria do Palmar para definir quem iria até Pelotas jogar com o campeão daquela cidade. O jogo entre o S. C. São Paulo e o Grêmio Esportivo Victoriense terminou com a vitória dos riograndinos por 5 a 2 (JORNAL O TEMPO, 24 de outubro de 1933).

A partida contra a equipe da cidade vizinha e rival Pelotas, foi digna de grande destaque na coluna "Desportos". Que noticiou às escalações do time riograndino e do seu adversário, o S. C. Pelotas, a descrição dos jogadores, a escala do árbitro de Porto Alegre e o comunicado sobre a presença de representantes da ARGD. Além disso, o periódico também noticiou que no dia do jogo se deslocaram 12 carros para Pelotas para acompanhar o jogo. A partida terminou com o placar de 3 a 2 para o clube de Rio Grande e este resultado deu o título de Campeão do Litoral ao S. C. São Paulo (JORNAL O TEMPO, 31 de outubro de 1933).

A próxima etapa do Campeonato Regional era o confronto com o campeão da cidade de Bagé, o G. E. Bagé. Assim como a partida anterior, o jogo teve uma grande repercussão nos jornais da cidade. A partida ocorreu no antigo estádio Torquato Pontes, (do F. C. Rio-Grandense) e teve aproximadamente cinco mil torcedores. O jogo estava empatado em 1 a 1, mas, após um desentendimento no gramado, os bageense resolveram abandonar o campo. Após o tumulto, as autoridades presentes declararam o S. C. São Paulo como vencedor e campeão da Zona Sul. No dia seguinte o jornal O Tempo ressaltou a façanha do S. C. São Paulo ser o primeiro clube da cidade a conquistar este título (JORNAL O TEMPO, 07 de novembro de 1933).

Na sequência, o S. C. São Paulo enfrentou o Sport Club Novo Hamburgo, campeão da região Nordeste, e venceu 3 a 2. Essa vitória classificou o clube para a final do Campeonato Estadual. O Jornal o Tempo destacou os gols e outros lances importantes dessa partida (JORNAL O TEMPO, 17 de novembro de 1933).

As notícias da final estadual estampavam as páginas do Jornal o Tempo dois dias antes da partida. Elas destacavam as escalções das duas equipes e a importância do jogo. A decisão foi em Porto Alegre em uma única partida contra o Grêmio F. B. P. e terminou com o placar de 2 a 1 para o S. C. São Paulo, que se sagrou pela primeira e única vez campeão Estadual (JORNAL O TEMPO, 21 de novembro de 1933).

As notícias dos dias seguintes traziam um telegrama do prefeito da cidade parabenizando o clube pela conquista, explicava o tamanho do feito, relatando que diversos jornais da capital do estado repercutiam o título (JORNAL O TEMPO, 23 de novembro de 1933). Além disto, ao chegar a Rio Grande, os jogadores foram recebidos com uma grande festa de seus torcedores. A volta dos campeões contou com homenagens na prefeitura, com carreata e com comboios entusiasmados pelas ruas da cidade (JORNAL O TEMPO, 23 de novembro de 1933; 24 de novembro de 1933).

A seguir usamos as palavras de um torcedor anônimo, escritas pelo jornalista Willy Cesar, oitenta anos depois (2013) em um periódico local (Jornal Agora), para tentar expressar um pouco o significado que teve para a historiografia do futebol riograndino a conquista do S. C. São Paulo, em 1933.

Olha a situação: clube do interior formado por jogadores sem salário (os que estavam desempregados recebiam ajuda do clube para conseguir emprego em algum comércio ou indústria) enfrentam a poderosa e bem paga equipe do Grêmio Football Porto-alegrense. E com torcida a favor na capital, tendo o imortal tricolor Lara no gol, mais Luiz Carvalho, Foguinho e outros craques do futebol gaúcho. A partida define o campeão gaúcho de 1933.

O rubro-verde Sport Club São Paulo, de Rio Grande, venceu há exatos 80 anos, num 19 de novembro, como hoje, o campeonato estadual de futebol profissional, em 1933. Embora profissional ele não fosse exatamente, os jogadores não tinham carteira assinada na década de 1930. O profissionalismo não chegara ao interior ainda. E havia os jogadores que não admitiriam receber salários como Valentim Martinato, que jogava unicamente por amor ao seu clube do coração. A arrancada do time em 1933 foi fulminante.

O campeão da cidade seguia para as disputas do estadual, diferente do campeonato gaúcho atual. Então, o São Paulo venceu ao Osório (aqui sagrando-se campeão local), ao Vitoriense, de Santa Vitória, ao Pelotas e ao Bagé, conquistando o título de campeão da zona sul. Semifinal vencida também ao enfrentar o Novo Hamburgo e, finalmente, abatendo o Grêmio, em Porto Alegre, por 2 a 1, gols de Darcy Encarnação, para o São Paulo, e Nenê, para o tricolor. O clube havia escrito seu nome para sempre entre os campeões estaduais do futebol gaúcho.

O esquadrão rubro-verde: Odorico, Valentim, Fernando, Quico, Vadi, Riquinho, Cardeal, Oscala, Darcy, Ballester e Scala (JORNAL AGORA, 18 de novembro de 2013. p.8).

Figura 29: Time campeão estadual de 1933



Fonte: Acervo do S. C. São Paulo

Figura 30: Foto do time Caturrita de 1933. Jogadores no campo do jogo final.



Fonte: Acervo do S. C. São Paulo

Figura 31: Algumas torcedoras homenagearam os campeões de 1933 com camisetas alusivas ao nome do clube



Fonte: Acervo do S. C. São Paulo.

Figura 32: Jogador Darcy Encarnação, autor de dois gols na final estadual, sendo carregado pelos torcedores na chega a Rio Grande.



Fonte: Acervo do S. C. São Paulo.

6. BRIGAS E O TÍTULO TRICOLOR DE 1936

Desde 1930, ano inicial desta pesquisa, nos deparamos com numerosas notícias de brigas nos jogos de futebol. Depois de 1936, ano da conquista tricolor, percebemos que houve uma redução no número de matérias do jornal referentes à violência, provavelmente essa redução esteve relacionada com as medidas praticadas pela LRGD (Liga Rio-Grandense de Desportos) e pela ARGF (Associação Rio-Grandense de Futebol), que programaram uma série de ações (suspensão de campeonatos, eliminação de clubes e multas em dinheiro) com intuito de diminuir as brigas nos estádios da cidade (JORNAL O TEMPO, 27 de março de 1935).

Neste capítulo nos detemos a aquelas notícias publicadas no jornal pesquisado e que remetiam as brigas⁵⁴. Indicamos que somente os casos que houveram clubes locais envolvidos foram analisados. Além disto, não tivemos a intenção de analisar a violência e suas interfaces, pois entendemos que é um assunto muito amplo para ser tratado em apenas um capítulo. Portanto, destacamos e contextualizamos as brigas ocorridas durante os anos 1930.

Lever (1983) explica que a ação de torcer pelo mesmo time é de fundamental importância para existir uma cordialidade entre os torcedores. A mesma opção futebolística faz com que os indivíduos que nunca se viram se aproximem. O oposto também se aplica. Ao discordarem das preferências clubísticas abre-se uma lacuna, distanciando-os. Este sentimento pode ser considerado como um dos grandes incentivadores da violência e das brigas nos campos de futebol.

Nos estudos de Murphy, Williams e Dunnig (1994) eles creditam que o futebol é um esporte violento desde as suas primeiras aparições. Os registros de brigas entre torcedores vêm desde os tempos remotos. Corroborando com a afirmativa destes autores, Murad (2007) expõe que existem registros de atos violentos dos criadores do esporte. Uma dos episódios que se tornou emblemático da violência do futebol moderno ocorreu em cinco de abril de 1902, em Ibrox Park, campo do

⁵⁴ Em sua versão digital o dicionário Michaelis define de briga como: **1** Ação de brigar; luta, peleja. **2** Rixa, disputa, contenda. **3** Desavença.

Glasgow Rangers. No jogo deste time escocês o número de mortos chegou a 25, enquanto os feridos a 483. Foi uma verdadeira guerra entre torcedores (MURAD, 2007).

Machado (1997) e Leitão e Tubino (2002), colocam a agressividade como um componente intrínseco aos seres humanos e ela pode ser considerada uma causa para atos de violência. Machado (1997) indica que podemos caracterizar a violência como sendo uma forma descontrolada de reagir diante a uma frustração. O obstáculo que não é transposto vira um estopim para uma reação agressiva. Este mesmo autor relaciona as brigas com os torcedores dizendo que a sua agressividade pode ser originada por uma situação do jogo ou pelo meio social.

Perrusi (2000) argumenta que se considerarmos que há violência no esporte, então, trata-se de um problema intrínseco, de que existe um componente agressivo e violento na própria constituição do esporte. Mas, este mesmo autor explica que a violência no esporte também pode ter causas e motivações extrínsecas, social econômica ou cultural. Ou seja, de fora para dentro, qualquer problema de cunho racial, social ou econômico poderiam gerar conflitos. Usando-nos da sociologia empregada por este autor, podemos entender os torcedores ensandecidos como uma interpretação coletiva em que há uma tendência para impulsos violentos.

Leitão e Tubino (2002) destacam que os boletins esportivos mostram que existe violência no futebol, tanto entre os jogadores como entre os torcedores. Já Daolio (1998) destaca que a violência não pode ser entendida de maneira simplista e lembra que certas atitudes são manifestações de marginais, não de torcedores. Entrando no jogo propriamente dito, Leitão e Tubino (2002) opinam que a agressividade exercida pelos jogadores de futebol, algumas vezes, sobressaem as condições técnicas e táticas e isso agrava a possibilidade de violência nos campos de futebol, pois existe uma relação entre as brigas entre jogadores e a violência dos torcedores.

Segundo Perrusi (2000), o futebol, historicamente, não parece um campo pacífico, invadido externamente pela violência alheia, mas sim um esporte que possui a sua própria violência. O mesmo autor não classifica o futebol como um esporte violento a priori, mas, dependendo do contexto ele pode tornar-se.

O futebol pode ser considerado agressivo, pois é um esporte de "contato", muitas vezes ríspido. Um zagueiro, quando comete uma falta, não é necessariamente violento. A falta é parte inevitável do jogo. Mas, se um técnico manda fazer as famosas faltas de contenção no meio do campo ou manda quebrar o craque do time adversário, tais faltas são violentas, pois houve premeditação, intenção e desejo de violência [...] não seriam nossos instintos, e sim nós mesmos, enquanto sujeitos de sentido e de desejo. Não herdamos a violência e sim a "construímos" (PERRUSI, 2000, p.11).

Nesta mesma linha de raciocínio, concordamos com Murad (2007), quando ele afirma que o futebol não é em essência um esporte violento, nele existem possibilidades de usar da violência, seja dentro ou fora do campo.

Como destaca Perrusi (2000), o tema da violência no futebol é muito delicado e complexo. Mesmo longe de encontrar uma solução global, usamos este autor para dar um indício de como começar um movimento para tentar, ao menos, reduzir a violência no futebol.

Um dos primeiros passos para prevenir a violência seria assumi-la enquanto potencialidade do humano. O apelo para que se acabe com a violência - no caso aqui, do futebol - é o apelo para que se acabe com uma situação que necessita de violência. Como todo valor da humanidade, a violência é indestrutível; pois, mesmo não "existindo" numa determinada realidade, sempre "habitará" os mundos da probabilidade e da possibilidade - como disse Gramsci, "a possibilidade não é a realidade, mas não deixa de ser uma realidade". A violência pode ser evitada ou mesmo protelada, sendo um preço a pagar exigido pelo "processo de civilização" (PERRUSI, 2000, p.11).

As colocações de Perrusi podem ser utilizadas para problematizarmos tanto a violência atual no futebol, como para aquela identificada no futebol riograndino na década de 1930.

6. 1. As Brigas

Com o intuito de mostrar as peculiaridades da violência no futebol na década de 1930, bem como as maneiras com que ela era representada nos periódicos da época, a seguir traremos alguns casos de violência no futebol riograndino, os quais

foram destacados pelo Jornal “O Tempo”. Apresentaremos os casos seguindo uma ordem cronológica que começa em 1930 e vai até o ano de 1939.

1930

Em um jogo entre S. C. São Paulo e G. E. Brasil, ocorrido no estádio Waldemar Fetter, em Rio Grande, torcedores Caturrita invadiram o gramado e passaram a ameaçar os jogadores do clube visitante. As brigas tomaram proporções maiores quando um torcedor usou uma arma branca contra os atletas pelotenses. A partida foi suspensa sem ser declarado um vencedor, apesar do placar estar 1 a 0 para o time da casa (JORNAL O TEMPO, 15 de maio de 1930).

Outro episódio que teve bastante repercussão no ano de 1930 ocorreu em uma partida válida pela “Taça Gioachiano Rossini”, os torcedores do São Paulo, descontentes com a derrota do atual campeão local para um clube de menor expressão, invadiram o gramado e começaram a brigar com os jogadores do F. C. Americano. A situação se agravou quando um torcedor do Leão do Parque sacou um revólver em meio à confusão. Apesar do ocorrido o F. C. Americano levou a taça colocada em jogo (JORNAL O TEMPO, 30 de setembro de 1930).

1931

Este ano em específico não foram encontradas muitas notas de violência vinculadas ao futebol. O registro mais direcionado a este assunto foi a reclamação feita pelo próprio jornal, colocando-se contrário às partidas realizadas no “Torneio de Encerramento”, que envolveu os três maiores rivais da cidade. Segundo o periódico os jogos, que deveriam priorizar a cordialidade entre os jogadores, mostraram um caráter extremamente violento, causando incômodo a quem estava assistindo o torneio (JORNAL O TEMPO, 10 de dezembro de 1931).

1932

Neste ano, encontramos inúmeras matérias ligadas à violência. Provavelmente 1932 é o ano da década que o Jornal o Tempo publicou o maior número de matérias sobre a violência no futebol. O jogo amistoso entre S. C. Rio Grande e Grêmio Esportivo Sete de Abril (da cidade de Pelotas), que terminou com o placar de 6 a 3 para o S. C. Rio Grande, acabou com briga generalizada entre jogadores e torcedores. O jornal alertou que a briga tomou proporções maiores porque não havia policiamento no estádio (JORNAL O TEMPO, 02 de março de 1932).

Alguns dias depois, houve outra confusão. Em um jogo em Pelotas entre S. C. Pelotas e o S. C. Rio Grande, um jogador do S. C. Pelotas agrediu o arbitro da partida. (JORNAL O TEMPO, 15 de março de 1932). Esse episódio produziu uma troca de acusações entre as duas diretorias, através dos jornais. Os clubes colocavam notas nos jornais de suas cidades citando o time rival como sendo desleal ao esporte (JORNAL O TEMPO, 20 de março de 1932).

Outros dois fatos curiosos que tiveram repercussão nesse ano foram a suspensão das partidas do Campeonato Local por falta de policiamento nos jogos e a notícia de que um juiz do estado do Espírito Santo, havia publicado uma portaria que visava ajudar a acabar com as brigas nos jogos de futebol. Algumas diretrizes para conduta dos jogadores foram estabelecidas.

A portaria classifica as ações que devem ser coibidas. São elas: a) gestos ou palavras contra o público; b) insultar outros jogadores; c) incitar jogo violento; d) brigas; e) ultrapassar as linhas do campo; f) ofender o arbitro (JORNAL O TEMPO, 08 de abril de 1932. p. 04).

Não temos conhecimento da implantação ou do seguimento desta portaria. Sobre a opinião do jornal, o mesmo declarou que qualquer ação em prol da diminuição dos episódios violentos é válida.

1933

Neste ano, as brigas estiveram presentes em diversos jogos, principalmente no Campeonato Local. Uma briga que envolveu os jogadores e teve repercussão foi a que ocorreu na partida F. C. americano e S. C. São Paulo. A nota publicada pelo

jornal da conta de explicar o caso. “O Leão do Parque vencia até a partida ser suspensa. Cenas jamais vistas em gramados locais, tanta violência que prefiro não comentar, [...] os culpados não foram punidos, como de costume” (JORNAL O TEMPO, 17 de setembro de 1933. p. 2). O periódico costumava mostrar indignação quando os envolvidos nas brigas não eram punidos.

1934

Em uma partida, entre os dois primeiros colocados da tabela, as cenas de pancadaria se repetiram. Apesar de S. C. Rio Grande e S. C. São Paulo terem feito um belo jogo, que acabou com a vitória do Rio Grande por 3 a 2, o que mais chamou a atenção foi a briga entre os torcedores . Ao final da notícia o periódico clama por maior policiamento nos jogos mais decisivos (JORNAL O TEMPO, 12 de junho de 1934).

Outra nota de violência registrada neste ano referiu-se a partida entre Rio Grande e 9º Regimento de Infantaria, que decidiu o Campeão do Litoral. Na matéria do dia seguinte ao jogo o jornal concluiu que a vitória do Regimento de Infantaria, na prorrogação, foi conquistada através da força bruta e lembrou que essa é uma tendência de times de origem militar (JORNAL O TEMPO, 04 de dezembro de 1934).

1935

Uma partida amistosa entre clubes locais e pelotenses abre o ano com acontecimentos violentos. O jogo no estádio das Oliveiras foi suspenso após briga entre os jogadores. O resultado era um empate por 1 a 1. Mas, o episódio mais lamentável desse ano foi a briga generalizada que ocorreu no jogo, válido pelo Campeonato Municipal, entre F. C. Rio-Grandense e S. C. São Paulo, que acabou empatado em 1 x 1. Na coluna esportiva o jornal lamenta as cenas ocorridas no estádio Torquato Pontes e cobra das autoridades uma punição aos envolvidos no episódio (JORNAL O TEMPO, 26 de março e 05 de junho de 1935).

1936

O ano da conquista estadual do S. C. Rio Grande trás uma boa repercussão sobre a violência. Classificamos como sendo boa pelo fato de não termos encontrado notícias relacionadas a brigas no âmbito futebolístico. Ressalvamos que tal fato deve ser assim considerado, levando em consideração as notas publicadas no periódico pesquisado, podendo haver outros tipos de registros.

1937

No ano seguinte percebemos a volta das notícias sobre violência no futebol. Os registros de brigas neste ano começam no Campeonato Local. Os envolvidos desta vez foram os jogadores do S. C. São Paulo e do S. C. Rio Grande. Após a vitória Caturrita por 3 a 2, deu-se início a uma pancadaria, que só foi amenizada com a contenção feita pelos policiais. O jornal classificou o ocorrido como cenas tristes de um recorrente episódio (JORNAL O TEMPO, 01 de junho de 1937).

Outro episódio desse ano que recebeu destaque no jornal ocorreu no jogo entre o F. C. Rio-Grandense e o E. C. Pelotas que decidiu o Campeão do Litoral. O jogo terminou 4 a 3 para o F. C. Rio-Grandense, mas os pelotenses reclamaram da agressividade dos jogadores riograndinos. O Jornal o Tempo definiu a partida como um belo jogo, porém violento (JORNAL O TEMPO, 30 de novembro de 1937). Descontente com o ocorrido o E. C. Pelotas encaminhou um recurso a FRGD solicitando o cancelamento da partida em virtude da violência dos riograndinos, mas o pedido foi negado e o clube de Rio Grande se classificou para a fase seguinte da competição estadual (JORNAL O TEMPO, 15 e 17 de novembro de 1937).

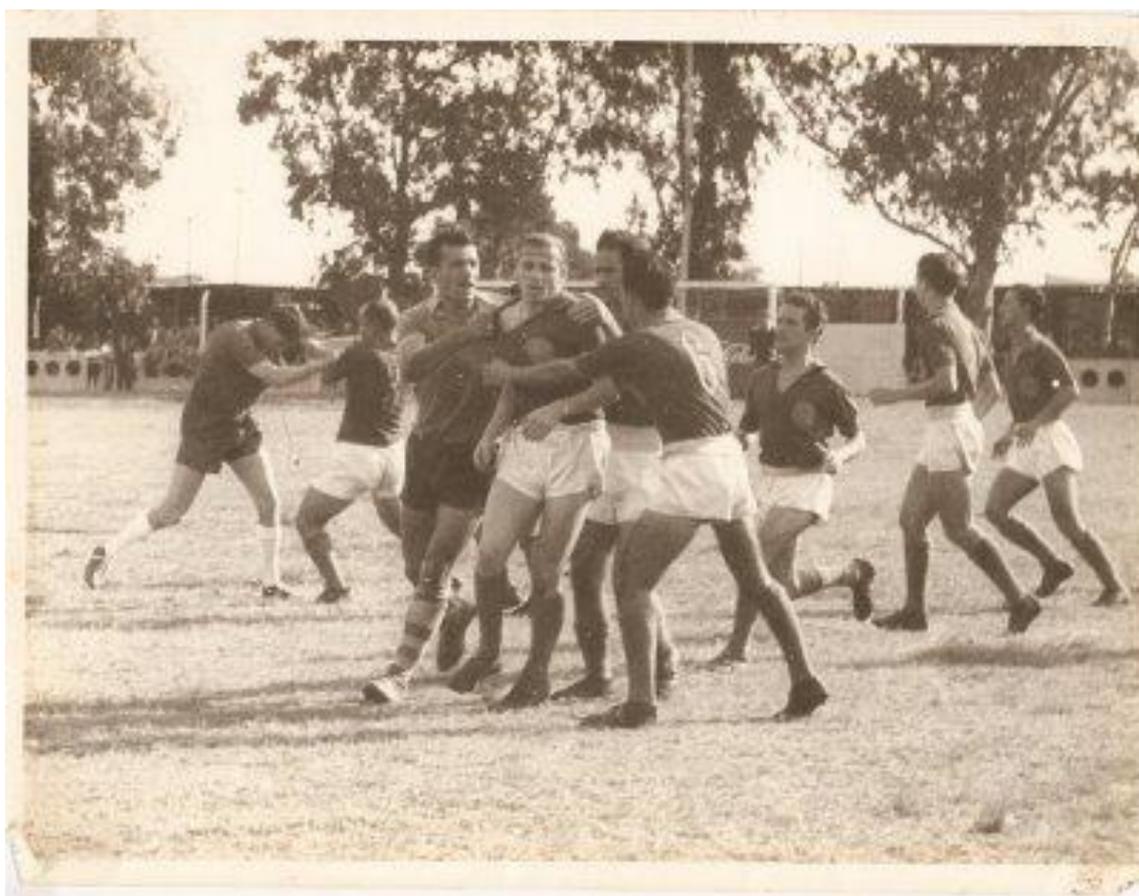
1938-1939

Assim como nos últimos dois anos, não encontramos notícias que retratavam episódios envolvendo brigas de torcedores, mas os casos de brigas entre jogadores ou do uso de violência nas partidas, continuavam presentes. Como foi, por exemplo, o acontecimento entre os jogadores do F. C. Rio-Grandense e do Guarany F. C., de Bagé, na disputa pelo título de Campeão Estadual. Após um empate por 1 a 1 na

primeira partida, e da vitória bageense no segundo jogo, por 3 a 1, o clube riograndino questionou o resultado dos jogos, alegando que juiz pelotense não coibiu que os atletas de Bagé que jogaram de forma agressiva. Em nota publicada em um jornal de Bagé e vinculada no jornal O Tempo local, o Guarany F. C. repudiou a declaração dos riograndinos e contra argumentou dizendo que “o F. C. Rio-Grandense só sabe fazer faltas” (JORNAL O TEMPO, e 27 de janeiro de 1939 p.7).

Assim como ocorreu em 1936 em 1939 não encontramos no Jornal O Tempo nenhuma matéria referente a brigas ou violência no futebol riograndino. Desde 1936 há uma redução de notícias dessa natureza.

Figura 33: Briga envolvendo jogadores do F. C. Rio-Grandense.



Fonte: Acervo do F. C. Rio-Grandense.

Sobre a primeira metade dos anos 1930, podemos destacar algumas características. A primeira delas foi o grande número de veiculação de matérias que tratavam de diferentes formas de brigas e da violência nos campos e fora deles. Além das brigas entre jogadores ou dirigentes ou torcedores, se destacaram também as partidas com muitas faltas, com registros de partidas muito violentas, a ponto de serem suspensas. Outro aspecto que chamou a atenção foi o fato das brigas estarem presentes nas diferentes formas de disputas futebolísticas, campeonatos, amistosos locais, amistosos entre clubes de diferentes cidades, taças, torneios, etc.

A partir da segunda metade da década de 1930 houve uma nítida redução do número de matérias sobre as brigas e a violência no futebol local, ao ponto de termos anos sem nenhuma matéria. Os tensionamentos violentos passam a se restringir basicamente aos jogos decisivos dos campeonatos. Além disso, passou a predominar as matérias que tratavam mais especificamente a questão do jogo violento e não mais sobre as brigas fora do campo de jogo, que envolviam torcedores, dirigentes etc.

6. 2. Vovô Campeão Estadual de 1936

O ano da maior conquista da história do Vovô do futebol brasileiro começou de maneira surpreendente, ele foi derrotado por 6 a 1 em um amistoso na cidade de Pelotas, um resultado pouco comum em jogos entre clubes dessas duas cidades, já que os indícios da pesquisa mostraram que, durante toda a década os rivais regionais tinham equipes bastante equilibradas (JORNAL O TEMPO, 17 de março de 1936).

Pelo Campeonato Local, o Vovô fez a final contra o S. C. São Paulo no campo das Oliveiras, lotado de torcedores. Após a vitória, o Veterano se classificou para o Campeonato Estadual.

Em meio às partidas do Campeonato Local, o Veterano se propunha a receber times de outras cidades em jogos amistosos. O grande amistoso que marcou este ano foi a presença do selecionado carioca na cidade de Rio Grande. O selecionado carioca enfrentou o S. C. Rio Grande em uma tarde esportiva que

contou com um bom público presente. O jogo terminou empatado em 1 a 1 e o resultado foi comemorado e exaltado pelo jornal e pelo Veterano. O periódico destacou que após este grande feito o clube riograndino estava com um plantel coeso, tanto que foi convidado a jogar amistosamente contra a seleção gaúcha, em Porto Alegre (JORNAL O TEMPO, 01 de julho de 1936).

Após a conquista local, O S. C. Rio Grande enfrentou o 9º Regimento da Infantaria, o campeão pelotense, em uma série de melhor de três partidas. O S. C. Rio Grande venceu a primeira partida (2x1), mas o clube pelotense ganhou a segunda (1x0), forçando a realização de um terceiro jogo, que ocorreu na cidade de Pelotas e foi vencido pelo Rio Grande por 2 a 1. Com isso, o clube riograndino se tornou o Campeão do Litoral (JORNAL O TEMPO, 01, 08 e 15 de dezembro de 1936).

No começo do ano seguinte, o S. C. Rio Grande enfrentou, fora de casa, e venceu o Novo Hamburgo, Campeão do Nordeste, por 5 a 2, classificando-se para a final do Campeonato estadual (JORNAL O TEMPO, 15 de janeiro de 1937). A final foi contra o S. C. Internacional em Porto Alegre, no sistema melhor de três partidas. O clube riograndino venceu a primeira partida por 3 a 2 e a segunda por 2 a 0, tornando-se Campeão Estadual de 1936. O periódico O Tempo salientou que foi uma conquista merecida e publicou uma foto dos onze jogadores do Vovô na primeira página do jornal (JORNAL O TEMPO, 18 e 23 de janeiro de 1937).

No dia seguinte a conquista o S. C. Pelotas publicou uma nota, felicitando o Veterano e no outro dia o G. E. Brasil também enviou saudações (JORNAL O TEMPO, 24 e 25 de janeiro de 1937). Além deles, o prefeito, a ARGD e o próprio jornal publicaram os parabéns. O periódico local colocou uma coluna extra, chamada “A Victoria do Rio Grande”, que destacava a conquista (JORNAL O TEMPO, 26 de janeiro de 1937). O título colocou o S. C. Rio Grande entre os poucos clubes que eram Campeões Estaduais e elevava a cidade a outro patamar no cenário do futebol gaúcho. Agora, a cidade contava com dois campeões estaduais.

Figura 34: Reprodução da foto tirada no dia do primeiro jogo decisivo.



Fonte: Acervo do S. C. Rio Grande.

Figura 35: Time de 1936. Em pé: Cazuza - Toco - Paulo - Roberto - Chinês - Juvêncio e Donato. Agachados: Fruto - Ernesto - Caringi - Souza - Marzol - Persce e Munheco.



Fonte: Acervo do S. C. Rio Grande.

Figura 36: Time campeão estadual, juntamente com a taça e seus torcedores ao fundo.



Fonte: Acervo S. C. Rio Grande.

Figuras 37: Lance do primeiro jogo da final, vencido pelo Vovô por 3 a 2.



Fonte: Acervo do S. C. Rio Grande.

7. O PROFISSIONALISMO E A ASCENSÃO DO GURI TEIMOSO

Encontramos direcionamentos para um marco inicial do profissionalismo no futebol brasileiro, pois alguns acontecimentos anunciavam a sua chegada. Mesmo não sendo unanimidade entre os pesquisadores do assunto, o ano de 1933, é considerado de grande valia para o esporte. Neste ano reuniões no Rio de Janeiro davam conta da oficialização de um futebol profissional no Brasil. O movimento não tinha ampla aceitação no meio futebolístico e, assim, as discussões sobre este assunto foram se alongando durante os anos desta década. Caldas (1990) aponta que nestas reuniões foram tomadas decisões importantes para história do futebol brasileiro. A partir deste momento o futebol passou a ter novos desdobramentos⁵⁵.

A maioria dos acontecimentos futebolísticos da década de 1930 teve como pano de fundo os dilemas e as controvérsias referentes à oficialização do profissionalismo no futebol brasileiro. Desse modo, a seguir faremos algumas considerações sobre o profissionalismo, procurando ressaltar as ressonâncias e algumas especificidades desse acontecimento no futebol riograndino.

7. 1. Considerações sobre o profissionalismo na década de 1930

O jornal O Tempo publicou inúmeras notas sobre a profissionalização no futebol, matérias que abordavam o tema no futebol gaúcho, brasileiro e internacional. Segundo o próprio jornal local, o profissionalismo encontrado no Rio de Janeiro ou em São Paulo não é o mesmo de Porto Alegre, que por sua vez não é o mesmo de Rio Grande. Desse modo, nesta primeira parte nos deteremos a analisar as notas publicadas no periódico local, dando uma visão “interiorana” dos acontecimentos referentes a este tema.

⁵⁵ Para saber mais, ler Caldas, 1990.

Como já foi visto, os clubes cariocas e paulistas ocupavam papel central no futebol brasileiro e contratavam jogadores dos outros estados. No jornal foram encontradas diversas transações, com clubes da região. Os jogadores que se destacassem em solo gaúcho tinham grande chance de ir para o Rio de Janeiro ou São Paulo (JORNAL O TEMPO, 09 de fevereiro de 1936). Um dos fatores que contribuía para diferenciar o futebol do eixo Rio-São Paulo com o da cidade como Rio Grande era o número de torcedores que frequentavam os estádios. Se em Rio Grande o recorde de público nos estádios girava em torno de 6.000 pessoas, no Rio de Janeiro e São Paulo esse número era bem maior. Como ocorreu, por exemplo, na partida entre a Seleção Carioca e a Seleção Paulista, que lotou o estádio de São Januário com 30.000 pessoas (JORNAL O TEMPO, 21 de abril de 1935).

Mesmo sendo a maior expressão do futebol brasileiro, os salários pagos aos jogadores no Eixo Rio – São Paulo estava longe de alcançar os valores pagos no continente europeu. Os representantes italianos explicavam que, se os principais clubes do Brasil pagavam em média 40 libras por mês, os clubes da Itália poderiam pagar 400 libras (JORNAL O TEMPO, 19 de abril de 1933).

Entre os países sul-americanos, o jornal ressaltava que o salário pago pelos clubes uruguaios a seus jogadores, no ano de 1932, era em média 1\$500:000 mil-réis, valores considerados altos para o padrão brasileiro (JORNAL O TEMPO 28 de dezembro de 1932). Outro país sul-americano que é destacado pelo jornal como exemplo de profissionalização do futebol é a Argentina. Uruguai e Argentina aparecem no jornal “O Tempo” como dois países que possuem um futebol profissional bem organizado, com salários mais promissores que os pagos pelos clubes brasileiros.

Por ocasião da Copa da França (1938), o periódico noticiava que os clubes brasileiros queriam ser indenizados e que durante a competição os seus jogadores fossem pagos pela Confederação Brasileira de Desportos (CBD) (JORNAL O TEMPO, 12 de janeiro de 1938). Segundo o jornal, essa posição representava uma resposta dos clubes à ampliação do profissionalismo. Dois meses depois veio a notícia de que os jogadores receberiam 1:000\$000 mil-réis para ir jogar o mundial, além disso, as passagens seriam fornecidas pelo governo e os times seriam indenizados (JORNAL O TEMPO, 19 de março de 1938).

Fora as discussões sobre os valores, a preparação da seleção nacional foi bem diferente da que ocorreu em outras copas. O periódico noticiou que foram destacadas comissões estaduais, que tinham a missão de indicar craques para uma peneira no Rio de Janeiro e que os preparadores do Exército escolheriam os mais preparados para representar a seleção no mundial. Seriam selecionados 22 jogadores e estes ficarem 15 dias em Paris (JORNAL O TEMPO, 11 de março de 1938).

Pelas notícias publicadas no jornal se pode constatar que houve uma mudança de estrutura e comportamento ao longo das três primeiras copas (1930, 1934, 1938). A copa de 1938 é que aparecem mais indicadores da profissionalização do futebol no país, com remuneração aos jogadores, indenização aos clubes e também uma preparação mais organizada da seleção brasileira.

Após estas notas do jornal, contextualizamos o assunto profissionalização com alguns autores. A literatura encontrada constata ideia semelhante aquelas dispostas no periódico local.

Amador desde suas origens no meio da elite brasileira, o futebol se modernizava e os clubes tentavam acompanhá-lo, buscando meios de burlar as barreiras do amadorismo vigente [...] Como não podiam receber salários dos clubes, por serem amadores os jogadores recebiam prêmios por cada jogo disputado (COSTA, 2006. p.115).

A colocação acima está inserida no contexto do futebol brasileiro das capitais, lugares que havia maior fluxo de dinheiro. O mesmo autor atribui ao pagamento de “bichos” a melhor arma utilizada pelos clubes para manter seus jogadores e aliciar craques de outras equipes menores e/ou de outros estados.

Sobre as negociações envolvendo os clubes de futebol, cariocas e paulistas tinham uma visão mais profissionalizada do futebol. Santos (1999. p. 5) explica que,

Em 1931, quando os maiores craques da época, como Domingos da Guia e Leônidas da Silva rumam à Europa, passando a ser remunerados em um regime profissional, a hipocrisia do amadorismo começa a ser desmascarada; posto que, no Brasil, o pobre e o negro passavam rapidamente, conforme os interesses em jogo, de "diamante negro" (como foi chamado Leônidas da Silva) à sub-raça.

Ainda com resquícios da elitização, os futebolistas negros eram vistos com maus olhos. Mas a importância deles para seus times fez com que a sociedade abrisse mais espaço. Aos poucos, a profissionalização e a busca pelos resultados inseriram os negros no futebol brasileiro.

Além de maior presença de negros, o futebol do início da década de 1930 ficou marcado pela concorrência estrangeira, que tirava muitos craques do futebol brasileiro. A década foi marcada por um grande êxodo de jogadores brasileiros para países do exterior. “Os que tinham sobrenome italiano tinham fácil acesso aos times da terra de Mussolini e ao *cálcio*, enquanto outros iam tanto para Espanha quanto para Uruguai e Argentina” (COSTA, 2006. p. 115). Leite Lopes (1994) colabora dizendo que com a grande demanda dos jogadores sul-americanos, após a primeira Copa do Mundo ganha pelo Uruguai, e tendo em vista os preparativos da segunda Copa na Itália, Mussolini passa a estimular o futebol italiano com a promessa de construir um estádio para o clube que conseguisse se tornar campeão nacional. Com isso, os clubes italianos passam a recrutar jogadores no Brasil, Argentina e Uruguai, locais onde havia uma colonização italiana.

Costa (2006) explica que o êxodo dos jogadores brasileiros foi o grande estopim para o processo de profissionalização no país, pois esta era a única maneira de atualizar o mercado do futebol nacional. O baixo poder aquisitivo dos clubes não os dava condições de competição, pois, em países com o futebol já profissionalizado o investimento era muito superior ao encontrado no Brasil. Mas o assunto tinha que ganhar força para haver uma mudança de estrutura.

O presidente da época era Getúlio Vargas e, segundo Waldenyr Caldas (1994), ao assumir a presidência do Brasil, em 1930, ele trouxe o projeto “Programa de Reconstrução Nacional”, que tinha como foco central de interesse algumas melhorias do país, que acabaram repercutindo para o futebol brasileiro e para os atletas. No programa, encontrávamos subsídios de grande importância para impedir que dirigentes dos clubes brasileiros mantivessem o futebol no amadorismo⁵⁶. O programa pode ser considerado uma peça chave para a regulamentação do futebol brasileiro, que viria anos mais tarde.

⁵⁶ Para saber mais, ler Caldas, 1994.

A crescente popularização do futebol e as condições impostas por Vargas fizeram com que a Confederação Brasileira de Desportos, aceitasse a ideia do profissionalismo. Este novo conceito de fazer futebol deu formalmente a posição de empregado aos jogadores, sob a jurisdição do Ministério do Trabalho (Levine, 1982). Assim, no início da década de 1930, muitas reuniões e conselhos foram feitos, mas nenhuma decisão favorável ao profissionalismo foi tomada. As indecisões fizeram com que os clubes que se colocavam pró profissionalismo decidissem romper com as entidades responsáveis pelo futebol. Este movimento tomou proporção, se proliferando por diversos estados brasileiros (COSTA, 2006).

7. 2. Notas sobre o Profissionalismo Gaúcho e Riograndino

Nos anos 30, muitos jogadores gaúchos estavam nos clubes que pagavam os melhores salários, como o eixo Rio – São Paulo. A crônica carioca dizia que o melhor “bak” brasileiro era o zagueiro Luiz Luz, jogador do Fluminense F. C., que fora contratado de um clube gaúcho (JORNAL O TEMPO, 19 de março de 1933). Meses mais tarde, o mesmo jogador foi transferido pelo Club Atlético Peñarol do Uruguai, (JORNAL O TEMPO, 09 de agosto de 1933). Em 1935, Fausto se transferiu para o Club Nacional de Football e o gaúcho Zaizur foi para o Club Atlético San Lorenzo de Almagro. O periódico alerta que o futebol brasileiro perde muito com a saída de mais esses dois jogadores (JORNAL O TEMPO, 15 de maio de 1935).

Em relação ao futebol europeu, um dos países que se destacava era a Itália. O jornal comentava que empresários daquele país vinham buscar jogador no Brasil, oferecendo altos salários (JORNAL O TEMPO, 19 de abril de 1933). Dois meses depois, o jornal noticia que um representante do Torino Football club, Fernando Giudicelli, viria para o Rio de Janeiro, com o objetivo de contratar jogadores brasileiros (JORNAL O TEMPO, 18 de junho de 1933). Em outra publicação, o jornal enfatizou que existiam 11 jogadores brasileiros jogando em clubes daquele país, sendo dois deles gaúchos (JORNAL O TEMPO, 23 de novembro de 1932).

No Brasil poucos eram os jogadores que conseguiam manter-se financeiramente apenas com o futebol. No interior, como no caso de Rio Grande, os

jogadores não ganhavam salários. Na capital e no eixo Rio – São Paulo, alguns recebiam. Mas, no Uruguai, na Argentina e em muitos países da Europa havia um profissionalismo mais avançado que no Brasil. Naqueles países os salários dos jogadores europeus chegavam a ser dez vezes maiores do que os pagos pelos clubes cariocas e paulistas.

Em Rio Grande, praticamente todos os jogadores exerciam outras atividades profissionais para se sustentar. O caminho para viver exclusivamente do futebol era ir jogar em um clube da capital, do eixo Rio- São Paulo e, depois, no exterior.

Nas matérias que analisamos do Jornal o Tempo, toda a década de 1930, nenhuma delas fez qualquer referência explícita ao salário mensal de algum jogador dos clubes da cidade. No começo de cada temporada, os clubes apresentavam uma lista de jogadores que constituiriam o plantel do clube para aquele ano. Ao final da temporada, eles estavam livres para atuar por qualquer outro clube. Havia certa tradição de circulação dos jogadores entre os clubes da região, principalmente, entre Pelotas, Rio Grande e Bagé.

As transferências de um clube para outro poderiam ser uma oportunidade para os jogadores conseguirem algum aporte econômico, mas isto não acontecia, pois dependia do acordo (contrato) entre os clubes interessados. Em 1938, por exemplo, encontramos o registro de que um jogador do S. C. Rio Grande e outro do G. E. Brasil haviam se transferidos para clubes de Porto Alegre (JORNAL O TEMPO, 11 de agosto e 15 de setembro de 1938). Além da capital, alguns jogadores e também treinadores, transferiam-se diretamente para o eixo Rio – São Paulo, como foi o caso, por exemplo, do treinador Gentil Cardoso, bi-campeão do Campeonato Local e duas vezes vice-campeão estadual com F. C. Rio-Grandense, que em 1939 transferiu-se para o Bonsucesso do Rio de Janeiro (JORNAL O TEMPO, 03 de março de 1939).

Entretanto, como a maioria dos jogadores também tinha outro emprego, havia alguns que se transferiam para trabalhar em Rio Grande e assim passaram a atuar nos clubes locais, como foi o caso de Tupan, jogador que veio de Porto Alegre para trabalhar em um banco da cidade (JORNAL O TEMPO, 27 de dezembro de 1931).

Entre os clubes locais o S. C. Rio Grande era o clube que mais se propunha a contratar jogadores, segundo o que emergiu da consulta dos jornais. Em matéria alusiva a um amistoso entre G. E. Brasil e S. C. Rio Grande, o periódico destacou que a partida serviria para mostrar os novos jogadores vindos do Fluminense Football Club, do 9º Regimento de Infantaria e do F. C. Americano (JORNAL O TEMPO, 07 de março de 1937). Essas contratações costumavam ocorrer no início da temporada dos clubes riograndinos.

As competições organizadas pela Liga Rio-Grandense de Desportos (LRGD) premiavam os clubes vencedores com montantes em dinheiro, que variava de acordo com a importância da competição. O prêmio para o vencedor do Campeonato Municipal, por exemplo, era dez vezes mais que o destinado ao vencedor do Torneio de Encerramento (JORNAL O TEMPO, 10 de janeiro de 1933). O Campeonato Local oferecia prêmio em dinheiro para os três primeiros colocados. Para termos uma noção do valor econômico que representava essa premiação, no ano de 1932, o valor recebido pelo Campeão Municipal foi de 1.000\$000 mil-réis. Nesse mesmo ano, uma geladeira custava 180\$000 mil-réis, o quilo do café 3\$000 mil-réis e uma gravata era 6\$000 mil-réis (JORNAL O TEMPO, 23 de dezembro de 1932).

Os valores cobrados nos ingressos variavam de acordo com a importância da partida. Nos jogos do Campeonato Local era cobrado em média 3\$000 mil-réis pela entrada e, em clássicos, 3\$300 mil-réis. Mulheres, crianças e militares pagam a metade ou um terço do valor (JORNAL O TEMPO, 23 de julho de 1933). No Campeonato Regional o valor subia para 4\$00 mil-réis. Em alguns amistosos importantes o valor também era maior. No jogo contra o Santos F. C., em 1932, os ingressos antecipados custaram entre 4\$000 e 6\$000 mil-réis e, no dia do jogo, custaram entre 6\$000 e 8\$000 mil-réis (Jornal o Tempo, 23 de maio de 1935).

Com esta síntese sobre o profissionalismo em Rio Grande, na década de 1930, destacamos que não encontramos no periódico “O Tempo” nenhuma referência explícita ao pagamento de salários ou prêmios por metas aos jogadores locais, mas não descartamos a possibilidade dos jogadores receberem algumas vantagens, gratificações, etc.

Sobre a receita dos clubes, a compreensão que tivemos é que ela girava, principalmente, em torno dos ingressos e das premiações das competições. A maior parte dessa arrecadação era gasta com a estruturação dos estádios, vestuários, viagens, mensalidades pagas a ARGD etc.

Analisando os números encontrados durante a pesquisa projetamos que a arrecadação de um clube campeão local, com estádio de cinco mil lugares e com pelo menos três jogos com lotação máxima de público, poderia chegar a aproximadamente 10.000\$000 mil-réis no ano. Uma arrecadação que provavelmente estava comprometida com as despesas básicas e estruturais do clube. Assim, dificilmente sobraria dinheiro para um clube local conseguir pagar grandes remunerações aos seus jogadores.

7. 3. O Caso do Campeonato Estadual

No Rio Grande do Sul em 1937, os clubes da capital, liderados pela dupla S. C. Internacional e Grêmio F. B. P. A., resolveram romper com a federação.

A dupla GRENAL resolveu aderir ao movimento que possuía uma proposta ousada, em um encontro a portas fechadas, em Porto Alegre, que contou com a presença de Iracy Salgado Freire, presidente do Sport Club Internacional; José da Silva Martins e Cícero Gomes, presidente e vice-presidente do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense; Plínio Leite, desportista líder do movimento no Rio de Janeiro e propagador do movimento para todo o Brasil; e demais representantes de outros esportes no Estado gaúcho. Os representantes de Grêmio e Internacional aceitaram a proposta definitiva para a adesão de ambos às “Especializadas”.

No dia seguinte ao encontro, foi anunciada oficialmente a adesão dos dois maiores clubes gaúchos as Especializadas na imprensa desportiva local (RIBEIRO, 2011. p. 25 e 26).

As Ligas Especializadas eram uma forma de contrapor o modelo de amadorismo no futebol nacional. Os times desta liga não faziam parte das entidades que regulamentavam o esporte em seus estados, assim, se tornavam independentes. O movimento iniciado pelos dois expoentes do futebol gaúcho causou mudanças no último triênio das disputas do Campeonato Estadual. A não participação dos times filiados à Liga Especializada deu novas diretrizes ao principal

campeonato do estado. O clube campeão do interior era declarado campeão estadual, antes de 1937 este clube deveria enfrentar o campeão da capital para definir o vitorioso daquele ano.

No início da década de 1930 havia divergências sobre as diretrizes do futebol gaúcho e sobre qual entidade deveria comandar futebol. Não se tinha uma federação apoiada por todos os clubes, o que gerava muito conflitos. Em 1931, uma reunião com os representantes dos clubes gaúchos, ficou decidida que a entidade máxima do futebol era à Federação Rio-Grandense de Desportos (FRGD). Esta entidade regeria as normas do futebol gaúcho, assim como vinha fazendo desde sua origem. A primeira decisão depois da reunião foi que em 30 dias os clubes filiados deveriam inscrever os atletas junto a FDRG, para que estes fossem avaliados e indicados como aptos a jogar nas ligas locais, regionais e estaduais (JORNAL O TEMPO, 05 de maio de 1931).

A nova configuração que começou em meados dos anos trinta se manteve até 1937. Nesse ano, os clubes da capital do estado criaram a Liga Especializada, que era regida pela Associação Metropolitana Gaúcha de Esportes Atlético (AMGEA). Além das divergências sobre a estruturação do Campeonato Estadual, a liga tinha por intuito elevar o futebol da capital, através de um maior investimento financeiro nos clubes e jogadores. Esta iniciativa foi consequência do movimento favorável ao profissionalismo que acontecia no país, semelhante ao que já tinha ocorrido em outros países da América do Sul, como o Uruguai e a Argentina (RIBEIRO, 2011).

Em seus estudos, Ribeiro (2011) lembrou que, no ano de 1937, um grande conflito de interesses entre entidades se estabeleceu no futebol gaúcho e que esta desavença foi amplamente reportada pelos jornais. Assim, o estado viveu um dos mais desgastantes momentos de sua vida esportiva.

A atuação das Ligas Especializadas, que estava sendo amplamente divulgada no território nacional, impulsionou a profissionalização do futebol. Iniciada no Rio de Janeiro, as Ligas tinham como objetivo propagar o movimento que defendia uma maior atenção para as entidades que dirigiam o esporte no país, contrapondo-se à Confederação Brasileira de Desportos (CBD). No âmbito nacional, a criação da liga se caracterizou como uma tentativa de isolar o futebol dos demais esportes, criando

uma entidade exclusiva, pois o esporte tinha tomado proporções na sociedade brasileira.

No âmbito regional, Ribeiro (2011) lembra que os clubes não concordavam com a gestão financeira da FRGD, que segundo eles, gastava o dinheiro de maneira indevida.

Os clubes da capital também recriminavam a FRGD, porque entendiam que era esta entidade que deveria arcar com os salários dos jogadores convocados pela seleção gaúcha, no período em que estavam servindo a equipe dos melhores jogadores que atuavam no Rio Grande do Sul. Mas ao invés de cumprirem tal tarefa, os clubes da capital gaúcha denunciavam a FRGD de gastar o montante que a entidade recebia dos campeonatos brasileiros em prêmios, viagens aérea especiais, hotéis de luxo e presentes de alto valor para as autoridades da CBD e da própria FRGD (RIBEIRO, 2011. p. 31).

As brigas entre FRGD e a Liga Especializada preocupavam os clubes gaúchos, principalmente os da capital, pois estes não sabiam por qual competição jogar. Em nota publicada no jornal, os dois principais clubes do estado, S. C. Internacional e Grêmio F. B. P. A. mostravam-se descontentes com esta indefinição. Preocupados com o futuro do futebol gaúcho, eles pediram uma posição da antiga Federação Brasileira de Futebol (FBF), sobre qual entidade comandava o futebol do estado (JORNAL O TEMPO, 11 de fevereiro de 1938). Sem uma posição da FBF, a Liga Especializada foi se consolidando, pois a entidade que começou com cinco clubes passou para seis, em 1938, e em 1939, chegou a dez (Inter, Grêmio, Renner, Porto Alegre, Ferroviário, Sokol, Vila Nova, Cruzeiro, São José e Força e Luz). (JORNAL O TEMPO, 12 de junho de 1939).

Depois de constituída, a Liga Especializada passou a organizar seus próprios campeonatos. Torneios “Initiun” e Encerramento faziam parte do calendário destes clubes, além do Campeonato entre os clubes pertencentes à liga, que era como se fosse um Campeonato Local (JORNAL O TEMPO, 28 de março de 1938).

Em 1937, a FRGD resolveu excluir os clubes pertencentes à Liga Especializada do Campeonato Estadual daquele ano, causando grande repercussão entre os associados. No ano seguinte, após uma tentativa fracassada de reverter essa situação, os clubes que pertenciam a liga continuavam fora da disputa estadual (JORNAL O TEMPO, 26 de março de 1938). Em 1939, representantes da Liga

Especializada acordaram uma proposta com a FRGD e os clubes de Porto Alegre voltaram a participar do Campeonato Estadual, a partir de 1940 (JORNAL O TEMPO, 26 de julho de 1939).

Figura 38: Os dirigentes da Liga Especializada



Fonte: <http://cacellain.com.br/blog/>. Acessado em 24 de setembro de 2013.

7. 4. O Triênio Colorado

Os últimos três anos da década de 1930 tiveram a particularidade da disputa do Campeonato Estadual ocorrer sem a participação dos clubes da capital. Além do ano de 1939, o F. C. Rio-Grandense fez boas campanhas também em 1937 e 1938. Nestes dois anos o clube foi vice-campeão estadual. Assim, diferente da metodologia que utilizamos quando apresentamos os outros dois títulos estaduais riograndinos, no caso da conquista do F. C. Rio-Grandense, optamos por fazer uma análise que procura mostra a ascensão desse clube, que começa em 1937, mantém-se em 1938 e alcança seu auge em 1939, com a conquista do campeonato estadual.

7. 4. 1. 1937: Primeiro Ano da Ascensão do F. C. Rio-Grandense

A primeira notícia vinculada ao F. C. Rio-Grandense neste ano foi a disputa do Troféu “Essolube” com o time do S. C. São Paulo. A vitória neste troféu, por 3 a 1, indicava a melhora do Guri Teimoso, já que o clube tinha sido o pior entre os seus rivais no Campeonato Local do ano anterior (JORNAL O TEMPO, 27 de abril de 1937).

Neste ano (1937), o Campeonato Local sofreu uma alteração em seu regulamento. Continuavam todos os times jogando entre si em turno e retorno, mas a partir desse ano os campeões de cada turno se enfrentariam em uma final, em uma melhor de três partidas. Os dois finalistas de 1937 foram o Guri Teimoso e o Veterano. No primeiro confronto, no estádio Torquato Pontes, o F. C. Rio-Grandense venceu por 3 a 1. O segundo jogo foi uma partida com as mesmas características da primeira, só que desta vez, jogando no estádio das Oliveiras, o S. C. Rio Grande saiu vencedor. A terceira partida acabou com a vitória do Guri Teimoso por 2 a 1, que levou o título local depois de 16 anos, o último tinha sido em 1921 (JORNAL O TEMPO, 02, 10 e 17 de novembro de 1937).

Após a conquista do Campeonato Local o F. C. Rio-Grandense enfrentou o G. E Brasil e venceu a primeira partida por 1 a 0 e a segunda por 4 a 3. Sobre o segundo jogo o periódico “O Tempo”, comentou que foi uma partida “ligeiramente violenta por ambas as partes” (JORNAL O TEMPO, 23 e 30 de novembro de 1937).

Seguindo adiante o Colorado enfrentou o Grêmio Sportivo Ferroviário, de Bagé. Este jogo foi entre o campeão do Litoral e o campeão do Sul. Jogando em Rio Grande, o F. C. Rio-Grandense venceu por 3 a 0. Além do resultado, o jornal publicou a escalação das equipes e avisou que o clube local estava esperando o vencedor de G. F. Santanense e E. C. Novo Hamburgo (JORNAL O TEMPO, 28 de dezembro de 1937).

A final do Campeonato Estadual foi disputada em uma melhor de três partidas, sendo que a última em campo neutro. No primeiro jogo, em Rio Grande, o clube local venceu por 2 a 0. Mas, no segundo jogo o time de Santana do Livramento venceu por 3 a 2. No terceiro confronto, com uma vitória convincente de

4 a 0 o G. F. Santanense acabou com as esperanças do Guri Teimoso de se tornar campeão estadual (JORNAL O TEMPO, 18 de janeiro de 1938).

Mesmo com a derrota os jogadores do F. C. Rio-Grandense foram parabenizados pelo grande ano futebolístico, tanto o jornal quanto o presidente do clube, enviaram cartas endereçadas aos atletas do clube (JORNAL O TEMPO, 08 de fevereiro de 1938).

Figura 39: Equipe do F. C. Rio-Grandense, em 1937.



Fonte: Acervo do F. C. Rio-Grandense.

7. 4. 2. 1938: Vice de Novo

O resultado das primeiras partidas da temporada de 1938 do Rio-Grandense indica que o clube já começara o ano a frente dos seus principais rivais. Além disso, as goleadas contra o G. A. M. General Osório, 7 a 0, e contra o F. C. Americano, 5 a

1, mostravam que o F. C. Rio-Grandense despontava como favorito ao título local (JORNAL O TEMPO, 01 e 21 de junho de 1938). A supremacia era tanta que o Colorado venceu os dois turnos de maneira invicta, com 38 gols a seu favor e apenas 3 gols contra (JORNAL O TEMPO, 13 de novembro de 1938).

Este ano também marcou a presença do Grêmio Sportivo Força e Luz nos campos riograndinos. O clube da capital veio ao sul do estado com o interesse de jogar amistosamente com o G. E. Brasil e com o F. C. Rio-Grandense. Após um empate na cidade vizinha, o G. S. Força e Luz perdeu por 2 a 1 para o clube local. A partida ganhou grande espaço no jornal, que publicou as escalações, além dos comentários acerca do confronto e os elogios a ambas as equipes (JORNAL O TEMPO, 24 e 27 de setembro de 1938).

Após a anunciada conquista local, o Guri Teimoso teria de enfrentar o vencedor do campeonato pelotense para se tornar o Campeão do Litoral, que no caso deste ano era o 9º Regimento de Infantaria. A expectativa era tanta que foi estampado no jornal um “concurso da sorte”, comum em jogos muito aguardados pela população, como no caso dos da seleção brasileira em copas do mundo. O concurso da sorte era uma realização de uma casa chamada “Índio da Sorte”. O intuito era de fazer uma aposta no resultado da partida. Abaixo colocamos uma representação do bilhete que deveria ser entregue nas casas “Índio da Sorte”.

	Goals
9º Regimento de Infantaria
F. C. Rio-Grandense

A primeira partida, realizada em Pelotas, acabou com o resultado favorável ao time visitante, por 2 a 1. O jornal publicou diversos comentários a respeito da partida, as escalações e fez um “minuto a minuto” dos principais lances. No segundo jogo, desta vez em Rio Grande, o Guri Teimoso venceu com um gol de Carruira e se tornou o Campeão do Litoral (JORNAL O TEMPO, 7 e 13 de dezembro de 1938). Após a conquista o F. C. Rio-Grandense se deslocou até Porto Alegre para jogar contra o Grêmio Esportivo Renner, em uma das semifinais. O confronto acabou com

o placar de 2 a 1 favorável aos riograndinos. Essa vitória o credenciou a disputar a final contra o Guarany F. C., da cidade de Bagé (JORNAL O TEMPO, 27 de dezembro de 1938).

Antes do primeiro confronto entre as duas equipes existia muito entusiasmo por parte do jornal, que fez uma análise de como seria o enfrentamento. Dois dias depois, a notícia do empate em 1 a 1 freou o periódico local. Nos comentários após o jogo foi destacado a força do futebol bageense e foram conferidos elogios a ambos os times. O empate dava a oportunidade do vencedor do segundo jogo ser declarado campeão estadual e foi isto que aconteceu, o Guarany F. C. venceu por 3 a 1 o F. C. Rio-Grandense. As notícias vinculadas ao jogo davam conta de culpar a arbitragem. Dirigentes Colorados reclamavam que o juiz pelotense não gostava dos clubes riograndinos e que o mesmo zombava dos jogadores no campo. Além disto, o periódico lembrou a grande rivalidade existente entre as duas cidades, dizendo que a cidade vizinha não tinha muita simpatia com o Guri Teimoso, nem mesmo com os outros clubes locais (JORNAL O TEMPO, 10 e 25 de janeiro de 1939).

As acusações feitas pelo jornal chegaram até a cidade de Bagé. Em uma coluna exposta em um periódico daquela cidade, o F. C. Bagé, nega as acusações e alega que o F. C. Rio-Grandense é falho e que só sabe fazer faltas, o que causou indignação ao clube local. Ao final da coluna, o jornal realça que a reclamação dos riograndinos é ridícula e pretensiosa (JORNAL O TEMPO, 28 de janeiro de 1940).

Figura 40: Time do F. C. Rio-Grandense em 1938. Campeão Local deste ano.



Fonte: Acervo do F. C. Rio-Grandense.

7. 4. 3. 1939: Rio-grandense Campeão Estadual

O ano da maior conquista do F. C. Rio-Grandense começou de maneira não esperada, com a saída do treinado Gentil Cardoso, uma referência para os riograndinos, que aceitou o convite para se transferir para o Rio de Janeiro para treinar o Bonsucesso Futebol Clube (JORNAL O TEMPO, 03 de março de 1939).

No Campeonato Local continuava a hegemonia do Guri Teimoso, que venceu o primeiro e segundo turno do Campeonato Municipal (JORNAL O TEMPO, 05 de julho e 24 de setembro de 1939). Na fase seguinte, ele enfrentou o E. C. Pelotas, perdeu o primeiro jogo por 2 a 1, mas venceu o segundo pelo mesmo placar e empatou a terceira em 1 a 1 provocando a necessidade de um quarto jogo. A quarta partida ocorre na cidade de Bagé, mas enquanto o F. C. Rio-Grandense foi até o estádio do G. S. Ferroviário, o S. C. Pelotas foi para o do Guarany F. C. Após o

desencontro o clube pelotense foi excluído do campeonato, deixando o título para o Colorado, mesmo sem jogar (JORNAL O TEMPO, 03, 10, 14, 22, 26 e 28 de outubro de 1939).

Após ser afirmado como o Campeão do Litoral, o F. C. Rio-Grandense teria de enfrentar o E. C. Novo Hamburgo em uma das semifinais, mas o clube hamburguense desistiu de vir jogar em Rio Grande, sem mencionar nenhum motivo para tal decisão. Com a desistência, o Colorado foi diretamente para a final contra o G. S. Santanense (JORNAL O TEMPO, 05 de janeiro de 1940).

O jornal estava apostando que desta vez o título tão esperado viria, o mesmo colocou meia página com notícias sobre as escalações, os pontos fortes de cada equipe e a cobertura da viagem, já que o clube local jogou a primeira partida como visitante.

O primeiro confronto terminou empatado em 4 a 4. No segundo jogo houve a vitória do Rio-Grandense por 3 a 1. No jogo decisivo, disputado em Pelotas, o Guri Teimoso tinha a vantagem do empate. O jogo terminou 0 a 0 e o F. C. Rio-Grandense tornou-se pela primeira vez Campeão Estadual (JORNAL O TEMPO, 10, 18, 20 e 23 de janeiro de 1940). Os jogadores chegaram a Rio Grande em meio a uma grande festa. O jornal imprimiu uma homenagem aos campeões, que dizia: “Campeão Estadual! – A cidade abraça cordialmente o glorioso 11 Colorado” (JORNAL O TEMPO, 25 de janeiro de 1940. p.1).

No dia seguinte a lembrança de uma década vitoriosa para o futebol riograndino ganhou espaço na coluna Desportos. Era uma lembrança feita aos três títulos estaduais conquistados pelos clubes locais, em 1933, 1936 e 1939. O jornal expressou a “ufania na cidade com os êxitos da década como jamais vistas na cidade” (JORNAL O TEMPO, 25 de janeiro de 1940. p.1).

Recorremos novamente ao jornal Agora, quando ele faz uma recapitulação do título estadual do Guri Teimoso

Em sua gloriosa trajetória o clube escarlate conquistou vários títulos, mas o mais importante foi, sem dúvida, o de campeão gaúcho de 1939. A formação “escarlate”, naquela oportunidade, foi esta: Brandão - Cazuza e Armando - Pelado - Pacheco e Mariano - Osquinha - Carruira - Cardeal-Chinês e Plá.

No campeonato o Rio-Grandense enfrentou o Grêmio Santanense em três jogos, vencendo um e empatando dois. No ano em que completava 30 anos de criação o Rio-Grandense foi aclamado o Campeão Gaúcho de Futebol de 1939. Além deste resultado o clube foi vice-campeão gaúcho nos anos de 1937, 1938 e 1946 (JORNAL AGORA, 27 de novembro de 2013).

Com o título estadual de 1939 os três maiores clubes riograndinos chegavam as suas maiores conquistas. O Colorado foi o último a chegar a este feito, mas, em contra partida trouxe mais dois vice-campeonatos. Esta última participação do F. C. Rio-Grandense é lembrada como a maior façanha do clube e, somado aos dois vices da década de 1930, são o diferencial apresentado pelos torcedores.

A consolidação do futebol riograndino entre os mais apreciados do estado foi uma construção que começou pelo título do S. C. São Paulo, depois o do S. C. Rio Grande e, por último, com essa do F. C. Rio-Grandense. Três acontecimentos importantes na historiografia do futebol local e estadual. Quem frequenta os estádios de Rio Grande, não tem dúvidas sobre a importância, os significados e o lugar de destaque que os títulos estaduais têm na memória dos torcedores destes clubes.

Figura 41: Time do F. C. Rio-Grandense, campeão estadual em 1939.



Fonte: Acervo F. C. Rio-Grandense.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tratando o futebol como uma manifestação esportivo-cultural, podemos colocá-lo como forma de espetáculo, inserida no âmbito do lazer e da sociabilidade contemporânea.

Nos anos de 1930 o futebol não era o mesmo que chegou ao Brasil e ao porto de Rio Grande. Pereira (2000) e Rigo (2004) destacam que, a partir dos anos 1920 do século passado, o profissionalismo e a valoração da competitividade colocaram o esporte em outro patamar de disputas entre agremiações e clubes.

Pela repercussão registrada nos jornais da cidade nos pré e pós-jogos, percebemos que as partidas eram muito aguardadas pelos riograndinos. Antes dos jogos passavam notícias desde as escalações até os prováveis vencedores. Já, nos pós-jogo contavam os lances e analisavam taticamente a partida.

Na leitura que realizamos nos jornais, não percebemos indícios de que houvesse alguma preferência maior do jornal “O Tempo” por algum clube da cidade. O que identificamos foi uma tendência do jornal noticiar com mais destaque os vitoriosos, porém, quando os times riograndinos eram derrotados por clubes de outras cidades, predominava uma cobertura mais discreta da partida. Todavia, quando um time da cidade era derrotado por um da capital ou do eixo Rio- São Paulo, os cronistas destacavam os méritos dos jogadores locais, apesar da derrota.

Constatamos que na década de 1930 as excursões tinham espaço certo na temporada futebolística dos riograndinos. A grande mobilização de torcedores em jogos na cidade e em outras localidades do próprio município demonstrava isto. Notamos que durante toda década pesquisada tivemos diversos jogos de futebol com numerosos espectadores. Para tentarmos fazer uma relação da representatividade da mobilização dos torcedores nos estádios riograndinos, foram utilizados os dados populacionais da década pesquisada e o ano de 2013. Confrontamos os dados encontrados em Loner (2001) e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O estado do Rio Grande do Sul tinha aproximadamente dois milhões e quinhentos mil habitantes em 1930, ou seja, um

quarto da população atual. A capacidade dos principais estádios da cidade girava em torno de cinco mil lugares, em média. Como a cidade tinha aproximadamente sessenta mil habitantes, quando tínhamos lotação máxima nos estádios, tinha-se 8% da população riograndina vendo os jogos.

Com o passar dos anos, os estádios da cidade se reestruturaram. Atualmente, os estádios Aldo Dapuzzo, do S. C. São Paulo e o Arthur Lawson, do S. C. Rio Grande tem capacidade de sete e quatro mil expectadores, respectivamente, pouco para uma cidade com aproximadamente duzentos mil habitantes. Em 2014, o S. C. São Paulo participará do Campeonato Gaúcho e a expectativa é de levar bom público a seu estádio, fato que não acontecia no ano anterior em que estava na Divisão de Acesso do Campeonato Gaúcho. Já o S. C. Rio Grande, que está disputando a Segunda Divisão do Campeonato Gaúcho vem apresentando um número baixo de público nos últimos anos. Assim, podemos constatar que a média da presença de torcedores nos estádios locais diminuiu em relação à década pesquisada⁵⁷.

As partidas dos clubes locais apresentavam significados distintos. Os amistosos com times de Jaguarão e Santa Vitória do Palmar tinham pouca repercussão quando comparados com os jogos contra os times cariocas e paulistas, assim como os jogos do Campeonato Local, em que os clássicos tinham espaço destacado no jornal, diferentemente dos jogos contra G. A. M. General Osório, F. C. Americano ou F. C. União Fabril. A maior repercussão no jornal dependia mais do jogo especificamente do que do campeonato, fora o Campeonato Estadual.

No período pesquisado (1930-1939), existiam tensionamentos e controvérsias em relação ao profissionalismo no futebol. No caso do futebol riograndino não encontramos indicadores de que houvesse se instituído um profissionalismo pautado por salários ou remunerações econômicas (“bichos”) pagos aos jogadores, como existiam nesse mesmo período em cidades como Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. Mas, encontramos indícios da existência de “profissionalismo marrom”⁵⁸, no

⁵⁷ Ao nos referirmos a capacidade dos estádios locais, não tratamos do Torquato Pontes, estádio do F. C. Rio-Grandense, isto se deve ao fato do clube ter encerrado as atividades do futebol profissional.

⁵⁸ Expressão utilizada para caracterizar uma forma de compensação financeira por objetivos alcançados. Os jogadores recebiam de acordo com seus êxitos na competição. Para saber mais, ler Yamandu e Góis Junior, 2012.

qual muitos jogadores recebiam vantagens, como por exemplo, a oferta de um emprego como recompensa para jogar por um determinado clube, alguns jogadores trocavam de clube pela possibilidade de um melhor emprego. Este movimento não era uma prática que englobasse todos os jogadores e era mais comum entre os clubes mais destacados da cidade: S. C. Rio Grande, S. C. São Paulo F. C. Rio-Grandense.

Ao final das temporadas era rotineiro ver páginas do jornal estampando transferências de jogadores dos clubes menores para os maiores. O fato do S. C. São Paulo, S. C. Rio Grande e o F. C. Rio-Grandense terem sido campeões locais em praticamente todas as edições fazia com que os jogadores riograndinos tivessem vontade de jogar em um destes clubes, que costumavam aglutinar os melhores jogadores da cidade.⁵⁹

Sobre a rivalidade entre Pelotas e Rio Grande, é possível dizer que em função da proximidade geográfica, do número de vezes que os clubes dessas duas cidades se enfrentavam anualmente e a equivalência em conquistas estaduais, fez com que na década de 1930 se proliferasse um sentimento de rivalidade regional entre os clubes dessas cidades, sentimento que se estendem até os dias atuais.

Nas conquistas do futebol riograndino na década de 1930, destacam-se os três títulos estaduais, S. C. São Paulo (1933), S. C. Rio Grande (1936) e F. C. Rio-Grandense (1939). Eles ajudaram a consolidar Rio Grande como uma cidade de destaque no cenário do futebol gaúcho. Entre os muitos fatores que influenciaram para que isso ocorresse ressaltamos três: a singularidade da rivalidade local, diferente daquilo que predominava na maioria das outras cidades do interior do estado, em que geralmente predominava uma rivalidade entre dois clubes, em Rio Grande, ao longo de toda a década de 1930, vigorou uma rivalidade cidadina entre três clubes. Os efeitos produzidos por uma forte rivalidade regional, que desafiava os três clubes de Rio Grande a conquistarem os mesmos títulos estaduais que já haviam sido conquistados pelos clubes das cidades vizinhas, Pelotas (G. E. Brasil - 1919 e S. C. Pelotas – 1930) e Bagé (Guarany F. C. - 1920 e G. E. Bagé - 1925). Por último, destacamos a política de mobilidade urbana implantada na cidade na

⁵⁹ Em apenas uma edição o campeão local não foi o S. C. São Paulo ou S. C. Rio Grande ou F. C. Rio-Grandense. Em 1925 o G. A. M. General Osório sagrou-se campeão.

época, com linhas dos bondes que transportavam os torcedores aos três maiores estádios com relativa facilidade, fortalecendo os vínculos entre clubes e torcedores.

Ao final da pesquisa conseguimos alcançar nossos objetivos de estabelecer parâmetros que dão uma noção do como era o futebol riograndino na década de 1930. A organização e estruturação dos clubes e as peculiaridades do futebol local na década pesquisada compõem um período destacado no futebol de Rio Grande.

Após a década de 1930, o futebol riograndino não conseguiu repetir os êxitos de vencer campeonatos estaduais. O máximo que os clubes da cidade conseguiram foram se destacar em algumas competições específicas. O S. C. Rio Grande chegou mais uma vez a final estadual em 1941, mas desta vez foi vice-campeão. Além disso, o clube foi campeão da segunda divisão em 1962 e vice-campeão da terceira divisão em 1985. O F. C. Rio-Grandense foi vice-campeão estadual pela terceira vez em 1946 e, posteriormente, foi campeão da segunda divisão no ano de 1965 e vice-campeão em 1963 e 1984. Fora a conquista de 1933, o S. C. São Paulo não chegou mais na final da principal competição estadual, mas o clube foi campeão da segunda divisão nos anos de 1967 e 1970 e vice-campeão em 1985, 2000 e 2013.

Atualmente (2014), os clubes riograndinos estão em momentos distintos. O F. C. Rio-Grandense, desativou a categoria do futebol profissional. Recentemente, o clube formou algumas turmas de categorias de base para dar início a suas atividades, mas não demonstra pretensões de voltar a participar de competições profissionais. O S. C. Rio Grande disputa a segunda divisão do Campeonato Gaúcho⁶⁰. Além desta competição, o clube mantém diversas equipes nas categorias de base. O clube em melhor fase entre os três rivais é o S. C. São Paulo, que em 2014 disputa as principais competições do estado, o Campeonato Gaúcho e as copas organizadas pela FGF (Federação Gaúcha de Futebol). O clube havia cancelado as suas equipes não profissionais, mas a ascensão para a primeira divisão do Campeonato Gaúcho em 2014 obrigou o clube a reativar as suas categorias de base.

⁶⁰ É a terceira maior competição do estado, atrás do Campeonato Gaúcho e da Divisão de Acesso do Campeonato Gaúcho.

REFERENCIAL

ANTUNES, F. M. R. F. **Futebol de fábrica em São Paulo**. Dissertação de Mestrado em Filosofia. Universidade de São Paulo. São Paulo, SP. 1992.

BANDEIRA, P. As raízes históricas do declínio da região sul. Em: ALONSO, J; BENETTI, M; BANDEIRA, P. **Crescimento econômico da região sul de Rio Grande do Sul**: causas e perspectivas. Porto Alegre: FEE, 1994, p.7 – 48.

BECKER, L. **Do Fundo do Baú**. Curitiba, PR: Campeões do futebol, 2012.

BETTI, M. **A janela de vidro**: esporte, televisão e educação física. Tese de Doutorado em Educação Física. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP, 1997.

BEZERRA, A. B. B; PASTORINO, E; CUNHA, L. C. da; CRUZ, M. L. M; FRANÇA, M. T.; SILVEIRA, T. T. Políticas públicas de lazer em Rio Grande. Em: HECKTHEUER, L. F. A. et. al. **Políticas públicas de esporte e lazer na cidade de Rio Grande – Rio Grande**: [s. n.], 2009

BOSI, E. **Memória e sociedade**: Lembranças de velhos. – 3º edição – São Paulo: Companhia das letras, 1994.

CALDAS, W. **O Pontapé Inicial**: Memória do Futebol Brasileiro. São Paulo: Ibrasa, 1990.

_____. Aspectos sociopolíticos do futebol brasileiro. **Revista da USP**, São Paulo, n. 22, p. 41-9, Jun-Ago. 1994.

CARVALHO, C. Segmentação do jornal, a história da suplementação como estratégia de mercado. Em: **Intercom**: Sociedade Brasileira de Estudos

Interdisciplinares da Comunicação, V Congresso Nacional de História da Mídia. São Paulo, 2007.

CÉSAR, W. **Um Século de Futebol Popular** – A história do Sport Club São Paulo. Porto Alegre: Editora da Corag, 2013, 408 p

CERTEAU, M. de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

COLLEMAN, J. A. **Sociologia da religião**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1989.

COSTA, F. R. da; NETO, A. F; SOARES, A. J. G. Crônica esportiva brasileira: histórico, construção e cronista. Em: **Pensar a Prática**. Vitória, pp. 15-31, jan/jun 2007.

COSTA, M. da S. D. Os gramados do catete: futebol e política na Era Vargas (1930-1945). **Memória social dos esportes** - Futebol e política: a construção de uma identidade nacional, v. 2, p. 107, 2006.

DAOLIO, J. As contradições do futebol brasileiro. **Futebol: paixão e política**. Rio de Janeiro: DPeA, p. 29-44, 2000.

DAMO, A. S. **Futebol e identidade social**: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2002.

DAMO, A. S; FERREIRA, B. S. No tempo das excursões – o circuito clubístico porto-alegrense e a reconfiguração de suas fronteiras em meados do século XX. **Revista de História Regional**, v. 17, n. 2, 2013.

FOUCAULT, M. **A ordem do Discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

_____. **Ditos e escritos**. Ética, estratégia, poder-saber. MOTTA, Manoel Barros da (Org.). Tradução de Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. v. 4.

FREYRE, G. **Casa-Grande e Senzala**. 27ª ed. Rio de Janeiro: Record, 1989.

FREITAS, G. da S. “**Espírito de Seleção**”: um estudo dos discursos midiáticos a partir da Copa do Mundo de 2006: Dissertação de Mestrado em Educação Física. Universidade Federal de Pelotas. Pelotas/RS 2009.

GOELLNER, S. V. História das mulheres: considerações teórico-metodológicas acerca do fazer historiográfico. Em: **Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte**, 14., 2005, Porto Alegre. Anais... Porto Alegre: Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 2005. p. 2594-602.

GUTERMAN, M. **O futebol explica o Brasil**: uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Contexto, 2010.

KOWALSKI, M. **Por que Flamengo?** Tese de Doutorado em Educação Física. Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2001.

KUNZ, E. **Didática da educação física 3**: futebol. Org. Elenor Kunz. - Ijuí: Ed. Inijuí, 2003.

LEITÃO, L. A.; TUBINO, M. J. G. A moral e a ética do carrinho no futebol - Desábato. **Revista Digital, Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, v. 8, n. 47, abril 2002.

LEITE LOPES, J. S. “A vitória do futebol que incorporou a pelada”. Em: **Revista da USP**. Dossiê Futebol, São Paulo, USP, n.22, jun-agosto de 1994

LEVER, J. **A loucura do futebol**. Rio de Janeiro: Record, 1983.

LEVINE, R. “O caso do futebol brasileiro”. Em: WITTER, José S. (org.). **Futebol e Cultura**. São Paulo: Convênio Imesp/Daesp, 1982.

LONER, B. A. **Construção de classe**: operários de Pelotas e Rio Grande (1888-1930). Pelotas: Ed. UFPel., 2001.

MACHADO, A. A. **Psicologia do esporte: temas emergentes I**. São Paulo: Ápice, 1997

MÁXIMO, J. Memórias do futebol brasileiro. **Estudos Avançados: Dossiê Memória**. Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo. Estud. av. vol. 13. São Paulo, SP. 1999.

MELO, V. A. Causa e consequência: esporte e imprensa no Rio de Janeiro do século XIX e década inicial do século XX. Em: HOLLANDA, B. B. B., MELO, V. A. (org.). **O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012. p. 21-51.

MURAD, M. **A violência e o futebol: dos estudos clássicos aos dias de hoje**. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

MURPHY, P, WILLIAMS, J; DUNNIN, E. **O futebol no banco dos réus: violência dos espectadores num desporto em mudança**. Oeiras/Portugal: Celta Editora, 1994

NEGREIROS, P. J. L. Futebol no Estado Novo - algumas questões. Em: **Coletânea do III encontro nacional de história do esporte, lazer e educação física**. Curitiba, Anais. 1995.

PEREIRA, L. A. De M. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro – 1902 -1938**. Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 2000.

PERRUSI, A. Notas sobre violência e futebol. Em: **Revista eletrônica de ciências sócias da UFPB**. Abril de 2000, Número Um, João Pessoa, PB, 2000.

RAMOS, M. G. **SC Rio Grande - Centenário do futebol brasileiro**. Rio Grande: Editora da FURG, 2000, 211 p.

RIBEIRO, D. de A. Federação Riograndense de Desportos: conflitos com clubes de futebol. Em: **Repositório Digital – UFRGS**. 2011.

RIBEIRO, R. R. **A bola em meio a ruas alinhadas e a uma poeira infernal: os primeiros anos do futebol em Belo Horizonte (1904-1921)**. Dissertação de Mestrado em História. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas – UFMG, Belo Horizonte, 2007.

RIGO, L. C. **Memórias de um futebol de fronteiras**. Pelotas: Editora Universitária UFPEL, 2004.

_____. O Porto e a Fronteira: Notas Sobre o Pioneirismo do Futebol do Interior Gaúcho. Em: **Memórias do Esporte e do Lazer no Rio Grande do Sul**. GOELLNER, S. V. VON MULLEN, J. C. (Orgs). Porto Alegre: FUNDERGS, 2013. PP. 39 -52.

RODRIGUES FILHO, M. **O negro no futebol brasileiro**. São Paulo: Civilização Brasileira, 1964.

ROLNIK, S. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Sulina, 2006.

SANTOS, T. C. Os primeiros passos do profissionalismo ao futebol como megaevento. Em: **Intercom**. 1999.

SCHWARZSTEIN, D. Desafios da história oral latino americana. Em: FERREIRA, MARIETA DE MORAES et al (org.). **História oral**: desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz / Casa de Oswaldo Cruz / CPDOC – Fundação Getúlio Vargas, 2000, p. 99 -103.

SEVCENKO, N. **Orfeu extático na metrópole**: São Paulo, sociedade, cultura nos frementes anos 20. São Paulo, Companhia das letras, 1992.

SILVA, S. R. da. **Tua Imensa Torcida é Bem Feliz...** da relação do torcedor com o clube. Campinas, 1998. Tese de Doutorado em Estudos do Lazer. Faculdade de Educação Física – UNICAMP, Campinas, 2001.

_____. A construção social da paixão no futebol: o caso do Vasco da Gama. Em: DAOLIO, Jocimar. **Futebol, cultura e sociedade**. Campinas: Autores Associados, 2005.

SILVEIRA, T. T; FRANÇA, M. T. Memórias do basquetebol na cidade do Rio Grande (RS). Em: **I seminário nacional de sociologia e política UFPR**. 2009.

SOARES, A. J; HELAL R; SANTORO, M. A. Futebol, imprensa e memória. Em: **Revista Fronteiras**: Estudos midiáticos. São Leopoldo, Unisinos 06 (1): 61-78, jan/jun.2004.

SOARES, C; MICHEL, M. de O. As Mulheres no Jornalismo Esportivo no Rio Grande do Sul. Em: **Intercom**: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Curitiba, PR. 2009.

SOUZA NETO, G. J. de. **A invenção do torcer em Belo Horizonte: da assistência ao pertencimento clubístico (1904-1930)**. [manuscrito] / Georgino Jorge de Souza Neto – 2010. 130p.

TORRES, L. H. **Rio Grande**: 180 anos de jornalismo. Rio Grande, RS: Editora da FURG, 2012.

TRINDADE, H. Aspectos políticos do sistema partidário republicano rio-grandense (1882-1937). Em DACANAL e GONZAGA (Orgs.). RS: **Economia e política**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1979.

WISNIK, J. M. **Veneno remédio**: o futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das letras, 2008.

YAMANDU, W; GÓIS JUNIOR, E. Profissionalismo “marrom” do futebol e a imprensa paulista (1920-1930). Recorde: **Revista de História do Esporte**, v. 5, n. 2, 2012.

Jornais:

Agora, de 12 de novembro de 2010.

Agora, de 18 de novembro de 2013.

Agora, de 19 de novembro de 2013.

Agora, de 27 de novembro de 2013.

Diário Popular, de 16 de outubro de 2005.

O Tempo. **Coluna Desportos**, de 1º de janeiro de 1930.

O Tempo. **Coluna Desportos**, de 15 de maio de 1930.

O Tempo. **Coluna Desportos**, de 04 de julho de 1930.

O Tempo. **Coluna Desportos**, de 03 de setembro de 1930.

O Tempo. **Coluna Desportos**, de 30 de setembro de 1930.

O Tempo. **Coluna Desportos**, de 02 de outubro de 1930.

O Tempo. **Coluna Desportos**, de 16 de outubro de 1930.

O Tempo. **Coluna Desportos**, de 13 de dezembro de 1930.

O Tempo. **Coluna Desportos**, de 27 de janeiro 1931.

O Tempo. **Coluna Desportos**, de 05 de março 1931.

O Tempo. **Coluna Desportos**, de 05 de maio de 1931.

O Tempo. **Coluna Desportos**, de 23 de junho de 1931.

O Tempo. **Coluna Desportos**, de 7 de julho 1931.

O Tempo. **Coluna Desportos**, de 13 de agosto 1931.

O Tempo. **Coluna Desportos**, de 14 de agosto 1931.

O Tempo. **Coluna Desportos**, de 16 de agosto 1931.

O Tempo. **Coluna Desportos**, de 18 de agosto 1931.

O Tempo. **Coluna Desportos**, de 19 de agosto 1931.

- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 3 de setembro 1931.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 6 de setembro 1931.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 9 de setembro 1931.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 13 de setembro de 1931.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 6 de dezembro 1931.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 10 de dezembro de 1931.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 27 de dezembro de 1931.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 17 de fevereiro 1932.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, 02 de março de 1932.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, 15 de março de 1932.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, 20 de março de 1932.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 01 de abril 1932.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 03 de abril 1932.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 06 de abril de 1932.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 08 de abril de 1932.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 16 de abril 1932.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, 18 de julho de 1932.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 14 de agosto 1932.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 6 de setembro 1932.

- O Tempo. **Coluna Desportos**, 23 de novembro de 1932.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, 23 de dezembro de 1932.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, 28 de dezembro de 1932.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 10 de janeiro de 1933.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 11 de janeiro de 1933.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 19 de março de 1933.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 21 de março de 1933.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 16 de abril de 1933.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 19 de abril de 1933.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 15 de maio de 1933.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 12 de junho de 1933.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 13 de junho de 1933.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 18 de junho de 1933.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 27 de junho de 1933.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 23 de julho de 1933.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 09 de agosto de 1933.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 22 de agosto de 1933.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 31 de agosto de 1933.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 5 de setembro de 1933.

- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 17 de setembro de 1933.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 24 de outubro de 1933.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 31 de outubro de 1933.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 07 de novembro de 1933.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 10 de novembro de 1933.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 11 de novembro de 1933.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 17 de novembro de 1933.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 21 de novembro de 1933.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 23 de novembro de 1933.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 24 de novembro de 1933.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 31 de novembro de 1933.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 13 de maio de 1934.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 12 de junho de 1934.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, 13 de novembro de 1934.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 17 de novembro de 1934.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 18 de novembro de 1934.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 04 de dezembro de 1934.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 26 de março de 1935.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 27 de março 1935.

- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 11 de maio de 1935.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 12 de maio de 1935.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 13 de maio de 1935.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 14 de maio de 1935.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 15 de maio de 1935.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 23 de maio de 1935.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 28 de maio de 1935.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, 05 de junho de 1935.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 21 de agosto de 1935.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 27 de novembro de 1935.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 01 de dezembro de 1935.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 08 de dezembro de 1935.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 09 de fevereiro de 1936.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 17 de março de 1936.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 25 de junho de 1936.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 01 de julho de 1936.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 01 de dezembro de 1936.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 08 de dezembro de 1936.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 15 de dezembro de 1936.

- O Tempo, **Coluna Desportos**, de 15 de janeiro de 1937.
- O Tempo, **Coluna Desportos**, de 18 de janeiro de 1937.
- O Tempo, **Coluna Desportos**, de 23 de janeiro de 1937.
- O Tempo, **Coluna Desportos**, de 24 de janeiro de 1937.
- O Tempo, **Coluna Desportos**, de 25 de janeiro de 1937.
- O Tempo, **Coluna Desportos**, de 26 de janeiro de 1937.
- O Tempo, **Coluna Desportos**, de 07 de março de 1937.
- O Tempo, **Coluna Desportos**, de 27 de abril de 1937.
- O Tempo, **Coluna Desportos**, de 01 de junho de 1937.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 13 de junho de 1937.
- O Tempo, **Coluna Desportos**, de 02 de novembro de 1937.
- O Tempo, **Coluna Desportos**, de 10 de novembro de 1937.
- O Tempo, **Coluna Desportos**, de 15 de novembro de 1937.
- O Tempo, **Coluna Desportos**, de 17 de novembro de 1937.
- O Tempo, **Coluna Desportos**, de 23 de novembro de 1937.
- O Tempo, **Coluna Desportos**, de 28 de novembro de 1937.
- O Tempo, **Coluna Desportos**, de 30 de novembro de 1937.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 12 de janeiro de 1938.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 18 de janeiro 1938.

- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 08 de fevereiro 1938.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 11 de fevereiro de 1938.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 28 de março de 1938.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 08 março de 1938.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 19 de março de 1938.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 26 de março de 1938.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 13 de maio de 1938.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 01 de junho de 1938.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 21 de junho de 1938.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 11 de agosto de 1938.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 15 de setembro de 1938.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 24 de setembro de 1938.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 27 de setembro de 1938.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 13 de novembro de 1938.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 07 de dezembro de 1938.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 13 de dezembro de 1938.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 27 de dezembro de 1938.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 10 de janeiro de 1939.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 25 de janeiro de 1939.

- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 27 de janeiro de 1939.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 28 de janeiro de 1939.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 03 de março de 1939.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 13 de março de 1939.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 12 de junho de 1939.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 05 de julho de 1939.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 26 de julho de 1939.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 24 de setembro de 1939.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 03 de outubro de 1939.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 10 de outubro de 1939.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 14 de outubro de 1939.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 22 de outubro de 1939.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 26 de outubro de 1939.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 28 de outubro de 1939.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 05 de janeiro de 1940.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 10 de janeiro de 1940.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 18 de janeiro de 1940.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 20 de janeiro de 1940.
- O Tempo. **Coluna Desportos**, de 23 de janeiro de 1940.

O Tempo. **Coluna Desportos**, de 25 de janeiro de 1940.

Zero Hora. **Origens do Rio Grande**, de 04 de dezembro de 1996.

Sites:

<<http://brasilrepublica.com/riograndedosul>>. Acessado em 10 de agosto de 2013.

<<http://cacellain.com.br/blog/>>. Acessado em 18 de abril de 2013.

<<http://ibge.gov.br>>. Acessado em 10 de agosto de 2013.

<<https://maps.google.com.br/>>. Acessado em 15 de agosto de 2013.

<<http://www.portoiogrande.com.br>>. Acessado em 23 de novembro de 2013.

<<http://reliquiasdofutebol.blogspot.com.br>>. Acessado em 13 de agosto de 2013.

<<http://riogrande.rs.gov.br>>. Acessado em 18 de junho de 2013.

<<http://riograndeturismo.com.br>>. Acessado em 18 de junho de 2013.

<<http://saopaulors.com.br>>. Acessado em 10 de junho de 2013.

<<http://uol.com.br/michaelis>>. Acessado em 10 de março de 2013.